Vida

Cyril J. Barber

Neemias

e a dinâmica da liderança eficaz

DIGITALIZAÇÃO: EMANUENCE DIGITAL

EDIÇÃO: ADRIANO LOPES

NEEMIAS

e a dinâmica da liderança eficaz

CYRIL J. BARBER

Tradução de
Elizabeth Stowell Charles Gomes

ISBN 85-7367-335-4

Categoria: Comentário Bíblico

Este livro foi publicado em inglês com o título
Nehemiah and the Dynamics of Effective Leadership, por
Loizeaux Brothers, Inc.

1ª impressão, 1982
2ª impressão, 1985
3ª impressão, 1987
4ª impressão, 1990
5ª impressão, 1991
6ª impressão, 1991
7ª impressão, 1994
8ª impressão, 1996
9ª impressão, 1998
10ª impressão, 1999
11ª impressão, 2000
12ª impressão, 2001
13ª impressão, 2003
14ª impressão, 2005

Editora Vida, rua Júlio de Castilhos, 280
03059-000 São Paulo, SP — Telefax: (11) 6618-7000

Capa: Ana Maria Bowen

Filiado a:

Impresso no Brasil, na Editora Betânia

Este livro é dedicado a:
DR. HOWARD G. HENDRICKS
Professor de Bíblia por excelência,
quem primeiro me ensinou como estudar a Bíblia
e
a meus filhos
ALLAN e STEPHEN
os quais, em nosso estudo da Palavra,
participaram comigo na alegria da descoberta

Índice

PREFÁCIO

No começo de minha carreira fui colocado numa posição de responsabilidade administrativa para a qual não estava devidamente preparado. De alguma forma as matérias que precisei estudar para me graduar em ciências contábeis nunca incluíram os princípios básicos de liderança pessoal. Isto, é claro, foi antes da chamada "revisão de currículo", que se tornou a ruína das instituições de educação. Foi também antes de autores como Argyris e Drucker, Fiedler e Likert, Montgomery e Stogdill terem publicado o que aprenderam através de seus anos de experiência. Só após minha própria mudança de profissão, vinte anos mais tarde, é que fiz o meu primeiro curso de administração.

No período decorrido entre o início de minha carreira profissional e esta mudança tive de aprender muito. E cometi muitos erros! Felizmente, encontrei no livro de Neemias o de que eu precisava, isto é, direção quanto à maneira de lidar com os problemas administrativos do cotidiano. Na realidade, as "memórias" de Neemias são tão empolgantes que faço questão de estudá-las pelo menos uma vez por ano.

Com o correr do tempo fiquei conhecendo outras pessoas em situações semelhantes. Seminaristas tornaram-se pastores e precisavam de sugestões sobre como trabalhar com a mesa administrativa de suas igrejas. Mecânicos tinham-se tornado chefes de secção e agora tinham de saber preparar relatórios. Engenheiros tinham sido promovidos da obra construtora para serviços burocráticos e precisavam de orientação em relações públicas. Escriturários tinham-se tornado chefes de departamentos e necessitavam de conselhos quanto à supervisão de pessoal. E missionários tornaram-se superintendentes de campo—e em todos esses casos, com resultados desastrosos.

Comecei a falar do que aprendi em Neemias com grupos de homens e mulheres de empresa há uns quinze anos. Estes estudos informais foram mais tarde ampliados para incluir seminários de pastores e retiros de missionários nos Estados Unidos e no Canadá, bem como palestras expositivas mais populares dirigidas àqueles que se preparavam para o ministério em faculdades e seminários teológicos.

Este livro é resultado e extensão desses encontros. Procura apresentar de modo bem simples os princípios que tanto beneficiaram minha própria vida.

Espero que este material estimule outros a aprofundar-se por si

mesmos nas Escrituras, pois não há substituto para o estudo pessoal da Palavra de Deus!

Sou devedor àqueles que graciosamente deram de seu tempo datilografando e revisando estas páginas. Esta tem sido uma verdadeira obra de amor. Sou também grato ao Dr. Howard G. Hendricks, do Seminário de Dallas, por suas palestras sobre análise bíblica. O que aprendi sob sua orientação profundamente capacitada continua a ter influência tremenda sobre minha própria vida. Além do mais, desejo expressar minha gratidão sincera a Robert Barneson, da firma Flour Engineers and Contractors, de Los Angeles, e ao Dr. Robert D. Culver, da Primeira Igreja Evangélica Livre de Lincoln, Nebraska, por sua bondade em ler o manuscrito e oferecer muitas sugestões úteis.

CYRIL J. BARBER

Rosemead Graduate School of Psychology
Rosemead, Califórnia

INTRODUÇÃO

Onde se encontra!

Neemias 1:1-4

Quando falava a um grupo de empresários sobre o assunto de liderança, um destacado industrial ressaltou que *"a história humana é o relato de realizações de massas sob liderança"*.

Se refletirmos sobre esta observação notaremos que em nossas igrejas e no campo missionário, no ensino e no comércio, na política e na medicina, somos dependentes de liderança. Porém, é necessário fazer perguntas básicas a respeito de liderança e dar-lhes resposta. Por exemplo: Qual é sua base? Quantos líderes desenvolvem todo o seu potencial? Quais os passos que podem conservar os resultados do sucesso? Quantos líderes avaliam seu progresso atual e se preparam para os desafios do futuro?

Existem muitas fórmulas de liderança bem-sucedida. Cada pessoa, parece-me, tem sua própria fórmula. A variedade quase infinita nos confunde. Permita-se-me contar como vim a conhecer a solução.

Conheci o Senhor Jesus Cristo como Salvador durante meu segundo ano nos negócios. Este encontro me transformou completamente a vida. Logo no início reconheci a necessidade de colocar a Cristo em primeiro lugar em minha vida. Além do mais, aprendi que se eu quisesse crescer espiritualmente, precisaria estudar a Bíblia por mim mesmo. À medida em que começava a examinar as Escrituras, descobri que Deus nos comunicou as coisas que precisamos conhecer sobre nossa existência secular, bem como uma vida de santidade (1 Pedro 1:3-4). Aprendi também que cada livro da Bíblia tem um propósito específico. Por exemplo, no livro de Provérbios Deus explicou o lugar e a importância das relações humanas. Em Cantares de Salomão ele nos deu um modelo para ajustamento no casamento. Em 2 Timóteo ele nos ensina como viver no meio do declínio espiritual. Na primeira epístola de João ele descreve como podemos manter comunhão com ele.

Mas o que existe na Bíblia para os que se acham em posições de liderança?

Foi o Dr. V. Raymond Edman que, no livro *The Disciplines of Life* (As Disciplinas da Vida), chamou minha atenção pela primeira vez para o livro de Neemias. Neste livro encontrei o que eu procurava! Aqui

havia princípios específicos de que eu precisava. Do livro de Neemias aprendi como *planejar* o meu trabalho, *organizar* o meu tempo e os meus recursos, *integrar* minhas tarefas no funcionamento total da companhia, *motivar* a outros, e *avaliar* os resultados. Aprendi a importância de estabelecer *alvos* realistas, e descobri o que fazer antes de atingir os meus objetivos.

Enquanto estudava o livro aprendi, para minha surpresa, que Deus já previu os problemas daqueles que estão em postos de gerência. Ele também nos ensina como lidar com a oposição. Explica a diferença entre o "líder de tarefa" e o "especialista sócio-emocional". Demonstra-nos o que devemos fazer quando assumimos um novo emprego. Dá-nos exemplo de como conduzir-nos em situações delicadas e difíceis. E, mais importante ainda, ele nos demonstra a importância e o valor prático das convicções religiosas na boa administração.

Desde a primeira vez em que li *The Disciplines of Life*, em 1948, até o presente momento, tenho feito questão de estudar o livro de Neemias pelo menos uma vez por ano. Isto tem sido feito com o propósito de refrescar minha memória quanto à informação importante contida nestas "memórias". O contato contínuo com a riqueza do material que se encontra nesse livro ajudou-me a fazer um inventário da qualidade de meu próprio trabalho, de meus objetivos e de minhas relações. Tenho encontrado nesta porção da Palavra de Deus um comentário surpreendente e perspicaz da declaração do Apóstolo Paulo: "E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai. . . tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens" (Colossenses 3:17-23).

Problema Número Um

O primeiro problema que enfrentamos ao iniciar o estudo do livro de Neemias é o de interpretação. Alguns dos primeiros trabalhos que li sobre Neemias espiritualizavam o texto. Os escritores enfrentavam o fato de que o livro de Neemias se encontra no Antigo Testamento e, como tal, diz respeito a Israel e não à Igreja. Achavam-se na obrigação de tornar o Antigo Testamento mais significativo para os crentes, e para isto procuravam princípios espirituais que poderiam ser aplicáveis à Igreja coletivamente e aos crentes individualmente. Adotavam o método *alegórico* de interpretação.

Existem problemas com essa espécie de interpretação. Conforme Bernard Ramm ressaltou, "A Bíblia, tratada alegoricamente, torna-se em massa mole nas mãos do exegeta. Sistemas doutrinários diferen-

tes poderiam surgir dentro do esquema de hermenêutica alegórica [interpretação] e não haveria meio de determinar qual seria a interpretação verdadeira. . . O método alegórico ressalta o subjetivo e o triste resultado é o obscurecimento da Palavra de Deus."[1]

Nosso método não será de fugir do Judaísmo pela espiritualização daquilo que Neemias escreveu. Seguiremos uma interpretação normal, coerente e literal do texto. Afinal de contas, Neemias era uma pessoa de carne e osso. Enfrentou problemas reais. Construiu um muro verdadeiro. Incluiremos em nossa interpretação informações pertinentes ao contexto histórico, à situação geográfica, e ao pano de fundo cultural do povo. Seguindo a designação "básica e costumeira" da sociedade, daquilo que Neemias considerou importante documentar, poderemos interpretar acertadamente aquilo que lemos. Então, em vez de procurar significados espirituais secundários, estaremos livres para procurar *princípios*. Descobriremos que esses princípios são para todos os tempos. Com eles, estaremos em condições de aprender mais da dinâmica da liderança bem sucedida—seja a nossa esfera de serviço o pastorado, o campo missionário, uma firma, ou o governo.

Conheça o Homem da Corte

Mas o que dizer de Neemias? Quem era ele? Quando e onde ele viveu? O que ele fazia?

Neemias era provavelmente da tribo de Judá (ver Neemias 1:2; 2:3; 7:2), e pode ser que fosse até descendente do rei Davi (ver Neemias 1:4 e 1 Crônicas 3:19). Ele se apresenta como "o filho de Hacalias". Nada se sabe de seu pai, por isso concluímos que ele tenha sido levado cativo quando Jerusalém caiu nas mãos dos babilônios. É provável que Neemias tenha nascido no cativeiro e foi cercado por todas as influências corruptoras do antigo Oriente Próximo.

Quando encontramos Neemias ele está servindo como copeiro do rei (Neemias 1:11) em Susã, principal palácio e residência de inverno do monarca. Como copeiro, ele se encontra em posição singular. Exerce ao mesmo tempo os cargos de primeiro-ministro e mestre-de--cerimônias. O temor de intriga e a ameaça constante do assassínio do rei faziam com que ele vivesse uma vida muito solitária. Era, portanto, natural que o rei se achegasse a um homem de sabedoria, discrição e habilidade. Um copeiro com os interesses do rei no coração, que se mantinha atualizado, poderia exercer grande influência sobre o seu soberano. Além de provar o vinho do rei, ele também era responsável por guardar os aposentos reais.

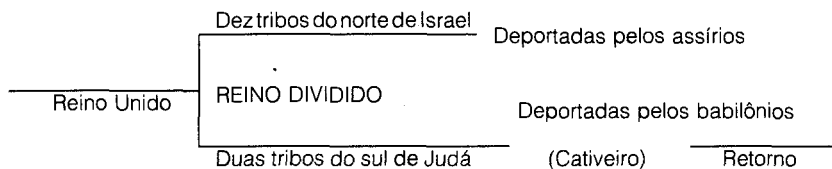
Quando Neemias começa seu relato, ele conta de uma visita que

recebeu de seu irmão Hanani. "No mês de quisleu [novembro/dezembro] no ano vigésimo [de Artaxerxes I, 445 a. C.], estando eu na cidadela de Susã, veio Hanani, um dos meus irmãos, com alguns de Judá; então lhes perguntei pelos judeus que escaparam, e que não foram levados para o exílio, e acerca de Jerusalém. Disseram-me: Os restantes, que não foram levados para o exílio e se acham lá na província, estão em grande miséria e desprezo; os muros de Jerusalém estão derribados, e as suas portas queimadas a fogo."

A informação que Neemias recebe é desalentadora. Todas as tentativas de reconstruir o muro foram frustradas (Esdras 4:4-24). Ele sabe que uma "cidade sem portais com trancas e muralhas bem altas não é cidade". Está sem defesa e não pode oferecer proteção aos que se encontram nela. Como resultado, poucas pessoas moram na capital (Neemias 11:1).

Mas por que os judeus se encontravam em condições tão deploráveis? O que aconteceu com eles desde o estabelecimento do reino davídico e da era dourada de Salomão?

A História Não Precisa Ser Odiosa

O livro de Neemias ocupa lugar importante no palco histórico. O povo hebreu tinha sido outrora força poderosa no Oriente Próximo. Mas o reino que Davi estabeleceu dividiu-se em dois. As dez tribos do norte formaram um reino e as duas tribos do sul juntaram suas forças para estabelecer outro. Desde este tempo, tiveram mistura de êxito e infortúnio. A idolatria predominava. Finalmente (em 722 a. C.) Deus castigou as tribos do norte permitindo que os assírios os dominassem. Foram levados cativos, deportados e estabelecidos entre outras nações.

Só Judá sobreviveu. Porém, as tribos sulistas falharam em aprender da experiência de Israel. Como resultado, elas também foram levadas cativas e deportadas,[2] desta feita pelos babilônios (Jeremias 25:11-12; Daniel 9:2). Durante os setenta anos que os judeus passaram no cativeiro, o poder babilônico foi quebrado pelas forças dos medos e

dos persas. Sob nova administração, o rei Ciro (550-530 a. C.) deu--lhes permissão para retornar à Palestina e reconstruir o Templo (Esdras 1:1-3). Os primeiros exilados voltaram sob a liderança de Zorobabel (538 a. C.—Esdras 1-6). Foi lançado o alicerce do Templo, mas a obra sofreu oposição dos samaritanos ao norte, e mais de quinze anos se passaram antes que o Templo fosse completado.

Mais tarde, outro grupo de judeus voltou a Jerusalém. Eram liderados por Esdras (458 a. C.—Esdras 7-10). Quando Esdras chegou à Palestina, encontrou o povo em condições deploráveis—espiritual e moralmente. Portanto ele iniciou um ministério amplo de ensino (Esdras 7:10). Conforme veremos, o ensino da Lei que Esdras ministrou produziria frutos quatorze anos mais tarde (Neemias 8—10).

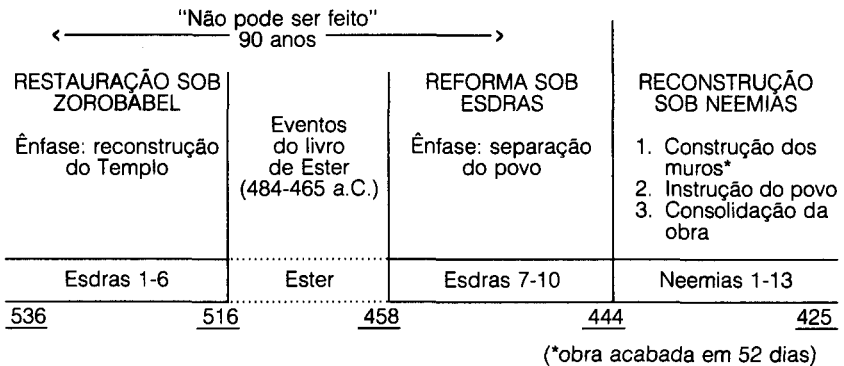
Finalmente, durante o reinado de Artaxerxes I Longimanus (465 a 424 a. C.) Neemias voltou a Judá. Sem muros para protegê-las, as pessoas estavam sendo constantemente molestadas. A moral estava baixa. Os ricos exploravam os pobres, e os mesmos pecados que levaram ao cativeiro estavam sendo praticados uma vez mais. A depressão econômica e a ignorância espiritual acentuavam ainda mais a desunião do povo.

PANORAMA DE ESDRAS — NEEMIAS

<—— "Não pode ser feito" 90 anos ——>

RESTAURAÇÃO SOB ZOROBABEL Ênfase: reconstrução do Templo	Eventos do livro de Ester (484-465 a.C.)	REFORMA SOB ESDRAS Ênfase: separação do povo	RECONSTRUÇÃO SOB NEEMIAS 1. Construção dos muros* 2. Instrução do povo 3. Consolidação da obra
Esdras 1-6	Ester	Esdras 7-10	Neemias 1-13

536 — 516 — 458 — 444 — 425

(*obra acabada em 52 dias)

O modo pelo qual Neemias uniu o povo e levou-o a cumprir uma tarefa aparentemente impossível é bastante inspirador. A estratégia que ele empregou está totalmente atualizada com as mais recentes pesquisas de motivação e tem sido usada por empresários e líderes eclesiásticos através dos anos.

Sinopse

Se aprendermos um resumo básico tríplice e pudermos prever o conteúdo deste livro poderemos entender o raio de ação das "memórias" de Neemias.

CONSTRUÇÃO DOS MUROS	INSTRUÇÃO DO POVO	CONSOLIDAÇÃO DA OBRA
1 — 7	8 — 10	11 — 13
Princípios de Liderança Eficaz	Princípios de Renovação Espiritual	Princípios de Excelência Administrativa

Mas o que dizer de Neemias? Qual foi sua resposta ao relato trazido por Hanani? O que fez com que ele fosse até Jerusalém? Como ele conseguiu fazer o que ninguém mais tinha sido capaz de realizar?

Tão logo soube das condições de Judá, Neemias começou imediatamente a interceder em favor de seus irmãos (Neemias 1:4-11). Ele demonstra pelos seus atos que tem profundo interesse por eles. Quatro meses de oração intensiva finalmente resultam na resposta desejada—mas de forma que o coloca numa posição muito desagradável (2:1-8). Sua lealdade e seu tato, porém, ajudam-no a lidar com essa situação difícil e potencialmente perigosa, e o rei lhe dá permissão para voltar a Judá. Ele viaja até Jerusalém, e, com sua chegada, avalia rapidamente a situação. Então desafia o povo com a necessidade de reconstruir o muro de sua cidade (2:9-20).

O capítulo 3 contém uma lista daqueles que se ofereceram para reconstruir o muro da cidade. De relance parece ser uma lista seca e desinteressante de nomes. Um exame de mais perto revela que está permeada com princípios importantes de liderança eficaz. Deste documento podíamos ser tentados a concluir que a reconstrução do muro da cidade foi feita em face de forte oposição (Neemias 4-6). A oposição, porém, por sua própria natureza, segue essencialmente o mesmo modelo, não importa o tempo ou as circunstâncias; e o valor desta porção das Escrituras para nós está em que Neemias nos mostra como lidar com a oposição e obter sucesso.

Latentes nestes primeiros capítulos de Neemias estão os princípios de um "especialista em tarefas" e um "perito sócio-emocional". Os

que estiverem interessados na "diferenciação de papéis" dentro de grupos e desejam estudar "dinâmica de grupo" perceberão que os capítulos 4 a 6 estão repletos de informações práticas.

A construção do muro—tarefa que muitos consideravam impossível—é concluída em cinqüenta e dois dias; Neemias, tendo atingido seu primeiro objetivo, demonstra ser um sábio administrador consolidando imediatamente seus lucros (Neemias 7). Seu trabalho é interrompido por um despertamento espiritual, pois Deus vê o seu povo incapaz de governar-se a si mesmo, e intervém, trazendo um verdadeiro despertamento espiritual. Durante este tempo de renovação, Neemias sabiamente fica nos bastidores. Esdras, juntamente com os sacerdotes e levitas, instrui o povo na Lei. Eles guardam a festa dos tabernáculos e entram solenemente numa aliança com o Senhor (Neemias 8—10).

Somente após o preparo espiritual do povo para suas novas responsabilidades é que Neemias pode continuar a obra de consolidação. Isso se faz com o repovoamento de Jerusalém (Neemias 11), com a consagração dos muros da cidade, e com a comprovação de que o ministério no Templo será mantido (12:1—13:3).

Os anos restantes do primeiro período em que Neemias é governador passam sem grandes eventos. Em 432 a. C. ele volta à corte persa de Artaxerxes. Lá permanece doze anos, e em 420 a. C. mais uma vez é incumbido da responsabilidade de governar a província de Judá. Quando chega a Jerusalém, descobre que o povo se afastou do Senhor. Portanto ele inicia uma reforma vigorosa e purifica o povo das práticas que o impedem de receber as bênçãos de Deus (Neemias 13:5-31).

Em nosso estudo destacaremos três tópicos importantes: as características básicas da liderança dinâmica; a importância de princípios espirituais e a necessidade de sólida política administrativa. À medida em que estudamos cada secção, examinaremos também as crenças de Neemias a fim de determinar a contribuição de suas convicções religiosas à liderança bem sucedida. O próximo capítulo esclarecer-nos-á o que foi que fez de Neemias o grande homem de seu tempo.

CAPÍTULO 1

A Maior Força da Terra

Neemias 1:4-11

A oração tem sido chamada de "a maior força da terra". Há pessoas, porém, que acham que ela está fora de propósito em nossa sociedade altamente sofisticada. Dizem que com todos os nossos avanços tecnológicos, a oração simplesmente impede a ação. Outros chegam ao ponto de dizer que a crença num relacionamento vital com Deus tem sido mantida viva pelos "egos pueris de homens inferiores".

Apesar destas críticas, muitos há que descobriram que a oração os sustém quando os problemas que enfrentam parecem sobrepujá-los. Abraão Lincoln confessou: "Tenho sido levado muitas vezes a ajoelhar-me pela convicção esmagadora de que eu não tinha outra saída. Minha própria sabedoria e a dos que estão a meu redor pareciam insuficientes para o dia."

A Chave da Excelência

Em suas "memórias" Neemias conta-nos de sua experiência com a oração. Ele enfrentou uma situação que lhe era grande demais. Ela dizia respeito ao povo de Deus "na província além do rio". Ele encontrava-se na Babilônia e sentia-se impossibilitado de ajudá-los. Voltou-se para Deus em oração; do seu exemplo aprendemos como a oração pode tornar-se força eficaz em nossas vidas.

Ao examinarmos Neemias de mais perto, vemos que para a oração ser eficaz, deve ser precedida por um conhecimento de uma necessidade. Alan Redpath ressaltou: "Muitas de nossas orações são apenas pedidos a Deus que abençoe alguém que está doente, e nos mantenha na labuta. Mas a oração não é mera tagarelice: é uma guerra."[1]

Quando Hanani e os demais vieram estar com Neemias, ele perguntou-lhes como estava o povo e quais as condições da cidade de Jerusalém. Para esta pergunta geral ele recebeu uma resposta específica. "Os remanescentes [os que sobraram] estão em grande

miséria e desprezo, e os muros de Jerusalém estão derribados, e as suas portas queimadas a fogo."

Jerusalém tinha sido destruída pelos babilônios em 586 a. C. (2 Reis 25:10). Apesar de repetidas tentativas de reconstruir o muro (Esdras 4:7-16), a cidade ainda se encontrava em ruínas. Sem muro para protegê-la, o povo estava sem defesas. Ladrões das montanhas podiam vir inesperadamente e levar suas possessões. Visto como não tinham forças para defender-se, eles tinham perdido sua posição aos olhos das outras nações (ver Neemias 2:17; 4:2-3; Salmo 79:4-9). O que é ainda pior: tinham perdido seu respeito-próprio. Estavam humilhados porque, conforme diziam seus próprios profetas, os muros de Jerusalém deveriam simbolizar proteção e seus portais, louvor (Isaías 60:18).

O conhecimento das condições de seu povo leva Neemias a orar. Ele chora e lamenta por eles durante dias. Também jejua e ora a Deus a favor deles.

Alguns comentaristas crêem que Artaxerxes estivesse ausente do palácio na época em que Neemias recebeu a notícia de Hanani. Pela leitura do capítulo 2 parece-nos mais provável que Neemias tivesse continuado nos seus deveres e não tivesse permitido que sua preocupação pessoal interferisse no seu trabalho. Comparando Neemias 1:4 e 2:1-2, percebemos como ele tinha autocontrole. Era bem diferente dos fariseus que queriam que os homens vissem sua aparente devoção (Mateus 23:14; Marcos 12:40). Só após quatro meses de oração intensa e negação de si mesmo é que o rei viu alguma mudança na aparência geral de Neemias.

Em pé no meio da brecha[2]

Nos versículos que se seguem, temos a espécie de oração que produz resultados. Notamos que para que a oração seja eficaz, ela tem de ser conduzida numa atitude de reverência.

Neemias começa sua oração com adoração e culto a Deus. "Ah! Senhor [Yahweh][3], Deus dos céus, Deus grande e temível." É óbvia sua sinceridade. Ele focaliza seus pensamentos sobre a grandeza daquele de quem se aproxima. Está reverentemente cheio de temor ante a majestade de Deus. Reconhece a superioridade de Deus como também sua soberania. Quanto maior Deus se torna para ele, menor se torna o seu problema.

A oração de Neemias baseia-se nas Escrituras.[4] Ele pode ter sido criado numa terra cheia de idolatria e servido numa corte pagã, mas isso não fez com que ele deixasse de cultivar sua vida espiritual (compare Colossenses 2:6-7; 2 Pedro 1:5-9). Sua oração demonstra a

extensão de seu conhecimento da Palavra e como a Palavra de Deus controlava sua vida.

Neemias inclui o louvor em sua oração. Suas ações de graça baseiam-se no caráter de Deus. Ele dá graças a Deus porque ele "guarda a aliança e a misericórdia para com aqueles que te amam e guardam os teus mandamentos". Os filhos de Israel ocupavam uma relação singular para com o Senhor. Conforme o costume do antigo Oriente Médio, estavam sob um soberano, um suserano. No seu caso, o "suserano" era o Deus dos céus. Eles eram seus súditos. Ele lhes impunha suas leis, e esperava-se que obedecessem a elas. Em troca de sua lealdade, ele lhes dava proteção. Se eles obedecessem à sua aliança, eles gozariam sua bênção (Jeremias 11:4; 30:22; ver Levítico 26:12).

Neemias sabia que o cativeiro tinha ocorrido porque os israelitas haviam quebrado a aliança com Deus. Contudo ele agradece, porque, em contraste com os outros soberanos que rapidamente castigavam os ofensores, o seu Suserano é misericordioso (Salmo 103:8; 117:2; Joel 2:13), e preserva sua benignidade para com aqueles que guardam os seus mandamentos.

Neemias continua sua prece passando da adoração para os pedidos. Sua atitude é de persistência sincera baseada no fato de que Deus responderá à necessidade de seu povo, se mais uma vez eles se submeterem à sua autoridade (ver 1 Reis 8:29-30, 52; 2 Crônicas 7:14). Com esta confiança ele continua: "Estejam atentos os teus ouvidos, e os teus olhos abertos para acudires à oração do teu servo, que hoje faço à tua presença, dia e noite, pelos filhos de Israel, teus servos."

O modelo de oração seguido por Neemias é muito instrutivo. Tem paralelo no "modelo" dado pelo Senhor Jesus aos seus discípulos (Mateus 6:9-13; Lucas 11:2-4).

Hoje há muitos que, quando oram, seguem a mesma progressão de pensamento que Neemias, mas sem os resultados que ele obteve. Começam com adoração e depois vem a petição. Mas falham em perseverar. A perseverança de Neemias é digna de nota. Ele continuou orando em favor de seu povo noite e dia. Ele poderia ter feito o que tantas vezes fazemos, isto é, prometemos orar a respeito da necessidade de uma pessoa, mas nos esquecemos logo depois que essa pessoa não está mais em nossa presença. Ou ele poderia ter orado uma ou duas vezes, e depois deixado tudo para o Senhor. Mas Neemias persistiu em orar até que obteve de Deus a resposta. Ele não considerava a oração meramente o apertar de um botão que chama um atendente. Não considerava que Deus fosse um "garoto de recados" cósmico que saltasse às suas ordens. Ele sabia que quando

Deus coloca a mão em nossos afazeres, ele usa os seus meios. Neste caso e nesta época, a oração era o meio que Deus estava usando para cumprir os seus intentos (Ezequiel 36:37). Neemias não esperava que Deus respondesse no momento em que ele orasse. Ele reconhecia sua subordinação ao seu Soberano e respeitosamente persistia até que Deus lhe respondesse (Tiago 5:16-18).

A oração não apenas auxilia a colocar nossas vidas em conformidade com a vontade de Deus, como também nos prepara para receber a resposta. À medida em que nos conscientizamos do propósito de Deus, freqüentemente passamos a ver a parte que nos cabe dentro de seu plano. A oração persistente, portanto, tem o propósito de fortalecer a nossa resolução. Recebemos nova confiança. Esta confiança nos ergue do plano de desalento e falta de esperança para nos dar fé que persevera até que tenhamos atingido aquilo que Deus deseja.

A atitude da oração de Neemias é importante. Está em acentuado contraste com algumas orações que não demonstram respeito por aquele a quem se dirige a oração. A atitude de Neemias é de reverência e submissão. Ele sabe que os auto-suficientes não oram; apenas falam consigo mesmos. Os auto-satisfeitos não têm conhecimento de sua necessidade. Os autojustificados não podem orar; não possuem base sobre a qual possam aproximar-se de Deus.

Removendo todas as Barreiras

Focalizando os pensamentos na *natureza* de Deus, Neemias torna-se consciente de uma barreira que impede o seu Suserano de renovar os privilégios da aliança. É o pecado não confessado do povo. Isto ilustra outra lição para nossa vida de oração; isto é, para que a oração tenha efeito, tem de ser acompanhada de confissão. Neemias sabe que o pecado está na base da situação atual. Portanto ele confessa: "Nós pecamos contra ti." Ele não quer apenas culpar a nação, mas identifica a si mesmo com a culpa de seu povo, "eu e a casa de meu pai temos pecado". Esta confissão será particularmente apropriada se Neemias for descendente da linha de Davi.

Começando com esta confissão geral, Neemias passa a dar exemplos específicos: "Temos procedido de todo corruptamente contra ti, não temos guardado os mandamentos, nem os estatutos, nem os juízos, que ordenaste a Moisés, teu servo." Ao dizer isto, é claro que Neemias crê que a miséria de Jerusalém está relacionada diretamente com o pecado não confessado do povo. Ele admite também que o povo não tem méritos próprios. Quebraram a aliança com o Senhor. Ele, porém, fez provisão para sua restauração ao favor divino. E esta provisão torna-se a base do pedido de Neemias.

Ao lembrar a provisão que Deus fez para restaurar o povo ao seu favor, Neemias demonstra outro princípio de oração: para que a oração seja eficaz ela precisa basear-se nas promessas de Deus. "Lembra-te da Palavra que ordenaste a Moisés", diz ele. Então, parafraseando o ensino de Deuteronômio 4:25-31; 30:1-5; Levítico 26:27-45 e 2 Crônicas 6:36-39, pede o cumprimento da promessa de Deus. Este apelo marca o ponto alto de sua oração. Sua confiança no Senhor é tão completa que ele sabe que Deus resolverá todos os detalhes. Conclui referindo-se ao povo como "servos de Deus". Com isso subentende-se uma renovada submissão à autoridade de Deus e o restabelecimento da antiga relação de aliança.

A intercessão de Neemias ressalta a verdade da observação do Dr. R.C. Trench de que "A oração não é vencer a relutância de Deus; é o apropriar-se de sua mais alta disposição".

Neemias continua pedindo o favor do Senhor durante quatro meses (ver Neemias 1:1 [novembro/dezembro] e Neemias 2:1 [março/abril, 445 a. C.]). Durante estas semanas ele vê os problemas com maior clareza. Também começa a compreender a parte que terá de desempenhar como resposta à sua própria oração. Tudo isso se evidencia pela forma com que Neemias termina. Ele pede ao Senhor que o faça prosperar e tenha sucesso ao tornar seu plano conhecido ao rei Artaxerxes. Sabe que lhe será mais difícil deixar a corte persa do que lhe foi para chegar a ela. Ele é membro de confiança da corte, de quem o rei depende para sua segurança. Neemias não sabe *como* Deus vai fazer com que as coisas se desenrolem. Sua confiança no Senhor é tal que ele confiantemente espera que Deus cuide de todos os detalhes.

O Homem que Deus Usa

Enquanto revemos este trecho, descobrimos que contém vários princípios importantes para os líderes de hoje. Um destes princípios é que o líder precisa ter verdadeiro interesse pelos outros. Quando Neemias recebeu a delegação de Jerusalém, demonstrou interesse imediato no bem-estar do povo e de sua cidade. Quando soube de sua situação deplorável, ficou pessoalmente envolvido. Jejuou e orou por eles.

É muito comum que um suposto líder tente subir a escada do sucesso pisando nos outros. Ele explora suas habilidades a fim de assegurar o seu próprio avanço. A importância da preocupação pelos outros foi ressaltada por Sir Arthur Bryant. Num artigo publicado no *Illustrated London News,* este renomado historiador disse: "Ninguém está apto para dirigir os seus semelhantes se não considerar o cuidado

e bem-estar deles como sua primeira responsabilidade, seu dever. . . seu privilégio."

Um líder sábio coloca bem alto em sua lista de prioridades o bem--estar daqueles com quem trabalha. Ele se assegura de que os problemas dos seus liderados sejam resolvidos antes de cuidar de seus próprios problemas. Sabe que se eles estiverem relativamente livres de ansiedade pessoal, poderão desempenhar melhor o seu serviço. Nenhuma companhia, ou igreja, ou instituição educativa, ou missão, poderá ter sucesso em atingir um alvo sem a ajuda daqueles que estão preparados para dar de si mesmos por amor da obra. A preocupação de um administrador capaz se demonstra pela maneira com que trata os seus empregados: seu reconhecimento do que eles contribuem, e a maneira pela qual ele recompensa o serviço que eles prestam (ver Efésios 6:9; Colossenses 3:1).

Isto não é apenas uma política sadia para aqueles que ocupam cargos executivos; é um conselho prático também para os que aspiram a ser empresários, pastores e líderes de missões. Um líder que se identifique de perto com aqueles a quem lidera poderá motivá-los a conseguir mais. Ele poderá avaliar as capacidades individuais, fundi--los numa unidade, e desafiá-los com alvos pessoais e da corporação. Conforme disse Bernard L. Montgomery: "o início da liderança é uma luta pelos corações e pelas mentes dos homens".[5]

Chegamos então a um segundo princípio de liderança bem--sucedida. Embora a preocupação pelas pessoas é requisito necessário para ganhar sua confiança, e a identificação com eles é chave para a motivação, não se pode ignorar ou negligenciar a importância da oração. Na parede de um dos salões do Spurgeon's College, em Londres, estão em letras grandes, as palavras de Cristo: "SEM MIM NADA PODEIS FAZER" (João 15:5). Pela oração podemos conclamar o poder de Deus, pois na oração pedimos a Deus que faça aquilo que nós mesmos somos incapazes de fazer.

Infelizmente temos a tendência de desvalorizar a oração. É tão secreta e tão silenciosa que muitas vezes agimos como se fosse sem importância. O falecido J. Edgar Hoover disse, corrigindo essa impressão: "A força da oração é maior que qualquer possível combinação de poderes controlados pelo homem, pois a oração é o maior meio que o homem tem de recorrer aos recursos infinitos de Deus."

Neemias descobriu que a oração é imensa fonte de poder. Ele enfrentava um problema que lhe era grande demais, por isso levou toda a questão perante o Senhor. Deus então mostrou-lhe a solução. Através da oração Neemias teve nova *perspectiva* do problema, foi

levado a restabelecer suas *prioridades* e recebeu novo sentido de *propósito.*

Como resultado das orações de Neemias em favor do seu povo, um obstáculo aparentemente intransponível foi reduzido a proporções domináveis. No final de quatro meses de intercessão intensiva, Deus tinha dado a Neemias a solução do problema.

A oração também nos dá novas perspectivas. O fundador das lojas Penney costumava dizer a seus colegas: "A verdadeira oração abre os olhos a coisas antes não vistas. Está em contraste com a oração que tem sido mero reflexo dos desejos egoístas de uma pessoa." Quanto maior Deus se torna para nós, tanto melhor será nossa perspectiva da situação e dos problemas que enfrentamos.

Ao tornar-se cônscio daquilo que Deus queria que fizesse, Neemias foi levado a reordenar suas *prioridades.* Veio a entender o seu papel na solução do dilema do seu povo. Descobriu que ele teria parte vital como meio que Deus usaria para atingir os propósitos pelos quais ele tinha orado.

Não temos meios de saber quantas vezes a oração tem mudado o curso da história. Sabemos que, como resultado da oração de Neemias, Deus interveio numa situação aparentemente sem esperança e, operando através de um homem, fez o que parecia ser impossível.

A oração não só estabeleceu as prioridades de Neemias, como também lhe deu um sentido de *propósito.* O reconhecimento de que Deus o enviara, sustentá-lo-ia através das vicissitudes que enfrentaria ao começar a reconstrução dos muros da cidade. Naquilo que Deus fez através de Neemias, existe estímulo para nós. Ele está pronto e é poderoso para fazer o mesmo por nosso intermédio, se nos dispusermos a aprender o segredo que abre as comportas do seu poder. Nossos "gemidos inexprimíveis" são as orações que Deus não pode deixar de atender (Romanos 8:26-27). Nossas orações diárias diminuem nossas preocupações diárias. Também nos mantêm no lugar em que Deus nos pode usar.

A oração que prevalece é que faz toda a diferença! Explicaremos a seguir exatamente que espécie de diferença, e como a fé e as obras trabalham juntas.

CAPÍTULO 2

A Dinâmica das Relações Interpessoais

Neemias 2:1-8

Por que alguns administradores de segundo escalão têm sucesso enquanto outros falham? Quais são as áreas mais comuns de fraqueza? Como as pressões de cima e as tensões de baixo podem ser transformadas em vantagens?

Uma jovem diretora de educação cristã encontrava-se numa síndrome típica de gerência média. Logo após sua formatura ela foi entrevistada pela Comissão de Educação Cristã de uma grande igreja. "Estamos procurando alguém que saiba inovar, alerta e que não tenha medo de fazer mudanças", disseram. Esta descrição cabia perfeitamente à minha amiga. Ela recebeu a posição de diretora de educação cristã desta igreja. Mas não demorou muito, viu-se impedida pelo pastor titular. Descobriu que era *ele* quem mandava na igreja, e não a comissão; e *ele* se opunha a mudanças!

Numa situação como esta, o que poderia ela fazer? Como poderia trabalhar com uma pessoa que parecia estar resolvida a bloquear-lhe cada passo?

Na mesma cidade havia um jovem aspirante a gerência. Suas qualificações estavam acima de dúvidas. De fato, os diretores da sua companhia já o tinham apontado para promoção. Ele foi transferido para outro departamento a fim de adquirir experiência. Lá, para seu desalento, viu os seus planos continuamente cerceados pelo seu superior imediato. Os esquemas de produção começaram a não ser cumpridos, os prazos não eram atingidos, os fregueses ficaram irados e ele se tornou frustrado.

Num sentido muito real estas duas pessoas são exemplos da verdade engraçada mas dolorosamente clara: o gerente médio se encontra entre a proverbial cruz e a caldeirinha.

O gerente de média administração tem de saber traduzir os ideais dos seus superiores, colocando-os em prática, e, ao mesmo tempo, saber como motivar os seus subordinados. Precisa ter em mente os alvos da firma enquanto encoraja os indivíduos a atingir alvos pessoais.

O capítulo 2 de Neemias descreve os princípios do gerente médio bem sucedido. Do exemplo de Neemias aprendemos a importância da lealdade e do tato, como evitar polarização desnecessária, a técnica de boas perguntas e a forma pela qual se pode levar a administração a adotar nossas idéias.

O capítulo começa com Neemias à espera da resposta de suas orações. Ele sabe que o rei é a chave da solução do problema, e orou para que Artaxerxes seja complacente para com ele (Neemias 1:11).

Durante um banquete em que Damaspia, a rainha de Artaxerxes, está presente, Neemias leva o vinho ao rei. Talvez seus olhos não estejam como de outras vezes, ou talvez alguma coisa nos modos de Neemias chamem a atenção do rei. De qualquer modo, Artaxerxes nota uma mudança na atitude de Neemias (Neemias 2:1b). Imediatamente ele suspeita de uma trama para tirar-lhe a vida. "Por que está triste o teu rosto, se não estás doente? Tem de ser tristeza no coração"!

A situação em que Neemias se encontra não era esperada. Ele orou pelo favor e pela bênção de Deus, e em vez disso vê sua lealdade ao rei posta em dúvida.

A Síndrome da Média Administração

Imediatamente Neemias reafirma sua lealdade a Artaxerxes. "Viva o rei para sempre", diz ele. É verdade que esta é uma expressão corriqueira. Reis antes de Artaxerxes tinham ouvido essa espécie de palavras daqueles que tramavam assassiná-los. Mas estas palavras vinham de um homem com a sinceridade de Neemias, e o rei parece disposto a acreditar nele. Ele permite que o copeiro continue.

Assegurando ao rei sua fidelidade à coroa, Neemias lança um fundamento importante para explicar sua preocupação. Se Artaxerxes não tivesse acreditado na sua declaração de fidelidade, Neemias teria encontrado dificuldade em explicar-lhe a tristeza do coração.

Em resposta à pergunta do rei, Neemias pergunta: "Como não estaria triste o meu rosto se a cidade onde estão os sepulcros de meus pais está assolada e tem as portas consumidas pelo fogo?" Esta resposta demonstra o tato de Neemias. Ao responder com uma pergunta ele evita colocar-se na defensiva. Se ele tentasse justificar-se, como tantas vezes tentamos fazer, só teria piorado a situação. Então, quanto mais ele tentasse explicar a causa de seu sofrimento, mais inacreditável pareceria sua história. Ao responder ao rei como o fez, Neemias evitou polarização desnecessária e preservou a unidade do relacionamento que mantinha.

Um segundo exemplo do tato de Neemias encontra-se na explica-

ção de sua tristeza. Ele sabe que prevalece no Oriente Médio a reverência aos ancestrais. Assim sendo, ele se refere à profanação dos túmulos dos seus antepassados. Ele sabe muito bem que isto ganhará a simpatia do rei.

Nota-se também que Neemias não menciona o nome da cidade de seus pais. Ele não está mentindo, está apenas sabiamente evitando um assunto potencialmente volátil. Jerusalém ficou marcada na história como cidade problemática (Esdras 4:6-16). Artaxerxes sabia a origem étnica de Neemias, e Neemias é suficientemente sábio para não prejudicar suas chances de sucesso levantando lembranças desfavoráveis aos olhos do rei. A tarefa de Neemias é duplamente difícil porque ele deseja permissão de voltar a Jerusalém e reconstruir o muro—coisa que Artaxerxes havia especificamente proibido anteriormente (Esdras 4:17-22).

O modo como Neemias enfrenta esta situação não esperada demonstra a importância do tato. Tato não significa que tenhamos de concordar com tudo que uma pessoa diz. Nem quer dizer que devamos mentir para evitar ferir aos outros. O tato baseia-se na verdade *e* no caráter *e* na compreensão da natureza humana. Envolve saber como aproximar-se das pessoas e como apresentar os nossos pedidos.

Mandato Claro

A discrição de Neemias resulta na pergunta do rei, dizendo com efeito: "De que modo poderei ajudá-lo?" Imediatamente Neemias envia uma oração ao céu, do tipo telegrama. Ele sente a necessidade de ajuda extra enquanto coloca diante do rei o seu plano e apresenta os seus pedidos.

Homens de negócio crentes, líderes de igreja e estadistas missionários freqüentemente se encontram em situações semelhantes à de Neemias. Precisam pedir do Senhor ajuda e direção especial antes de ir a uma reunião de mesa administrativa, ou de apresentar uma proposta controvertida aos seus empregadores, ou lidar com um freguês problemático, ou fazer um telefonema potencialmente difícil, ou entrar em negociações delicadas com um fabricante ou fornecedor (ver Salmo 50:15; 91:15; Isaías 65:24).

Como resposta à pergunta generalizada do rei, Neemias cita coisas específicas. "Se é do agrado do rei, e se o teu servo acha mercê em tua presença, peço-te que me envies a Judá, à cidade dos sepulcros de meus pais, para que eu a reedifique. . . dêem-se-me cartas para os governadores dalém do Eufrates, para que me permitam passar e entrar em Judá. . . como também carta para Asafe, guarda das matas

do rei, para que me dê madeira para as vigas." Conforme Alan Redpath ressalta em *Victorious Christian Service*, Neemias queria saber que tinha sido *enviado*, que estaria em *segurança* enquanto longe do palácio, e que teria suas necessidades *supridas*. Sua resposta mostra como ele tinha feito um bom planejamento. Sabia exatamente do que precisava.

A declaração inicial de Neemias contém um princípio importante para aqueles que estão em cargos de administração média. Não iremos muito longe com as nossas idéias se não incluirmos nossos superiores naquilo que desejamos sugerir. Através da declaração "Se é do agrado do rei. . ." Neemias preservou a superioridade de Artaxerxes. O rei não se sentiu ameaçado. Neemias estava convidando-o a tomar a decisão. Estava sugerindo que a coroa tomasse a iniciativa. Toda sua atitude demonstrava a Artaxerxes que ele, Neemias, era leal.

A abertura cortês de Neemias abre caminho para os seus pedidos. Estes são estabelecidos com base na confiança que o rei deposita nele. São gerados da lealdade e submissão voluntária de Neemias à autoridade real. Mais uma vez, não há referência ao nome da cidade, e nem menção da decisão anterior do rei (Esdras 4:21), que terá, necessariamente, de sofrer uma emenda. Tudo o que Artaxerxes pergunta é: "Quanto durará a tua ausência, e quando voltarás?" E Neemias dá um tempo definido: doze anos (Neemias 2:6; 5:14; 13:6).

A permissão para Neemias ir a Judá significará uma grande perda pessoal para Artaxerxes. Isto fez com que alguns escritores concluíssem que havia erro no texto, pois Artaxerxes, argumentam eles, certamente não permitiria que um empregado tão valioso ficasse por tanto tempo longe da corte.

Ao responder a esta questão, devemos ressaltar que tinha havido problemas na Síria apenas dois anos antes. O sátrapa (ou vice-rei) Megabizo, tinha dirigido uma revolta contra Artaxerxes. Porém Megabizo fora forçado a submeter-se e embora Artaxerxes não confiasse nele, por motivos políticos mantinha-o no poder. Servia aos propósitos de Artaxerxes ter alguém da lealdade de Neemias separando a Síria do Egito. Com Neemias em Jerusalém, alianças entre esses dois países seriam mais difíceis de serem feitas.

Mas como explicaremos o sucesso de Neemias? O que podemos aprender do seu exemplo?

O sucesso de Neemias em apresentar seu pedido ao rei pode ser atribuído ao fato de que ele se preparou de antemão. Se ele não tivesse feito assim, a conversa poderia ter terminado com sua comissão para ir a Judá, mas sem as outras coisas de que ele

precisava. Sem o devido preparo na Babilônia ele não teria os materiais necessários para a tarefa em Judá. Alguns meses antes, quando ele percebeu que Deus planejava usá-lo como parte da resposta de suas próprias orações, ele começou a prever as necessidades. Ao avaliar a situação, conhecia apenas uma pessoa que dispunha dos recursos necessários para reconstruir a cidade—Artaxerxes. Também era conhecedor dos obstáculos que poderiam impedir o término feliz de sua tarefa. Ele sabia que antes de começar a reconstrução da cidade, teria de ter passagem segura pelas diversas províncias. Sabia do desprezo que diversos sátrapas tinham pelos judeus, e sabia que eles e seus oficiais subordinados poderiam interromper-lhe a viagem e atrapalhar o seu trabalho, a não ser que ele tivesse as credenciais revestidas de autoridade para apresentar a eles. Só o selo do rei poderia alcançar tudo isso!

Tendo-se preparado muito bem, Neemias conhece suas necessidades. Faz, portanto, uma lista de pedidos: "Se ao rei parece bem, dêem-se-me cartas para os governadores [das províncias] dalém do Eufrates, para que me permitam passar e entrar em Judá" (Neemias 2:7). É boa política e bom negócio obter esta espécie de autorização de Artaxerxes. Mostra visão correta. Estas credenciais colocariam sua obra sob a égide do rei.

É surpreendente quantas vezes essa espécie de provisão é esquecida ou ignorada por pessoas nos círculos administrativos e eclesiásticos hoje em dia. Algumas semanas atrás, almocei com um homem que se havia recentemente filiado à direção de uma biblioteca no sul da Califórnia. Seu supervisor imediato havia servido à universidade por quinze anos. Com a expansão, o administrador descobriu que o supervisor já não podia cuidar de seu departamento sozinho. Resolveu que tão logo encontrasse um novo especialista, fariam o que Laurence Peter chama de "um *arabesco lateral*—uma pseudopromoção que consiste em novo título e novo local de trabalho".

O problema é que a administração nunca deixou claro o papel do novo designado com os demais empregados. Conseqüentemente, ele se encontrava numa posição de responsabilidade, mas sem a necessária autoridade. A administração esperava que ele continuasse onde o diretor anterior tinha parado, mas os seus subordinados não sabiam que ele era o novo chefe de departamento. Com um papel tão mal definido, os outros chefes de departamento não queriam cooperar com ele.

Ao conversar com este bibliotecário, vi que ele estava pensando seriamente em procurar outro cargo noutro lugar. Tudo isso poderia ter sido evitado se a administração lhe tivesse dado o que Neemias pediu, isto é, autoridade à altura de sua responsabilidade, e o esclarecimento público de seu papel no organograma administrativo.

Em segundo lugar, Neemias pede que suas necessidades sejam supridas de modo digno daquele que o está enviando a Judá. "Como também carta a Asafe, guarda das matas do rei, para que me dê madeira para as vigas das portas da cidadela do templo, para os muros da cidade, e para a casa em que deverei alojar-me."

É interessante que Neemias sabe da proximidade de uma das florestas (literalmente paraíso) de Artaxerxes a Jerusalém, e o nome do homem encarregado. Também aprendeu a planta da cidade através de Hanani.

Tendo-se preparado assim para esta entrevista com o rei, poderíamos esperar que Neemias se congratulasse pelo seu sucesso. Em vez disso, ele escreve: "E o rei mas deu, porque a boa mão do meu Deus era comigo." Sua dependência do Senhor era real. Sua humildade genuína. E seu exemplo lembra-nos que não podemos gabar-nos das coisas que Deus faz por nosso intermédio, como se nós as tivéssemos feito sem ajuda.

O Sonho Impossível

Deus opera nos afazeres humanos a fim de cumprir os seus propósitos. O que começara quatro meses antes como uma impossibilidade agora começava a parecer possível. E a chave? Oração, preparo e perseverança.

A oração é uma identificação deliberada com Deus e com seu propósito. Cristãos em todo lugar dão testemunho da eficácia da oração. Charles Trumbull declarou: "Orar é liberar as energias de Deus. Pois a oração é pedir que Deus faça aquilo que não podemos fazer." E Neemias era homem de oração.

Neemias também era estudante sagaz da natureza humana. Ele se preparou bem. Ele conhecia os planos do rei, suas ambições, seus problemas e suas ansiedades. Sua sensibilidade para com Artaxerxes auxiliou-o enquanto ele expunha seus planos ao rei. Seu método ressalta a importância da lealdade e do tato, a necessidade de preparativos anteriores, a importância de evitar polêmica desnecessária, e a melhor forma de preservar a autonomia de um superior.

O conhecimento da natureza humana também fará com que sejamos cautelosos. Não podemos confiar em todo mundo que encontramos. Ciúmes e rivalidades estão ao nosso redor. Quando assumimos uma nova tarefa devemos pedir a explanação pública de nosso papel para que outros não nos impeçam de cumprir o mandato que nos foi dado.

Finalmente, há perseverança. Neemias não parou depois que o rei lhe concedeu o pedido inicial. Continuou com seu pedido até que todas as suas necessidades tivessem sido supridas.

Os problemas dos gerentes médios podem ser resolvidos fácil e

eficientemente se estudarmos as personalidades daqueles que nos cercam. Se nos absorvermos com as técnicas, teremos um fraco substituto para o saber como lidar com as pessoas. As promoções, na maioria dos casos, vêm porque um subordinado compreende os problemas do seu superior e simpatiza com ele. Os que estudam as características das pessoas com quem trabalham—num nível tridimensional: acima deles, ao lado deles e abaixo deles—serão mais úteis aos seus empregadores e mais bem-sucedidos também!

A Psicologia das Boas Perguntas

As boas perguntas ajudam-nos a esclarecer situações como também dissipar dúvidas e suspeitas. Neemias empregava com vantagens as perguntas. Suas perguntas a Artaxerxes não apenas explicavam seu semblante descaído, como também fizeram com que seu superior refletisse sobre as condições daqueles que se achavam numa parte de seu reino. Fez com que ele se conscientizasse da situação dos judeus. Então Neemias pode continuar o assunto, e, sem antagonizar o seu empregador, conduzir à resposta de suas orações.

O Senhor Jesus usou perguntas em todo o seu ministério. Empregou-as para começar uma conversa (João 5:6). Arrazoou com perguntas (Mateus 12:24-30). Ensinou com perguntas (Mateus 18:12). Depois de contar a história do bom samaritano, ele perguntou: "Qual destes provou ser o próximo do homem caído nas mãos dos salteadores?" (Lucas 10:36). Noutra ocasião, quando os líderes religiosos tentaram pegá-lo em armadilha, com perguntas hostis e comprometedoras, o Senhor Jesus os repreendeu com uma pergunta (Lucas 22:48; Mateus 22:17-21). Grande parte de seu ministério foi conduzido por meio de perguntas. Ele usou perguntas para ganhar a atenção de seus ouvintes e também para estimular-lhes os processos de pensamento.

As perguntas podem ser empregadas em quase toda situação. Porém, não devem ser usadas para ridicularizar a ninguém. Se nossa atitude for de bondade, seremos menos propensos a antagonizar o nosso próximo. Devemos certificar-nos de que nossas perguntas não sejam empregadas para disfarçar a nossa própria ira. Se demonstrarmos sentimentos de ira colocaremos a outra pessoa imediatamente na defensiva. É preferível perguntar: "Poderíamos conversar a respeito disso?" ou "Você acha que este é o método correto de ação?"Ao fazer tais perguntas, estaremos tratando de uma situação difícil de modo objetivo.

Por vezes é difícil fazer uma boa pergunta de última hora. É por isso que precisamos conhecer melhor a natureza humana. Quanto mais conhecemos as características da pessoa com quem estamos lidando, mais facilmente saberemos fazer as perguntas certas.

Uma das situações mais difíceis é como agir com uma pessoa

potencialmente hostil. Nunca sabemos quando os nossos motivos serão incompreendidos ou nossas intenções serão mal interpretadas. Certa vez eu trabalhava numa companhia cujo presidente era dado a explosões de raiva. Sua secretária era a única pessoa que sabia lidar com ele. Resolvi aprender dela como fazer. Descobri que ela lhe perguntava "o que" e não "por que". "O que está incomodando o senhor, Sr. Sousa?" Então, ela deixava que ele falasse. Isso tinha o efeito dum desabafo. O Sr. Sousa falava de sua mais recente desavença, ventilava seus sentimentos, e conseguia obter melhor perspectiva da situação.

É também difícil lidar com uma pessoa que está sempre discutindo. Às vezes essas pessoas parecem ser muito sinceras. Porém, se percebermos que nossa resposta conduzirá a um debate, é melhor pedir um esclarecimento da questão. Isto pode ser feito com facilidade. "Por que o senhor pergunta?", podemos dizer, ou "Qual é a sua opinião?" Se eles retrucam com "Mas eu quero saber o que você acha", podemos responder: "Terei prazer em manifestar minhas idéias sobre o assunto tão logo eu saiba por que você me está perguntando."

Descobriremos que quanto mais nos adestramos no emprego de perguntas, tanto mais prontamente nossas perguntas atingirão o seu propósito. Às vezes elas estimularão o pensamento. Outras vezes elas demonstrarão, com tato, a tolice. Poderão revelar também os motivos e as intenções de outras pessoas. E, às vezes, poderão até mesmo desafiar ou dirigir.

Freqüentemente a questão básica não é a substância da situação mas *como a outra pessoa se sente.* Uma pergunta bem formulada poderá restaurar a confiança e manter aberta a comunicação, sem perda de dignidade.

Encaixar a pergunta certa numa dada situação é uma arte. As perguntas podem ser empregadas com bons resultados onde estivermos; na igreja ou no escritório, em casa ou visitando amigos. O segredo está em desenvolvermos algumas técnicas básicas. Estas técnicas são exemplificadas por Neemias.

Em resumo, uma pergunta tipo "por que" (como aquela feita por Artaxerxes) pressupõe autoridade, sonda um raciocínio convincente para o comportamento ou a decisão de uma pessoa, e geralmente coloca na defensiva. Por outro lado, uma pergunta tipo "o que" geralmente pede opinião e necessita que o indivíduo a quem se pergunta pense nas questões e dê uma resposta lógica.

CAPÍTULO 3

Assumindo o Comando

Neemias 2:9-20

Há alguns anos, um novo gerente de filial foi designado para a firma com que eu trabalhava. Ele deveria substituir um homem muito benquisto cujas habilidades cedo o marcaram para promoção. Era uma situação difícil para o novo gerente. Ele sabia ser essencial uma reação favorável à sua posição. Também sentia que era necessário afirmar sua autoridade.

Ao fazer os seus planos, este novo gerente sabiamente chegou à cidade duas semanas antes do prazo em que deveria assumir suas responsabilidades. Manteve-se ignorado e estudou profundamente a situação. Então, no primeiro dia no cargo, marcou uma reunião de todos os chefes de departamentos. Começou a reunião louvando os homens. Cumprimentou cada um pelo que tinha conseguido realizar. Depois, com uma mudança deliberada de atitude, continuou: "Mas não me importo com o que vocês fizeram no passado! De agora em diante. . ."

O resultado dessa posição autoritária não é difícil de imaginar. Os ânimos abaixaram notavelmente. O descontentamento prevaleceu. Em vez de criar uma transição fácil, o novo gerente criou barreiras que levariam meses para serem transpostas.

Tudo isso nos faz perguntar: Existe um modo certo de assumir nova posição de liderança? Existem técnicas provadas que nos auxiliem a transpor estas barreiras?

A dinâmica a empregar em situações como esta é demonstrada no capítulo 2 de Neemias. Ela inclui forças *internas* e *externas*.

Anteriormente Neemias tinha sido copeiro. Nesta posição, de certa forma, ele estivera sempre sob o olhar do soberano. Agora, como governador, ele estava bem longe de qualquer supervisão direta.Era independente. E estava enfrentando a espécie de situação em que muitos homens falham. A estratégia que ele empregou ao assumir sua nova responsabilidade contém princípios importantes para os nossos dias. Pode ser aplicada a qualquer situação externa que tenhamos de enfrentar. Conforme veremos, sua estratégia era desafiar, motivar e encorajar os de Jerusalém.

Depois de falar das forças externas que Neemias enfrentou ao

assumir o governo de Jerusalém, daremos atenção à dinâmica *interna* que poderia afetar a sua liderança.

Enviado do Rei

Durante a viagem de Neemias de Susã a Jerusalém, ele foi acompanhado por um grupo de soldados (Neemias 2:9); eles asseguravam a sua proteção e aumentavam o seu prestígio quando apresentava suas credenciais reais às autoridades das fronteiras. Com toda a probabilidade, ele viajou de Susã à Babilônia e depois tomou o caminho mais curto através de Tadmore até Damasco—uma viagem de uns dois meses. O historiador de Oxford, George Rawlinson, imagina que de Damasco Neemias seguiu o vale do Jordão até o passo oposto a Jericó e então tomou a estrada principal até Jerusalém.[1]

Os inimigos dos judeus na Samaria logo souberam da chegada de Neemias. Lemos que "Quando Sambalá o horonita e Tobias o oficial amonita souberam, muito lhes desagradou que alguém viesse a procurar o bem dos filhos de Israel".

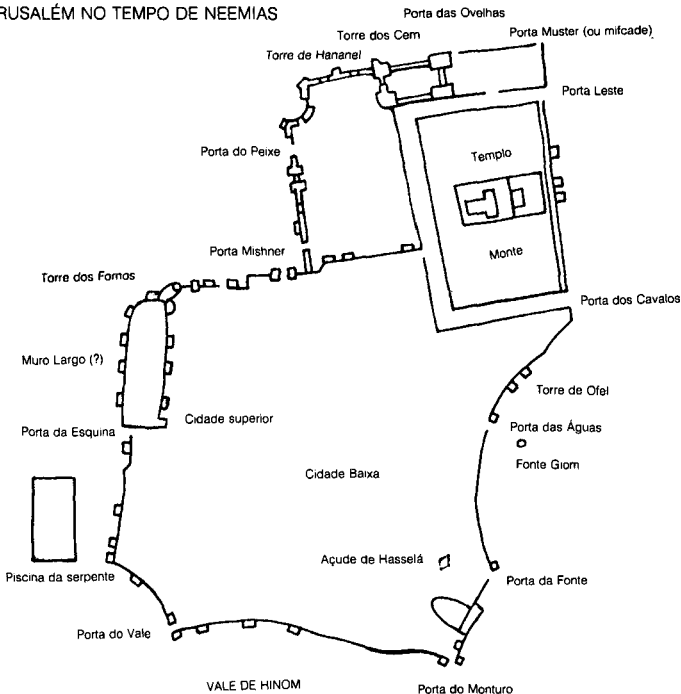
Mas como Neemias soube do desagrado deles?

É verdade que, baseado em experiências passadas dos judeus (ver Esdras 4:4-24), Neemias provavelmente esperava oposição. Mas isso não explica como ele soube de perto a reação dos de Samaria (ver Neemias 4:1-3, 7-8, 15-16; 6:1-2, etc.). A única explicação possível é que Neemias mandou a Samaria pessoas que o manteriam informado de quaisquer atividades contempladas ou planejadas pelos inimigos dos judeus. Se for este o caso, mostra o seu realismo (ver Mateus 10:16). Ele não era ingênuo; não confiava naqueles que já tinham histórico de oposição ao bem-estar dos judeus. Ele confiava implicitamente no Senhor e tomou também as precauções necessárias. Seu exemplo mostra-nos como a fé e as obras operam juntos.

A oposição a Neemias centraliza-se em Sambalá, governador da província de Samaria. Ele é chamado de "o horonita" e é provavelmente de um dos bete-horons (casa do deus Horon, ver Josué 16: 3, 5), e descendente do grupo misto que colonizou a Samaria após a conquista assíria (2 Reis 17:24, 29-31). Seu sócio é um amonita chamado Tobias (ver Deuteronômio 23:3). Tobias é de uma família antiga e famosa que reinava em Amom por muitas gerações.[2] No versículo 19, o nome Gesém também está na lista. Este é um emir poderoso que recentemente uniu os árabes numa confederação gigantesca e cujos exércitos beduínos dominam as áreas leste e sul do Mar Morto.

Paradoxo e Promessa

A chegada de Neemias em Jerusalém sem dúvida perturba a estrutura de poder da cidade. Pelo que aprendemos mais tarde sobre os sacerdotes e regentes (ver Neemias 5:5, 7-10; 6:7-19; 13:4-9), podemos estar certos de que eles viam a sua vinda com preocupação. Tudo o que Neemias documenta é: "Cheguei a Jerusalém, onde estive três dias." Podemos perguntar: O que ele fez durante esses três dias?

Alguns escritores crêem que estes "três dias" foram ocupados com a purificação cerimonial. É possível. Os versículos 12b e 16, porém, parecem indicar que Neemias também estivesse examinando a situação e obtendo informações de primeira mão—informações que Hanani não pôde dar-lhe. Além do mais, à luz de Neemias 3, parece provável que durante estes três dias ele estivesse planejando sua estratégia para a construção do muro, avaliando a liderança do povo, calculando os recursos necessários e providenciando para que os canais de comunicação fossem preparados. Possivelmente também estivesse aguardando o momento psicológico certo para tornar seus planos conhecidos ao povo.

O Pulso do Povo

No final dos três dias, as atividades de Neemias tinham despertado considerável interesse (Neemias 2:16). Inclusive sua demora em tornar conhecidos os seus planos contribui para sua vantagem. Ele está cônscio da importância de esperar pelo momento certo para dizer ao povo o propósito de sua visita e sabiamente guarda segredo até estar pronto para agir.

Só depois de estar de posse de todos os fatos é que Neemias faz uma reunião com *todo* o povo. Ele cuida de que todos tenham a oportunidade de vê-lo pessoalmente e ouvir de primeira mão o que ele tem a dizer. A ninguém é dada a responsabilidade de interpretar o que ele diz aos demais.

Embora o texto não afirme, é possível que a madeira para as vigas já tivesse chegado ou estivesse a caminho. Neemias tinha sabedoria suficiente para saber que se fosse desafiar o povo a reconstruir o muro, teria de estar preparado para colocá-los à obra de imediato. Uma demora serviria para dissipar o entusiasmo e dar tempo aos inimigos para ir contra suas ações.

Enquanto Neemias fala ao povo, ele os conclama a avaliar sua situação. "Vejam em que má situação *nos* encontramos." Eles haviam vivido nessas circunstâncias por tanto tempo que se tinham tornado apáticos. Era necessário que acordassem para sua verdadeira necessidade. Neemias começa focalizando sua atenção sobre o problema. Ele também se liga a eles dizendo "nós". Isto os prepara para o desafio. "Venham. Vamos reconstruir o muro de Jerusalém para que não sejamos mais opróbrio." Esse desafio desperta-lhes o patriotismo. Também demonstra a identificação de Neemias com eles. Começam a reconhecer que Neemias não é como outros governadores (ver Neemias 5:14-18). Em vez de buscar seus próprios fins, ele está interessado neles. Seu cuidado genuíno para com eles dá-lhes confiança na liderança que ele está para exercer.

Há alguns anos um jovem foi designado para o cargo de pastor auxiliar de uma igreja no centro-oeste. Quando se reuniu com a mesa administrativa, pediram-lhe especificamente que melhorasse o departamento de educação da igreja. Dentro de duas semanas após começar ele havia hostilizado os professores. Seus modos rudes não abriam caminho para relações de cooperação. As críticas que ele fazia dos métodos de ensino da equipe de escola dominical, e sua atitude desdenhosa de "*Quero* que todos os *meus* professores façam um curso de atualização a fim de melhorar seus métodos" fez com que muitos resistissem às suas idéias.

Se este auxiliar jovem tivesse começado avaliando a situação, calculando o "clima" da escola dominical, e tratando os professores como iguais, ele ainda poderia estar com aquela igreja. Mas nas condições em que agiu, sua permanência foi misericordiosamente curta.

Estabelecer Alvos

Neemias é um líder sábio. Ele sabe que o objetivo que coloca para o povo tem de ser atingível. Se o alvo for alto demais e eles não conseguem atingi-lo, eles vão desanimar-se e perderão a confiança nele. Assim, junto com o desafio ele dá estímulo. Declara-lhes como a boa mão do seu Deus está com ele. Explica tudo o que aconteceu na Babilônia e como o Senhor não só abriu o caminho para sua vinda a Judá, como também providenciou os materiais necessários para os reparos do muro. Transmite-lhes também notícias do decreto do rei (Esdras 4:17-22). Ao fazê-los não olhar tanto para seus temores e sim olhar para o Senhor, ele fixa suas mentes naquilo que Deus está fazendo por eles. Esta segurança é de grande incentivo para os judeus. Eles reconhecem novamente que Deus está do seu lado. Seu entusiasmo se reacende. Imediatamente respondem: "Disponhamo-nos e edifiquemos."

A forma como Neemias lida com a situação em Jerusalém ilustra a essência da boa motivação. O significado daquilo que ele conseguiu pode-se ver através do fato de que por noventa anos as pessoas estiveram dizendo "não pode ser feito". Agora estão unidos e prontos para começar o trabalho da reconstrução das defesas da cidade.

Este novo zelo ter-se-ia dissipado bem depressa se Neemias não pudesse colocá-los a trabalhar. É provável que Neemias tivesse as coisas tão bem planejadas que o povo pôde começar a reconstrução do muro sem demora. Estão de tal modo entusiasmados que Neemias pôde concluir este trecho de seu relato dizendo: "E fortaleceram as mãos para a boa obra."

A Aliança Formidável

Como em todo o trabalho para o Senhor, uma vez que uma pessoa ou um grupo começa a fazer alguma coisa para a glória de Deus, a oposição aparece de perto. A notícia do que Neemias está fazendo corre rápido. Quando Sambalá, o horonita, Tobias, o amonita e Gesém, o árabe, ficam sabendo, debocham dos judeus e os desprezam, dizendo: "Que é isso que fazeis? Quereis rebelar-vos contra o rei?"

Uma insinuação de que os judeus se estivessem rebelando contra Artaxerxes tinha sido anteriormente causa suficiente para fazer parar a obra (Esdras 4:13). Os samaritanos tentam a mesma estratégia novamente, sabendo bem que pessoas fracas, que estivessem desmoralizadas, tendem a intimidar-se com ameaças. Mas não contavam com Neemias! Antes que os judeus possam reagir, Neemias dá sua resposta (Neemias 2:20) firme e digna. Aos olhos dos homens de Samaria os judeus podem parecer fracos e incapazes de cumprir a tarefa. Mas sua confiança não está neles mesmos, e, sim, no Senhor. Com esta segurança, o deboche e os insultos dos oponentes não podem afetá-los. A próxima declaração de Neemias coloca tudo numa perspectiva totalmente nova: "vós, todavia, não tendes parte, nem direito, nem memorial em Jerusalém". Isto era algo pelo qual eles não esperavam. E os homens enviados para atrapalhar a obra voltam aos que os mandaram, inquietos e portadores de notícias perturbadoras.

Devemos ressaltar que na sua resposta Neemias demonstra tanto coragem como também discrição. Ele confronta ousadamente aqueles que tentam atrapalhar o que ele está fazendo, e ao mesmo tempo evita ser levado a uma discussão. Recusa-se ao debate. Ele dá a razão de sua confiança: "O Deus dos céus é que nos dará bom êxito." Enfatizando a natureza espiritual de sua tarefa, ele traz uma nova dimensão àquilo que estão fazendo. Isto tira das mãos dos judeus a responsabilidade pelo sucesso. Enquanto Jerusalém é vergonha para o povo judeu, é também uma vergonha para o seu Deus. Mas enquanto o trabalho é obra do Senhor, seus servos levantarão e construirão a cidade.

Não é muito difícil imaginar a admiração do povo judeu por Neemias. Neste primeiro encontro ele obteve sucesso em derrotar os seus piores inimigos.

Atrás da Escrivaninha do Gerente

Todos nós mudamos de emprego ou de pastorado ou somos promovidos, em alguma época ou outra. Quando isto acontece, a dinâmica *externa* e a *interna* começam a operar. O modo pelo qual Neemias se portou ao assumir suas novas responsabilidades, desafiando, motivando e animando o povo, a forma como ele encarou a oposição, todas estas coisas contêm princípios importantes para nós. Ele demonstra como podemos lidar com as forças externas que todos nós enfrentamos. Mas com algumas pessoas, a elevação de cargo sobe à cabeça. Tornam-se exigentes e autoritárias em suas atitudes. Outros ficam com medo de ofender ou antagonizar as pessoas com quem trabalham. E outros ainda descobrem que não conseguem sobreviver

sem a aprovação dos seus parceiros.

Neemias oferece aos homens que se encontram nesta espécie de situação um exemplo muito necessário. Quanto à dinâmica externa, Neemias *examinou as coisas* antecipadamente, para que sua decisão se baseasse em fatos. Ele *despertou o interesse do povo* e sabiamente deixou de dar detalhes de seu plano e propósito até que estivesse pronto para entrar em ação. Então *convocou uma reunião pública* e deu a todos a oportunidade de ouvi-lo pessoalmente e conhecer suas idéias. *Desafiou-os* com a obra a ser feita: *motivou-os* para a realização da tarefa, e *encorajou-os* com a segurança do sucesso.

É também provável que Neemias estivesse esperando uma crise. Ele não era ingênuo ao ponto de pensar que suas idéias agradariam a todos. Sendo este o caso, ele sabia que mais cedo (e não mais tarde) poderia esperar a oposição dos samaritanos.

Estes fatores, porém, são todos externos, e o sucesso baseia-se tanto na força interna quanto na estratégia externa. De suma importância, portanto, é o modo pelo qual Neemias encarou os conflitos internos.

O problema de conflitos internos é duplo. Primeiro, a pessoa designada para um novo cargo de responsabilidade precisa reconhecer que os conflitos são internos; segundo, precisa certificar-se de que suas ações se baseiam na realidade. Se não for assim, ela estará constantemente tomando e desfazendo decisões. O resultado será confusão—para ela e para seus subordinados.

Muitos gerentes e líderes eclesiásticos tendem a ver no ambiente exterior a razão dos conflitos internos. A pessoa que se vê incapaz de agir com eficiência, provavelmente procurará uma explicação no ambiente externo em que opera. Talvez culpe a administração ou o conselho da igreja pela sua falha, ou se desculpe, dizendo que não recebeu autoridade adequada para a ocasião. Poderá também culpar pessoas que tenham dado ajuda incompetente ou insuficiente por não ter podido alcançar alvos ou prazos ou preparar suas mensagens. Realmente o seu problema pode ser interno. A falha pode ser resultado de ansiedade quanto ao seu *status* (sua posição como líder e sua responsabilidade de produzir) ou ansiedade quanto à *competição* (sentimentos de inferioridade).

A ansiedade quanto ao status vem quando uma pessoa jovem é promovida e descobre que perde a popularidade anterior. Essa perda de popularidade afeta-a de diferentes modos. Seus antigos supervisores agora a vêem como competidora. Seus antigos colegas agora precisam atender à sua supervisão. Se a dinâmica interna do novo líder for tal que ele precise de aceitação, ele experimentará ansiedade

quanto ao seu novo papel e poderá tentar diminuir sua nova posição e dar pouco valor à sua autoridade. Se isto acontecer, ele terá problemas.

Enquanto avaliamos a mudança de posições de Neemias, vemos que o favorito da corte de Artaxerxes deixou a segurança do palácio para as provas e dificuldades de ser governador de um povo que estava "por baixo", ou pisado. Porém, Neemias não confundiu nem tentou esconder a mudança que ocorrera nas suas responsabilidades. Ele não tentou agradar as pessoas a fim de conseguir mais popularidade, nem diminuiu sua posição a fim de ganhar simpatias. Ele sabia muito bem que aqueles que procuram ressaltar apenas simpatia e se desvestem da autoridade nos seus cargos, mais cedo ou mais tarde perdem o respeito dos colegas. Neutralizam seu impacto e inadvertidamente dão aos empregados uma imagem negativa das recompensas do sucesso.

Porém a expressão mais comum de ansiedade vem, sem dúvida, do medo. Aqueles que recentemente foram elevados a posições de supervisão ou responsabilidade maior temem sofrer represálias se fizerem valer sua autoridade. Temem também a oposição daqueles que ocupam posição de responsabilidade no mesmo nível que eles. Às vezes isso acontece quando alguém tem de tomar posição numa questão controvertida. O líder fraco tende a vacilar, falar pelos cotovelos e lançar-se numa hiperatividade a fim de evitar enfrentar problemas difíceis.

Mais uma vez, Neemias dá-nos o exemplo. Ele evita a síndrome do medo[3] porque sua confiança está em Deus. Ele crê que seus passos são dirigidos pelo Senhor (Salmo 37:23) e que Deus não permitiria que nada acontecesse que não fosse para o seu bem (compare com Romanos 8:28). Esta confiança fortaleceu-o quando ele assumiu suas novas responsabilidades, começou o trabalho da reconstrução dos muros da cidade e enfrentou a oposição dos inimigos.

A ansiedade por causa da posição, porém, é apenas um dos problemas que os crentes enfrentam ao assumir cargos de responsabilidade. O segundo problema está na área da *competição.* Ao combater esse sentimento é imprescindível que o novo pastor ou o novo chefe tenha um aguçado senso de realidade, incluindo realidade das verdades espirituais e também as da organização. Isto deve prepará-lo para o dar e receber na tomada de resoluções e na solução de problemas. Esta característica será estudada de modo mais completo quando examinarmos Neemias 4 e 5, mas aqui constam os princípios básicos de como enfrentar a oposição.

Ao analisarmos mais a fundo a situação, percebemos que os que se

encontram em posições de responsabilidade sofrem ansiedade quanto à competição ou à oposição por duas razões principais: medo do fracasso e medo do sucesso.

O *medo do fracasso* geralmente vem dum sentimento de inferioridade. A pessoa acha que não tem capacidade. Como resultado, não consegue ter uma personalidade forte. Neste assunto é bom notar que quando Neemias assumiu o comando, sua confiança no Senhor é que lhe assegurou de que teria sucesso. Emprestemos as palavras do apóstolo Paulo: Neemias teve "ousada confiança em nosso Deus. . . em meio de muita luta" (1 Tessalonicenses 2:2). Ele sabia que o medo do fracasso só poderia ser resolvido se ele se identificasse com o Senhor, isto é, tomasse dele suas forças pessoais. Estabeleceu, portanto, uma base para a realidade num Deus que não muda. Feito isso, ele pôde ajustar-se aos problemas que enfrentava.

Mas o que dizer do *medo do sucesso?* O sucesso, em si, não é errado. É o desejo desordenado de progredir que leva finalmente ao fracasso. Em *Macbeth,* Sheakespeare usa o rei da Escócia para demonstrar o que o medo do sucesso produz. No caso de Macbeth, a culpa pelos erros foi que fez com que ele suspeitasse dos outros, achando que tramavam contra ele. O espectro do assassínio do rei anterior o perturbava e assombrava. O resultado era que havia poucos em quem ele confiava. Seus subordinados mais fortes eram os de quem ele mais suspeitava e sua administração centralizava-se naqueles que menos qualificações tinham para liderar.

Quando Neemias tomou posse, sabia que era resultado de um chamado divino (ver Salmo 75:6-7). Ele não achou que seu sucesso seria às custas de outra pessoa qualquer. Assim, ele não era perturbado por sentimentos de culpa, e seu senso de realidade não estava distorcido. Mais tarde, conforme veremos no capítulo 11 (Neemias 7), ele designou como líderes as pessoas mais capazes que encontrou. Não fez como Macbeth, elevando a posições de responsabilidade aqueles que não tinham qualificações mas não ameaçariam sua posição.

Visto como Neemias tinha uma personalidade forte, podia tomar as rédeas da administração em Jerusalém sem tentar impressionar as pessoas com suas qualidades de "bom camarada". Ele não sofria medo de fracasso e nem temia o sucesso. Sua liderança era sempre de uma posição de força. Esta força provinha de forças espirituais desenvolvidas através dos anos. Com esta dinâmica interna operando nele e permeando tudo o que ele fazia, não é de surpreender que tenha podido enfrentar uma tarefa aparentemente intransponível, motivar um povo esmagado, e enfrentar a oposição—tudo com equanimidade e aparente facilidade.

CAPÍTULO 4

Fórmula Para o Sucesso

Neemias 3

É interessante ler as diferentes fórmulas que as pessoas apresentam para obter sucesso. Alguns enfatizam a necessidade de trabalho árduo enquanto outros ressaltam a importância da integridade. Uma pessoa discorrerá a respeito de relações interpessoais enquanto outra dará suas teorias sobre a resolução de problemas, a colocação de alvos, ou o treinamento prático de empregados. É raro encontrarmos concordância em tudo o que se diz sobre como obter sucesso.

Em vista da incerteza que prevalece, é bom observarmos que Deus delineou no capítulo 3 de Neemias os princípios básicos do sucesso. Este capítulo é de fácil análise. Cada parágrafo é estruturado em volta de um dos portões da cidade. A mensagem do capítulo, porém, não é assim tão fácil de aprender. Muitos escritores tentaram colher lições espirituais do significado real (ou imaginado) dos portões. Outros concentraram-se nos nomes das pessoas. Todos concordarão em que os nomes hebraicos são significativos. Infelizmente, não sabemos o suficiente quanto ao significado dos nomes, nem as características do povo que os empregou, para determinar se tais nomes tinham algum significado especial. Em vista das incertezas predominantes, a maioria dos comentaristas modernos se restringe a comentar os fatores físicos da cidade. Outros deixam o capítulo totalmente de lado.

O problema que enfrentamos ao examinar este capítulo—e sua longa lista de nomes—é que somos tentados a virar a página e continuar a história em Neemias 4. Contudo, este capítulo é um dos mais importantes do livro todo! Ao notar declarações repetitivas, veremos que surgem princípios de importância vital. Destes princípios aprenderemos o segredo do sucesso de Neemias.

Cada Qual com o Seu

Vemos o primeiro princípio de sucesso na *coordenação* conseguida por Neemias. Percebemos isto na repetição das frases "junto a ele" e "ao seu lado" (Neemias 3:2 e seguintes) no capítulo todo. Durante os três dias que Neemias andou por Jerusalém, ele deve ter planejado bem a sua estratégia. Sabia onde cada pessoa ou grupo trabalharia, e designou os homens de Tecoa, Gibeom, Jericó, Mispa, etc., para as

partes do muro em que não havia residentes por perto.

O próprio fato de que estas frases ecoam tão freqüentemente nos ensina ainda outra verdade. Cada pessoa sabia onde deveria estar. Sabia também qual era sua responsabilidade e o que se esperava dela. Alguns trabalhadores tinham a responsabilidade de reconstruir sua parte do muro desde o alicerce, enquanto outros tiveram apenas de fazer reparos. Não importava se estivessem envolvidos na construção ou na restauração; cada um sabia o que se esperava de sua tarefa. Em todo o trabalho, houve coordenação de esforços.

Um segundo conjunto de frases repetidas esclarece-nos o princípio de coordenação. É a expressão "defronte de sua casa" ou "defronte da sua morada" (Neemias 3:21-23; 28-30). Quando avaliamos isto, percebemos que Neemias aproveitava as facilidades. Não tinha gente viajando de um lado de Jerusalém para o outro.[1] Isto teria sido perda de tempo e redução de eficiência. Também teria tornado difícil a alimentação dos que estavam trabalhando. Além do mais, em caso de ataque[2] por parte dos seus inimigos, a preocupação de cada homem seria por sua própria família. Se sua família estivesse do outro lado de Jerusalém, ele não teria como defendê-la. Fazendo com que cada homem trabalhasse perto de sua própria casa, Neemias facilitou o acesso ao serviço, a alimentação enquanto estivesse trabalhando, e a segurança daqueles que eram mais próximos e mais amados. Isso aliviava cada operário de ansiedades desnecessárias. Também assegurava que cada pessoa se esforçasse ao máximo naquilo que fazia.

B. C. Forbes estava certo quando disse que sucesso se escreve com as letras "t-r-a-b-a-l-h-o-e-m-e-q-u-i-p-e". Sua observação de que "se o todo prospera, o trabalhador individual como parte ativa, efetiva e progressiva do todo prosperará com ele" merece ênfase contínua.

Poucas pessoas apreciam a importância do trabalho coordenado até que tenham encontrado a espécie de caos que reina sem ele. Um amigo meu aceitou a posição de superintendente distrital de sua denominação. Nos anos recentes tudo estava indo mal. As ofertas para missões tinham diminuído, os números diminuíram, e algumas igrejas tinham até fechado as portas. Não demorou muito, ele descobriu que havia quase total falta de comunicação entre o escritório central e as igrejas. Havia também uma falha correspondente por parte dos pastores em cooperar uns com os outros. Ele teve de começar regulamentando e harmonizando os esforços de todos. Isto não foi fácil, mas uma vez conseguido, os resultados foram marcantes. Sua experiência prova que não pode haver avanço permanente sem coordenação certa.

O princípio é verdadeiro nos negócios e na indústria, nas igrejas e

nos hospitais, no lar e na escola. Em sua autobiografia, Bernard L. Montgomery conta de suas experiências quando assumiu a liderança do Oitavo Exército na África do Norte na Segunda Guerra Mundial. Ele descobriu que os homens estavam desmoralizados e sem coesão. Sua primeira tarefa foi entusiasmá-los com seu próprio ânimo e depois coordenar suas atividades. O resultado de sua estratégia é conhecido: mudou a maré da guerra.

A base de toda a liderança eficaz é a coordenação correta das atividades de todos os envolvidos.

Tabalhando Juntos

O segundo princípio de sucesso na liderança encontra-se na *cooperação* conseguida por Neemias. Homens de lugares diferentes e de diferentes ocupações trabalharam juntos no muro. Isto incluía sacerdotes, levitas, chefes e pessoas comuns, porteiros e guardas, fazendeiros e "trabalhadores de sindicato", ourives, farmacêuticos, mercadores, empregados do templo e mulheres.

Os sacerdotes poderiam ter-se omitido do trabalho nos muros com base na sua consagração especial para as coisas sagradas. Eles têm a seu favor que tomaram a liderança no programa de reconstrução (Neemias 3:1 e seguintes)! De igual modo, os ourives poderiam ter-se desculpado. Afinal de contas, estavam acostumados a trabalhos de perícia e delicadeza, e não à tarefa grosseira de assentar tijolos. Sua disposição de cooperar com os demais é digna de nota.

É também interessante notar que certos solteiros cooperaram na reconstrução do muro,[3] mesmo que não tivessem mulher e filhos para proteger (Neemias 3:23). Também havia os regentes dos dois distritos de Jerusalém que voluntariamente deixaram seus aposentos de conforto para trabalhar ombro a ombro com as classes operárias. Trabalharam sem rivalidades ou ressentimentos. Ao fazer suas rondas, Neemias não pôde deixar de notar que um dos oficiais, Salum, estava sendo auxiliado por suas filhas. Este fato é interessante e importante. As mulheres eram raramente mencionadas no Oriente Médio e quando a Bíblia relata suas atividades, é porque demonstram algo muito significativo. Estas jovens mostraram que não tinham medo de fazer o trabalho normalmente dado apenas aos homens.

Havia também os homens de Jericó, Tecoa, Gibeom e Mispa, Zanoa e Bete-Haquerém, Bete-Zur e Zelá. Tinham pouco a lucrar com a fortificação de Jerusalém, e poderiam ter facilmente permitido que suas próprias preocupações os distraíssem de participar de tarefa tão sem lucros pessoais.

Havia também tipos diferentes de operários, pertencentes aos

"sindicatos". Se esses sindicatos de trabalhadores fossem como os nossos de hoje, estes homens teriam de protestar porque Neemias não estava pagando o salário mínimo.

Infelizmente, hoje em dia é comum os empregados fazerem o mínimo possível para ganhar o máximo. Esta não era a filosofia antiga, que considerava o trabalho em si como recompensador, mesmo necessário, para o pleno aproveitamento da vida. Existem alguns estudiosos da sociedade norte-americana que crêem que os Estados Unidos se tornaram uma grande nação porque seu povo acreditava que se valia a pena fazer o trabalho, valia a pena ser bem feito; que a diligência e a satisfação de realizar e a dedicação ao trabalho de um homem eram todas qualidades de caráter dignas de admiração. Precisamos voltar a ter esta espécie de visão e os ideais que a geraram.

Além do mais, as pessoas de organizações filantrópicas e os líderes de nossas igrejas lamentam freqüentemente a qualidade e quantidade de trabalho feito por voluntários. Neemias tinha, porém, a capacidade de motivar as pessoas a darem não somente de seu tempo, como também darem o que tinham de melhor. E estas pessoas—todas elas—trabalharam voluntariamente porque tinham ânimo para o trabalho (Neemias 4:6)!

É importante saber que Neemias não conseguiu sucesso total. A elite de Tecoa não quis sustentar o trabalho em Jerusalém e recusou-se a participar (Neemias 3:5). Mas Neemias não permitiu que a obstinação daqueles diminuísse o seu otimismo. Ele trabalhou com os que estavam dispostos a trabalhar para o Senhor e conseguiu realizar o que muitos julgavam ser impossível.

Os voluntários de Neemias dão-nos um exemplo importante. Eram coordenados em suas atividades. Todos os envolvidos trabalharam juntos na reconstrução do muro. Além do mais, a cooperação obtida por Neemias demonstra até que ponto ele pôde unir tão diversificado grupo. Todos eles tinham um objetivo comum.

A Dimensão Imprescindível

Um terceiro princípio do sucesso de Neemias pode ser visto na *aprovação* que ele demonstrou para com os obreiros. O que ele fez é de significado especial para nós hoje.

Vivemos numa época de despersonalização. As companhias das quais compramos mercadorias estão mais interessadas na *nossa* carteira de identidade e no nosso crédito do que em assegurar a qualidade e confiabilidade do *seu* produto! Para o serviço de arrecadação de imposto de renda somos apenas um número, e para o censo,

apenas um dado estatístico. Isto faz com que percamos nossa identidade. Começamos a duvidar de nosso valor e, após algum tempo, percebemos que se por alguma razão deixássemos de trabalhar ou caíssemos mortos, poucos sentiriam nossa falta.

Neste capítulo, Neemias mostra claramente a necessidade de nos interessarmos pessoalmente pelos nossos empregados. Isto se evidencia pelo seu conhecimento dos nomes daqueles que trabalharam nos muros, por ele saber onde eles trabalhavam e o que faziam. Ele os tratou como pessoas, não como objetos; tinham valor e não estavam lá para serem explorados.

Cada um de nós precisa saber que tem valor próprio. Se reconhecermos esta necessidade nos outros, demonstrando apreciação mediante nossa atitude para com eles, teremos um relacionamento muito melhor. Dar aprovação às pessoas pelos seus esforços honestos é uma das chaves mais valiosas para o sucesso nas relações humanas.

Neemias usou a aprovação para enriquecer a qualidade das vidas dos seus trabalhadores. Ele identificou-se de perto com eles e estava pronto para encorajá-los quando as coisas iam mal. Ele sabia que o trabalho que os homens fazem é parte essencial de suas vidas. Isto é verdade não só porque através do trabalho se ganha o pão de cada dia (no caso dos obreiros de Neemias, eram voluntários sem remuneração), mas porque o trabalho de um homem lhe dá posição na comunidade e une-o à sociedade. Neemias sabia que o trabalhador feliz no seu serviço, confiante nos seus superiores e com relações de cooperação com os colegas, espalhará o seu contentamento através de todo o grupo.

A consciência que Neemias tinha do esforço dos outros é digna de nota. Encontramos isto na expressão "reparou a outra parte" (Neemias 3:11, 19-21, 24-27, 30). Ele era rápido em notar e apreciar o zelo e o esforço daqueles que trabalhavam com ele. Especialmente significativo foi o esforço dos homens de Tecoa (3:5, 27). Seus líderes eram contra o que Neemias estava fazendo. Mas os tecoítas foram inspirados pelo exemplo de Neemias, e trabalharam diligentemente nos reparos do muro. Quando terminaram sua primeira tarefa, foram para outra secção trabalhar. Eles eram mais do que números de estatística para Neemias. Eram indivíduos—cada um com vida própria—e eram importantes pelo que eram, e não apenas pelo que faziam.

O reconhecimento dado por um líder aos seus subordinados cria um sentimento de participação, de pertencer. Faz com que se sintam seguros. Este sentimento de segurança é absolutamente essencial quando surge dificuldades ou as pressões econômicas começam a apertar (ver Neemias 4-6).

No assunto de aprovação, esperaríamos que Neemias louvasse a Hanum e aos habitantes de Zanoa, pois eles repararam quinhentos metros de muralha arrebentada (Neemias 3:13). Mas justamente ao lado deles estava Malquias, que, trabalhando sozinho, reparou apenas a Porta do Monturo (3:14). Neemias também elogiou o esforço honesto de Malquias. Não permitiu que o tamanho da realização de uma pessoa fizesse com que não percebesse os esforços de outra.

Ao pensar na aprovação que Neemias deu aos seus obreiros, podemos perguntar: Onde *ele* trabalhou? O que *ele* fez? Neemias não o menciona. Ele não está enumerado entre aqueles que sempre precisam promover-se a fim de ganhar o louvor dos outros. Ele sabia que numa empresa bem gerenciada um bom líder sempre leva um pouco mais da culpa do que merece e muito menos reconhecimento do que faz jus. Ele estava contente por colocar os outros em foco e sabiamente permaneceu na obscuridade.

Negócio Acabado

Outro princípio do sucesso está no fato de que cada pessoa *terminou* a tarefa que lhe foi designada. As palavras "edificou" e "reparou" estão no tempo pretérito perfeito. Cada um continuou ocupado. Cada um sabia o que se esperava dele. Cada um trabalhou no seu lugar. E cada um terminou aquilo que começou.

Tudo isso parece simples demais: coordenação, cooperação, aprovação e acabamento. É simples mesmo. Mas há mais uma dimensão: *comunicação.* Envolvia a instrução de cada obreiro para que ele soubesse o que fazer e onde fazer, e a delegação de autoridade para que as decisões não precisassem ser sempre referendadas pela direção.

Richard J. Wytmar, escrevendo na revista *Automotion,* disse que "uma das características mais universais de liderança e de sucesso é a simplicidade. É a capacidade de reduzir os problemas a proporções menores, de explicar mesmo as mais complexas situações nos termos mais simples. É a arte de empregar palavras, gestos e comportamento simples, comuns, compreensíveis a todas as pessoas, e assim, facilmente comunicáveis".

Neemias coordenou suas atividades dividindo o muro em cerca de quarenta grupos diferentes. A cada pessoa foi designada uma secção do muro. Dividindo o trabalho em partes, Neemias pôde supervisionar o trabalho e comunicar-se com uma parte de cada vez. O que era antes situação complexa tornou-se relativamente simples quando subdividida. Do capítulo 2:17-20, percebemos que Neemias era capaz de falar ao povo em termos simples e compreensíveis. Sua instrução

para as diversas classes de pessoas (com suas variadas experiências) quanto à forma de construir o muro deve ter sido fácil de compreender.

Além disso havia delegação de autoridade. Cada pessoa foi capaz de assumir responsabilidade por sua secção do muro. Grupos de obreiros tinham chefes de secção (por exemplo, Hanum chefiava os moradores de Zanoa, conforme Neemias 3:13; os levitas trabalharam *sob* Reum, 3:17) e o poder de tomar decisões foi delegado aos líderes de cada grupo. Se este não tivesse sido o costume de Neemias, ele teria ficado sobrecarregado com decisões triviais e nunca teria conseguido coordenar as atividades de todos os grupos.

Em última análise, Neemias obteve sucesso porque dava valor aos seus trabalhadores e seguia os princípios básicos importantes da liderança eficaz. Ele *coordenou* os esforços dos obreiros, garantiu a *cooperação* dos diversos grupos, mostrou *apreciação* pelo trabalho bem feito, verificou que cada tarefa foi *completada* satisfatoriamente, e providenciou para que houvesse *comunicação* adequada.

Estes princípios de liderança eficaz podem ser aplicados a qualquer tarefa que o Senhor nos der. Aplicam-se na política e no comércio, na educação e em missões, em empresas privadas e na indústria. Ao seguir o exemplo bem-sucedido de Neemias, nós também podemos lançar o fundamento para nossa própria liderança.

A Psicologia da Liderança Eficaz

A sociedade dá muito valor às pessoas capazes de liderar outros. Hoje se gastam mais esforços na "procura de executivos" e no "desenvolvimento de gerência" do que nunca. Posições chaves estão-se abrindo continuamente no comércio e na indústria, no governo e no serviço público civil—tudo para o homem certo que possui aquele "algo mais".

Mas onde se encontram esses líderes? Ou melhor, o que estamos procurando naquele que deverá dirigir a outros?

Há muitos anos, os psicólogos gastaram tempo e dinheiro consideráveis avaliando as qualificações pessoais dos líderes. As características delineadas por estes eram um tanto arbitrárias, e a falta de unidade levou à confusão. A ênfase na personalidade do líder tinha que ver com apenas um aspecto do problema. E a situação em si—as pessoas com quem o líder trabalhava, as pressões por ele sentidas, os problemas que ele tinha a vencer?

Não demorou muito, a personalidade do liderado foi considerada juntamente com a personalidade do líder. Isto, por sua vez, ressaltou a importância de relações humanas eficazes.

Escrevendo na revista *Banking*, William T. Hocking e Robert M. Wald declararam que "o executivo bem-sucedido. . . terá de ser treinado como profissional de dinâmica humana e liderança, não importa se ele chega ao cume através de seu trabalho como gerente ou através de sua especialização. Terá de ser planejador eficiente a curto e a longo prazo—e implementador dos planos".

Um dos pontos fortes de Neemias era a manutenção efetiva de relações interpessoais. A extensão de sua capacidade pessoal pode ser medida pelo número de grupos e pela diversidade de pessoas que ele fundiu numa unidade. Ele não só os manteve trabalhando—ele os manteve trabalhando em harmonia apesar de diferenças sociais, de origem geográfica e ocupação profissional.

Pesquisadores modernos, estudando líderes e seus problemas, finalmente começaram a focalizar as diferentes espécies de responsabilidades de liderança. Surgiram duas características principais: o especialista em tarefa e o especialista sócio-emocional.

O *especialista em tarefa* organiza o grupo, estabelece o alvo, e dirige as atividades para atingir esse objetivo. O *especialista sócio-emocional* mantém a moral do grupo, preserva a harmonia, e freqüentemente trabalha para aliviar as tensões entre os empregados.

Os pesquisadores descobriram que o especialista em tarefa, estava emocionalmente mais distante dos membros individuais do grupo do que o especialista sócio-emocional. Freqüentemente ele se desempenhava bem numa variedade ampla de situações que requerem habilidade de organização e capacidade de manter distância emocional. Os líderes sócio-emocionais, por outro lado, também se desempenhavam bem em muitos setores, especialmente quando o funcionamento dependia de relações pessoais construtivas. Idealmente, estas funções devem ser desempenhadas pela mesma pessoa, mas nem todo líder tem capacidade em ambos os aspectos.

Em Neemias 2:17-20, vemos que ele coloca um alvo e motiva os habitantes de Jerusalém a trabalhar juntos para atingi-lo. Ele é especialista em tarefa, e orienta toda sua capacidade de organização para atingir seu objetivo. No capítulo 3, Neemias é visto num papel duplo. Está intimamente ligado aos operários e dá condições para que trabalhem bem. No capítulo 5 nós o veremos como especialista sócio-emocional, envolvendo-se nos problemas daqueles que trabalham no muro e chegando a uma solução satisfatória.

Depois de construir o muro e começar o trabalho de consolidação, Neemias colocará novos e diferentes alvos e se tornará mais administrador.

Permanece o fato de que muitos homens nos altos escalões do

comércio e da indústria falham freqüentemente porque não são capazes de mudar de papéis como Neemias fez. O homem que começou uma firma há cinco anos, saindo do nada, e agora é presidente da empresa e do conselho de administração, pode descobrir que não sabe mais manter as coisas coesas. Ele joga a culpa dos seus erros nas "tendências econômicas imprevisíveis" e desculpa a sua ineficiência porque "não se pode conseguir empregados confiáveis hoje em dia". Mas a verdade é que a firma precisa de outra espécie de liderança. O fundador funcionou bem como especialista em tarefas mas falhou como especialista sócio-emocional.

Neemias conhecia a si mesmo; ele conhecia as pessoas. Ele tinha desenvolvido a capacidade de mudar de um papel para outro e o resultado foi que ele obteve sucesso onde outros muitas vezes falham.

CAPÍTULO 5

Um Dilema Comum

Neemias 4:1-6

Faz alguns anos, A. J. Murphy propôs sua famosa *lei:* "Se há alguma chance de alguma coisa dar errado, você pode estar certo de que vai mesmo dar errado."[1]

No trabalho secular e no trabalho do Senhor, as coisas "saem erradas" por motivos externos ou internos. Ou somos insuficientes para a tarefa e falhamos em planejar como deveríamos, ou surgem forças externas que não podemos controlar. A maneira como lidamos com estes problemas revela o calibre de nossa liderança.

Em nossa avaliação do modo como Neemias construiu os muros de Jerusalém, percebemos que ele assumiu uma tarefa que nunca antes tinha feito. Do ponto de vista "interno", ele fez tudo o que se podia esperar dele. Preparou-se para suas novas responsabilidades, sabia o que se esperava dele, fez provisões adequadas para suas necessidades. Se tivéssemos apenas as informações contidas no capítulo 3 para nos guiar, poderíamos concluir que, como resultado de sua capacidade de organização, o trabalho dos muros continuou sem empecilho algum. Contudo, a oposição surgiu de uma fonte que Neemias não podia controlar. O modo como Neemias lidou com essas pressões externas é bastante instrutivo.

Ao analisar a relação de Neemias 3 com os capítulos 4, 5 e 6 observamos que no capítulo 3 Neemias nos conta *o que* aconteceu—os judeus edificaram o muro. Os capítulos 4 e 6 dizem-nos *como* foi feito—em face a oposição severa. É significativo que a oposição que Neemias enfrentou é da mesma espécie que enfrentamos hoje. Na resposta de Neemias aprendemos como nós também podemos encarar as ameaças externas.

O Dilema Humano

Nos primeiros versículos deste capítulo, temos outra indicação da forma como Neemias se mantinha informado de tudo o que acontecia em Samaria. Foi-lhe dito que tão logo Sambalá ouviu falar do muro, ficou furioso. Em sua ira ele escarnece dos judeus.[2] "O que esses fracos judeus estão fazendo? Permitir-se-lhes-á isso? Sacrificarão? Darão cabo da obra num só dia? Renascerão, acaso, dos montões de pó as pedras que foram queimadas?" (Neemias 4:2).

OPOSIÇÃO À OBRA DO SENHOR		
Oposição de Fora 4	Oposição de Dentro 5	Oposição de Fora 6
	Natureza da Oposição	
1. ESCÁRNIO *Recurso:* Oração 2. AMEAÇA DE VIOLÊNCIA *Recurso:* Oração 3. DESÂNIMO *Recurso:* Reorganização e armamento de obreiros	AVAREZA E OPRESSÃO *Recurso:* Confronto aberto, Restituição e Oração	1. INTRIGA *Recurso:* Firmeza e hombridade em oração 2. INSINUAÇÃO *Recurso:* Negação aberta e Oração 3. INTIMIDAÇÃO *Recurso:* Conduta exemplar e Oração

Mas por que é necessário a Sambalá falar às poderosas forças da Samaria desta forma? Qual a razão de sua ira tão violenta?

Em termos claros, "uma Jerusalém poderosa significa uma Samaria em depressão". Uma das principais estradas que ligam o vale dos rios Tigre e Eufrates ao norte, com o Egito no sul, e a Filístia a oeste, passa por Jerusalém. Com Jerusalém mais uma vez bem protegida, sua própria localização atrairá o comércio, e assim a supremacia econômica da Samaria acabará na "terra além do rio".

Ao zombar dos judeus, Sambalá inconscientemente segue um modelo de oposição que tem sido empregado através dos séculos. Ele começa com escárnio: "Que fazem esses fracos judeus?"—uma pergunta retórica. Através de seu desdém ele procura diminuir a auto-estima que eles possuem, enfraquecer os ânimos e desmoralizá-los.

Todos nós conhecemos pessoas como Sambalá. Elas se alegram em diminuir os outros. Passarão pelo escritório de uma pessoa recentemente promovida ou que tenha assumido um cargo importante, e dirão: "Você realmente não acredita em tudo o que o diretor disse a seu respeito, acredita?" Ou então: "Eles só lhe deram o cargo enquanto procuram por alguém mais qualificado." Suas palavras zombeteiras colocam-nos imediatamente na defensiva e tiram a alegria daquilo que estamos fazendo. Como no caso de Sambalá, procuram desanimar-nos para que não consigamos dar do nosso melhor.

Sambalá continua o seu ataque falando mal dos motivos dos judeus. "Restaurarão *para eles mesmos* a cidade?" deixando subentendido que eram egoístas e tinham segundas intenções ao reconstruir o muro. O pensamento imediato de Sambalá era: "O que será que eles vão lucrar com isso?" O altruísmo de uma pessoa como Neemias não pode ser entendido por seus padrões preconcebidos de comportamento. A atitude de Sambalá é a resposta comum de pessoas cujas mentes são mundanas. Elas não entendem como uma pessoa pode fazer alguma coisa simplesmente para a glória de Deus. Do mesmo modo que Sambalá não entendeu os motivos dos judeus, os descrentes de hoje em dia julgam os cristãos pelos padrões que colocam para si mesmos.

A falha de uma pessoa mundana em compreender a obra do Senhor demonstra-se ainda pelas próximas perguntas de Sambalá: "Sacrificarão? Darão cabo da obra num só dia? Renascerão, acaso, dos montões de pó as pedras que foram calcinadas?" Nisto ele diz que a tarefa é grande demais para eles, que eles nunca conseguirão completar o projeto e consagrar os muros. Eles já haviam tentado antes e tinham falhado. Que garantia tinham agora de que obteriam sucesso?

A impossibilidade da tarefa é demonstrada pelo estado dos materiais. Quando os babilônios saquearam e queimaram a cidade, o fogo fez com que a maioria das paredes de calcário desmoronassem. O abandono de quase um século teria ainda mais acabado com sua utilidade para construção. Assim sendo, a descrição que Sambalá faz dos obstáculos intransponíveis à frente dos judeus, leva-o a concluir que eles serão incapazes de terminar a obra. Mas ele não leva em conta que é um grupo de pessoas inspirado por um líder que foi motivado, ele mesmo, por Deus.

Após o sarcasmo de Sambalá, é a vez de Tobias menosprezar os judeus. "Ainda que edifiquem, vindo uma raposa derrubará o seu muro de pedra." Sua figura é bastante sugestiva. As raposas não são apenas velozes, como também flexíveis e ágeis. Um muro teria de ser muito mal construído para ser derrubado por uma raposa! É o comentário vivaz de Tobias que faz com que alguns comentaristas concluam que entre os versículos dois e três, Sambalá e os samaritanos realmente foram até Jerusalém e observaram os judeus em seu trabalho.

Se estas palavras foram ditas aos ouvidos daqueles que trabalhavam ou vieram até eles através de "mexericos" intencionais, surtiram o efeito desejado. Desmoralizaram os construtores. Eles já tinham sido subservientes aos samaritanos por tanto tempo que a esperança

morria bem depressa em seus corações.

Como Neemias enfrentará esta nova situação? O que ele poderá fazer para contra-atacar esta calúnia maldosa?

A Base da Confiança

É muito instrutivo notar que em primeiro lugar Neemias leva toda a questão perante o Senhor (Neemias 4:4). Retrucar seria começar uma batalha de palavras. Mas orando primeiro, Neemias pôde dar plena vasão ao que sentia. Ele não suprime suas emoções nem guarda rancor. Se ele tivesse feito assim, sua personalidade estaria começando a deturpar-se, seu sentido de realidade seria distorcido e sua relação com o Senhor ter-se-ia deteriorado.

Aqueles que abafam seus sentimentos geralmente o fazem porque têm a idéia—idéia externa—de que a conduta cristã tem de ser assim. Mas isso por vezes é completamente contrário ao modo como se sentem. Ao se preocuparem com aquilo que os outros pensam deles, abafam seus ressentimentos e conseqüentemente se amarguram e se enchem de rancor.

Em vez de abafar seus sentimentos, Neemias recorre à oração. Julgando pelo modo como ele pôde inspirar os judeus a continuarem a obra, sua oração, embora pessoal, foi também provavelmente pública.

A oração tem muitos resultados benéficos. Não só nos capacita a dar vasão ao que sentimos, como também nos dá a oportunidade de conversar com Deus sobre a questão e obter dele nova perspectiva dos nossos problemas. Se apenas orássemos sobre nossas dificuldades, descobriríamos que nossa ira e nossos ressentimentos se dissipariam. Se tomássemos tempo para dizer ao Senhor as coisas que nos perturbam, não seríamos tentados a mexericar com os outros a respeito dessas coisas. A oração é parte imprescindível da sanidade mental. Como disse o famoso médico, Alexis Carrel: "Já vi homens, depois que toda a terapia falhou, tirados da doença e da depressão pelo esforço sereno da oração."

Orando a respeito do seu problema, Neemias é levado a reconhecer de novo que Deus é o Onipotente. A reconstrução do muro é projeto de Deus. O reconhecimento disso tira todo o fardo da responsabilidade dos ombros de Neemias.

Palavra e Espírito

A natureza exata da oração de Neemias tem sido há muito uma fonte de embaraço para os crentes. "Caia o seu opróbrio sobre a sua cabeça, e faze que sejam despojo, numa terra de cativeiro", ele ora.

"Não lhes encubras a iniqüidade, e não se risque de ti o seu pecado, pois te provocaram à ira na presença dos que edificavam" (Neemias 4:5).[4]

Mas como explicar uma oração tão dura e aparentemente vingativa? É tão contrária ao ensino de Jesus Cristo (Mateus 6:9-13; Lucas 11:2-4) que certamente Deus não iria querer que usássemos essa oração como modelo.

Alguns escritores tentam racionalizar para sair do problema recorrendo ao texto original. Dizem que o verbo está no predicativo e não no imperativo. Mas esta explicação não continua de pé sob exame minucioso. Em primeiro lugar, quando imprecações do Antigo Testamento são repetidas no Novo Testamento, vemos no uso delas que são maldições.

Outra tentativa de explicar essas imprecações procura exonerar a Deus de qualquer parte nessa oração. Os que têm tal opinião se refugiam no fato de que a inspiração das Escrituras garante apenas o relato acurado daquilo que foi dito e não implica necessariamente aprovação divina. Quanto à inspiração, isto é verdade. Mas Davi era um homem "segundo o coração de Deus" e seus escritos estão cheios de imprecações (ver Salmo 5:10; 10:15; 28:4; 31:17-18; 40:14-15, etc.).

Reconhecendo a fraqueza dessas idéias, a maioria dos comentaristas recorre a outra explicação. Ressaltam que as pessoas do Oriente Próximo eram muito excitáveis e rápidas em amaldiçoar uma divindade ou uma pessoa de quem não gostassem.[5] Uma vez dito isto, explicam que essas pessoas nada sabiam da graça, que o ensino sobre "amar os inimigos e orar por aqueles que nos perseguem" (Mateus 5:44-45) teve de aguardar a vinda de Cristo (ver Lucas 6:36; Efésios 5:1). Mas tal ponto de vista ignora o fato de que a graça está presente em todo o Antigo Testamento e foi ensinada por Moisés (Êxodo 23:4-5; Levítico 19:18), Davi (Salmo 25:12 e seguintes; 109:4-5) e Salomão (Provérbios 25:21-22).

É óbvio que tem de haver uma resposta melhor para a existência de orações imprecatórias do que estas que foram até aqui sugeridas.

Certa vez, alguns seminaristas perguntaram a um famoso teólogo do Antigo Testamento como ele explicava os Salmos imprecatórios. Sua resposta foi muito reveladora: "Você tem de ser uma pessoa muito espiritual para fazer essa espécie de oração"! Aplicando isto ao contexto de Neemias e sua oração, vemos que Sambalá e Tobias, ao depreciar a obra, estavam realmente zombando do Deus dos judeus. Como disse o renomado erudito semítico, C. F. Keil: "Eles desafiaram abertamente a ira de Deus, desprezando-o perante os construtores".[6]

Recebemos novo ânimo disto ao perceber que Deus tem interesse

pessoal naquilo que nos acontece. Os nossos opositores estão realmente demonstrando sua oposição a Deus. Isto deve animar-nos e demonstrar quão preciosos somos aos seus olhos.

Orando como ora, Neemias demonstra quão perto está do Senhor e quão intimamente está ligado a ele e à obra. Então, ele mantém os construtores ocupados. Enquanto ativos no trabalho, têm pouco tempo para se preocupar com os mexericos dos inimigos. Esta não é a hora de sentar e discutir novas estratégias. A oração restaurou sua perspectiva. Ele sabe o perigo da demora. Ele é astuto o bastante para saber que quando os inimigos perceberem que nada conseguiram, tentarão medidas mais drásticas para paralisar a obra.

Neemias teve tanto sucesso em combater a influência maléfica de Sambalá e Tobias que pôde escrever no seu *diário:* "Assim edificamos o muro, e todo o muro se fechou até a metade de sua altura; porque o povo tinha ânimo para trabalhar."

Mas como estes trabalhadores tiveram ânimo após ter ficado tão desanimados? O que fez com que o desânimo viesse a ser disposição? Por que Neemias pode dizer: "tinham ânimo para trabalhar"?

A única resposta satisfatória está na personalidade do líder. Conforme disse com sabedoria Bernard L. Montgomery: "Um líder tem de ter otimismo contagioso e determinação a fim de perseverar em face das dificuldades. Ele precisa irradiar confiança, depender de princípios morais e espirituais e recursos para dar certo mesmo quando ele próprio não está muito certo do resultado".[7]

A Busca Interior

Hoje em dia existe uma atitude, especialmente entre evangélicos, de que se vivermos corretamente nada pode dar errado. Tal idéia é contrária às Escrituras (Mateus 18:7; João 16:33). Em certa ocasião o Senhor Jesus disse aos seus discípulos que tomassem um barco e atravessassem o Mar da Galiléia. Eles obedeceram e enfrentaram uma tempestade terrível (Marcos 4:35-41). Noutra ocasião o apóstolo Paulo teve uma visão de um homem da Macedônia implorando que ele passasse à Europa e os ajudasse (Atos 16:9-10). Ele o fez e encontrou oposição severa (2 Coríntios 7:5). Problemas e dificuldades nos sobrevêm mesmo quando estamos no centro da vontade de Deus. A força do Cristianismo está em que Deus nos capacita a vencer essas dificuldades enquanto cumprimos a tarefa que ele tem para nós.

O segredo de vencer a oposição está no nosso relacionamento com o Senhor. Ele tem capacidade para ajudar-nos a vencer os problemas que enfrentamos. Muitas vezes as nossas emoções controlam o nosso modo de ver as coisas. Sentimentos negativos destroem nossa

confiança. Mas isto só pode ser vencido pela fé. Nossa preocupação com dada situação não fará com que ela desapareça. A ansiedade nunca tira a tristeza do amanhã; só tira a força do hoje. Precisamos, quando as portas do desespero parecem fechar-se ao nosso redor, é de fé—fé expressa através da oração. A oração eficaz e sincera restaura a nossa perspectiva e nos dá respostas positivas em vez de emoções negativas. Este modo positivo de encarar as coisas inspira esperança; a esperança nos dará confiança renovada; e o resultado será um novo surto de ânimo.

Aprendemos do exemplo de Neemias também a importância da perseverança ante a oposição. A perseverança é o verdadeiro teste de capacidade de liderança. É uma coisa estabelecer um alvo para um grupo de pessoas; outra coisa é perseverar em direção a esse objetivo e inspirar outros para que também estejam motivados a seguir-nos.

A perseverança de Neemias estabeleceu-se firmemente sobre a convicção de que ele fazia o que Deus queria fosse feito. O resultado foi que ele pôde subir acima do deboche, vencer o desânimo e influenciar outros com seu próprio otimismo. Eles se animaram através do seu espírito de vitória. Em vez de ficar lambendo suas feridas, sem propósito, o seu exemplo foi um desafio para enfrentar os problemas de modo positivo, agressivo mesmo. Enquanto trabalhavam, descobriram que sua fé se fortalecia. Eles progrediam. Enquanto no desânimo viam os problemas como montanhas, agora, com percepção renovada, as dificuldades eram como nuvens que se dissipavam.

Destes poucos versículos aprendemos a esperar oposição, mesmo quando estivermos fazendo a vontade de Deus. Aprendemos a desenvolver respostas positivas à oposição através da oração e de nossa identificação com Deus e com seu propósito, e a perseverar na tarefa que temos à mão. A fé é sempre o ingrediente vital. Foi a fé que tirou Neemias do vale do desespero e transladou seus esforços em façanhas nobres. Sua fé gerou-lhe confiança. Sua confiança inspirou a outros. O segredo do sucesso de Neemias pode ser nosso. Como disse o apóstolo João: "Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 João 5:4).

CAPÍTULO 6

Conflito de Valores

Neemias 4:7-23

Faz alguns anos, li estas palavras de autor desconhecido: "Em tempos adversos, muitas pessoas perdem a coragem e demonstram uma fraqueza desnecessária. Acham que uma perda, ou um desapontamento é uma falha quando na realidade o infortúnio pode significar oportunidade." Este mesmo autor continuou, dizendo: "Devemos tecer de nossas circunstâncias. . . o modelo e a textura da vida. Ganha-se força quando se vence a adversidade, não quando por ela somos vencidos."

Sabemos, de experiência própria, que isto é verdade. Devemos esperar pressões. Aprender a enfrentá-las sem perder nosso equilíbrio emocional, porém, leva tempo. Inclui crescer até à maturidade.

No trecho que temos à frente vemos que Neemias espera que Sambalá tome mais medidas para deter a construção do muro. Assim sendo, ele anima os trabalhadores. O muro está completo até à metade de sua altura porque o povo tinha ânimo para trabalhar. A moral está no alto. Infelizmente, sob novas pressões, o entusiasmo do povo começa a enfraquecer. O desânimo se instala. Eles ficam deprimidos e concluem que a fortificação da cidade não poderá continuar.

Nós também enfrentamos situações em que aqueles que trabalham conosco acham que estamos exigindo demais. Há épocas na vida de todo pastor quando ele sente pressões econômicas adversas, ou alguma oposição na igreja faz com que lhe seja difícil continuar. Como no caso de Neemias, ele sente a solidão de seu cargo. Os que estão no mundo dos negócios e da indústria sabem que a ameaça de redução de despesas e demissões acaba com a moral dos empregados. Visto como as pressões externas e as forças internas são coisas que todos os líderes têm de enfrentar, temos muito que aprender do modo pelo qual Neemias agiu nas circunstâncias que confrontou.

Táticas Retardadoras

Quando os inimigos dos judeus viram que suas ameaças e seu deboche não deram em nada, passaram a usar de violência contra os edificadores. Cercaram Jerusalém por completo. Lá estão Sambalá ao

norte, Tobias e os amonitas ao leste, os árabes ao sul e os asdoditas (os antigos filisteus) ao oeste. Os líderes desses grupos adotam nova estratégia. Planejam intimidar os judeus fazendo-os perder a confiança em seu líder.[1]

A causa verdadeira desta conspiração é a ira. A ira geralmente resulta de *frustração* dos planos, *humilhação* sentida quando se falha, ou o medo de *rejeição*. Não é difícil descobrir a raiz da ira de Sambalá e seus parceiros conspiradores. Eles estão *frustrados* porque sua estratégia anterior falhou (Neemias 4:1-6). Esta falha faz com que se sintam *humilhados* aos olhos dos homens influentes da província. Eles haviam escarnecido dos judeus chamando-os de fracos e agora percebem que são contrariados por eles. Conseqüentemente, sofrem uma baixa em sua auto-estima. Acham que os mercadores ricos e proprietários de terras agora duvidam de sua capacidade de lidar com os judeus. Isto faz com que se sintam *rejeitados*. O resultado é a ira e a espécie de comportamento irracional que gera o pior dos instintos nos corações dos homens. Na sua ira eles valorizam a violência, nutrem o ódio, e dão plena vazão aos seus desejos de vingança. Tentam esmagar os fracos a fim de garantir sua própria tirania.

A conspiração contra os judeus é imensa. O isolamento dos que se encontram em Jerusalém é (quase) completo. É certo que o muro está sendo edificado e as brechas[2] estão sendo fechadas, mas o que é isso contra tantas forças do mal?

Mas a adversidade é prova da realidade da fé, e, conforme veremos, nada pode impedir ou evitar suas orações.

Enfrentando a Crise

Tão logo Neemias fica sabendo da conspiração, ele toma providências imediatas. Ele relata: "Porém nós oramos ao nosso Deus, e, como proteção, pusemos guarda contra eles, de dia e de noite." Mais uma vez ele mostra como a fé (oração) e as obras (puseram guarda) andam juntas. Mostra que a oração não é substituto da ação. Toma as devidas precauções, montando um sistema de guarda constante! O preparo espiritual do povo torna-se sua inspiração quando eles assumem mais essas responsabilidades. O uso do pronome "nós" revela o efeito do seu próprio espírito consagrado sobre o povo. Antes fora (Neemias 4:4-5) Neemias que os dirigira em oração; aqui são eles todos querendo participar. E quem pode dizer o quanto ele ficou encorajado ao ver que o povo almejava unir-se a ele no trazer seus problemas perante o Senhor!

Mas então o inesperado acontece!

Como é caso freqüente, uma mudança de tática por parte dos

inimigos solapa a determinação do povo. Apesar de zelo renovado, as forças que enfrentam parecem maiores do que a compreensão que eles têm das realidades espirituais. Não é imediatamente visível a causa do novo desânimo. A primeira vez que Neemias percebe nova crise é através de um ultimato, e este vindo de fonte inesperada: os homens de Judá. De Judá foi escrito: "A tua mão estará sobre a cerviz de teus inimigos. . . Judá é leãozinho. . . quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló (Cristo)" (Gênesis 49:8-10).

Os homens de Judá disseram: "Já desfaleceram as forças dos carregadores, e os escombros são muitos; de maneira que não podemos edificar o muro" (Neemias 4:10).

É certo que a causa *exterior* deste ultimato é a exaustão. A redução do número de obreiros, por causa da participação na guarda, e as horas mais longas de trabalho aumentaram a tensão dos que trabalham dentro da cidade.

Como líder sábio, Neemias não aceita sem mais nem menos a explicação do fracasso. Ele examina um pouco mais e descobre a razão verdadeira. A "razão" dada pelos homens de Judá é apenas uma racionalização para fazer com que o fracasso pareça mais respeitável. É uma defesa para que não fiquem envergonhados perante os demais. Como é comum, a razão verdadeira pela qual querem parar é *interna.* Veio dos judeus que habitavam perto dos inimigos (4:12). Estes "pegaram" as fofocas que Sambalá semeou e a cada dia quando chegam à cidade para trabalhar, trazem-nas para dentro. Disseram: "De todos os lugares onde moram subirão contra nós." Estamos completamente cercados! Não temos a mínima chance!

O ardil de Sambalá e seus colegas surte efeito. Eles pretendiam atemorizar o povo e destruir seu espírito de cooperação, e o conseguiram. O medo diminuía a força de vontade dos judeus e fez com que perdessem a confiança em Neemias.

Quando Neemias percebe a razão verdadeira do desânimo dos líderes, ele os repreende: "Não os temais, lembrai-vos do Senhor, grande e temível, e pelejai por vossos irmãos, vossos filhos e vossas filhas, vossas mulheres e vossas casas."

A chave do êxito de Neemias em enfrentar mais esta crise está em sua capacidade de diagnosticar corretamente o que andava errado. Ele percebe que o problema é interno, e não externo. Apenas alguns dias antes essas pessoas tinham orado com ele na hora da ameaça de perigo. Tinham visto Deus intervir nos seus afazeres. Isto lhes dera confiança. E agora surge uma nova espécie de ameaça. Era mais sutil que a primeira, e estavam despreparados. Eles estavam guardando os

muros da cidade, mas não estavam guardando seus ouvidos do que os inimigos diziam. Estavam permitindo, sem perceber, que o inimigo lhes fizesse lavagem cerebral e os enchesse de dúvidas. Eles não entenderam que quando a dúvida invade a alma, ela leva ao desespero. Quando isto acontece, o fracasso está apenas a uns passos.

Ao responder à nova situação, Neemias concentra-se na questão principal: o medo! Ele sabe que existe um medo (temor reverente) do Senhor que é saudável (Deuteronômio 5:29; 6:2; 13:4; Provérbios 14:26-27; 19:23; 29:25; Jeremias 32:39). Ele sabe que, quando temos temor de Deus (como o objeto certo de temor) toda a vida é colocada na perspectiva correta. Mas Neemias percebe também que há épocas na vida em que as ameaças externas fazem com que se tema alguém ou alguma outra coisa (neste caso, Sambalá).[3] Temos aí um objeto errado de temor. O resultado é um conflito entre o certo e o errado. A razão desse conflito interno é que atribuímos a esse falso objeto de temor as caracteríticas de todo-poderoso e iminência.[4] O resultado é fraqueza, timidez e, finalmente, derrota.

Neemias enfrenta a situação de modo bem interessante. Primeiro *repreende aos judeus:* "Não os temais", e em seguida os anima: "Lembrai-vos do Senhor." Finalmente, ele lhes dá uma motivação: "Pelejai pelas coisas que prezais." Em suma, ele lança um desafio às emoções.

Devemos lembrar que os judeus vieram a Neemias com uma explicação já pronta por sua incapacidade de continuar na construção do muro. Talvez a razão verdadeira nunca tivesse aparecido se Neemias não fosse observador arguto da natureza humana. Ele discerniu a inquietação deles e viu por trás das explicações, descobrindo a razão verdadeira. Então, como líder sábio, enfrentou a razão real, não a explicação racionalizada que eles apresentaram.

É necessário saber diagnosticar um desânimo aumentado e saber encorajar e motivar eficazmente aos nossos colaboradores, seja numa grande firma, numa igreja, num hospital, ou no campo missionário. É um dos fatores importantes na liderança bem-sucedida. Mas precisamos estar em contato com aqueles com quem trabalhamos. É a única forma de combater as influências negativas. Temos de ser vistos, e sendo visíveis, temos de ser acessíveis. Na sociedade de hoje, com tantas exigências sendo feitas de cada um de nós, temos a tendência de negligenciar a importância da dinâmica pessoal na liderança. Num artigo não assinado na revista *Supervisory Management* o escritor ressaltou que "Uma função básica do bom líder é inspirar os melhores esforços das pessoas. O homem que se concentra apenas nos

detalhes, nas cifras ou nas questões técnicas pode tornar-se um perito, mas não será um líder. Os peritos (*experts*) sabem o que deve ser feito; os líderes sabem o que deve ser feito e como fazer com que as pessoas levem a cabo o que deve ser feito". O líder tem de saber como repreender, encorajar e motivar os outros.

No trecho que estamos estudando, Neemias tem a tarefa de animar os obreiros desanimados. Seus próprios líderes não estavam ajudando. Basta dizer que Neemias pôde vencer o medo que eles tinham através de seu próprio entusiasmo. Seu entusiasmo é mantido vivo durante todo o programa de reconstrução pelo ideal, dado por Deus, que domina o seu pensamento, e pela confiança que ele tem no Senhor e em si mesmo. Por causa dessas convicções inabaláveis, ele é capaz de desafiar os menos consagrados e menos convictos. Sua confiança no Deus da aliança dá-lhe um "otimismo infeccioso", a própria essência da motivação bem-sucedida. Isso também faz com que ele persevere em face das dificuldades e irradie confiança. Ele pode depender de recursos e princípios morais e espirituais mesmo quando não sabe qual será a próxima jogada do inimigo.

A Busca de Ideais

Com o passar do tempo a ameaça de um ataque sobre Jerusalém torna-se muito real (Neemias 4:15-20).

Quando Sambalá percebe que sua guerra psicológica sutil não está surtindo o efeito desejado, ele planeja uma ofensiva direta e total. Sem dúvida, Neemias tem notícias disso através do seu aliado na Samaria. Como preparo para o ataque, Neemias arma todos os trabalhadores. Os homens são colocados em pontos estratégicos atrás do muro e nas partes expostas. Durante esses dias pára a obra do muro.

O cessar da construção pode ter sido encarado como uma derrota por parte de alguns. Mas Neemias sabe que "A liberdade não consiste apenas nos direitos dos homens, mas na tradução dessas declarações em ações definidas". O trabalho do muro foi suspenso temporariamente enquanto o povo salvaguarda sua liberdade.

Os preparativos que Neemias faz para a proteção militar de Jerusalém, transformam toda a cidade num acampamento armado. Os residentes das regiões circunvizinhas precisam ficar na cidade em vez de voltar para suas casas à noite. Isto garante que todos estejam disponíveis em caso de ataque, e também diminui a facilidade que Sambalá e Tobias tinham de disseminar suas propagandas nocivas e desanimar o povo.

A contra-ofensiva de Neemias tem tamanho sucesso que ele

escreve: "E sucedeu que, ouvindo os nossos inimigos que já o sabíamos, e que Deus tinha frustrado o desígnio deles, *voltamos todos nós ao muro, cada um à sua obra*". De agora em diante, o trabalho realizado a cada dia diminui, pois metade da força fica de guarda enquanto a outra metade trabalha. Os operários estão armados. Um tocador de trombeta está próximo a Neemias, pronto para chamar a todos em caso de ataque de surpresa. A despeito do fato de que todas essas precauções fazem com que o trabalho vá mais lento, e também apesar do cansaço pelo trabalho dobrado na guarda noturna, a obra continua!

O Gume Cortante

Neemias conclui o capítulo com um resumo. Nos versículos 21-23 ele conta de novo os eventos daqueles dias de pressão e demonstra simplesmente a razão do seu sucesso. O elemento básico do êxito encontra-se em sua *identificação* com os judeus (Neemias 4:23). Ele estava disposto a sofrer as mesmas privações, enfrentar o mesmo perigo, e passar pelas mesmas dificuldades. Ele era um com eles na obra! O atraso temporário que tiveram quando houve uma pausa na construção não o deteve.[5] Ele estava sempre indo em frente.

Os líderes de hoje devem aprender de Neemias como ele se portou naqueles tempos de tensão e provação. Quando surgia uma situação difícil, ele a enfrentava objetivamente. Era sensível às necessidades dos que estavam em Jerusalém bem como sabia das tramas e maquinações dos de fora. Embora possa ter lastimado a interrupção do programa de construção, ele enfrentava cada nova situação com realismo. Reorganizou suas prioridades e ajustou sua estratégia à situação. Nem pressões nem tensões fizeram com que ele se desviasse do seu objetivo final.

O alicerce da vida de Neemias era sua *fé*. Esta era a semente imprescindível que inspirava a outros e produzia uma colheita de realizações. Em razão de sua fé, ele pode dar motivação aos judeus. Sabia que a desistência seria o mesmo que deixar a Deus do lado de fora. Deus tinha permitido que Sambalá e outros se opusessem à obra. Será que ele poderia duvidar da providência divina? A dúvida é um beco sem saída que leva ao fracasso! A fé, por outro lado, cria uma esperança positiva que, ele tinha certeza, culminaria na realização de seus planos (Hebreus 11:6).

Do mesmo modo que por sua fé Neemias estava ligado à Fonte de Poder, a fé também era a base de sua confiança. Dava-lhe coragem para perseverar. Ele tinha a confiança de que estava fazendo aquilo que Deus queria que fizesse. O resultado é que ele podia colocar-se

acima dos conflitos desalentadores que o cercavam.

A fé nos dá também um sentido de propósito. Ela nos dá a confiança de viver cada novo dia na dependência do Senhor. O entusiasmo e o desafio que Neemias teve, nós também podemos tê-los quando reconhecemos que estamos envolvidos na obra do Senhor. Como disse o apóstolo Paulo: "E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai" (Colossenses 3:17). Este princípio é verdadeiro, quer nosso trabalho seja a construção de um muro, servir num refeitório, sentar diante de uma máquina de escrever.

A fé naquele que o chamou para cumprir a tarefa deu também a Neemias um profundo entusiasmo. Seu entusiasmo ajudou-o a transformar uma situação potencialmente desastrosa numa situação unificadora. Sem entusiasmo, os melhores planos do mundo estão fadados ao fracasso. Com entusiasmo, nenhuma tarefa é demasiado grande e nenhuma oposição forte demais. O resultado da dinâmica interior de Neemias foi motivar os trabalhadores cansados e temerosos, fazendo-os realizar o que parecia ser impossível.

Mas como definir essa "dinâmica interior"? É algo intangível que tem de nascer conosco a fim de fazer-nos um líder de sucesso, ou pode ser desenvolvido?

Entusiasmo não é algo mágico que possuímos ou devemos viver sem ele para sempre. Baseia-se em duas qualidades importantes: verdade e caráter. Neemias, vemos, tinha um compromisso com a verdade. Ao seguir a verdade, ele desenvolveu a qualidade de caráter tão necessária ao líder capaz. Quando chegou a Jerusalém, da verdade do que Deus queria para seu povo, fez o foco de um propósito comum, e seu caráter tornou-se a dinâmica importante que inspirou, entusiasmou, os judeus a segui-lo confiantemente. A liderança eficaz baseia-se nestas duas qualidades: verdade e caráter.

Finalmente, Neemias triunfou por causa de sua confiança no Senhor. Em contraste, seus oponentes uma vez mais tiveram de enfrentar a ignominiosa derrota.

CAPÍTULO 7

Espere um Milagre

Neemias 5:1-13

As primeiras teorias de liderança de grupo diziam que uma pessoa podia ser líder se tivesse a personalidade que possibilitasse aos membros do grupo atingir seus objetivos sob sua supervisão. Mais tarde, psicólogos de pesquisa completaram este pensamento. Acreditavam que o comportamento do líder consiste em ações funcionalmente relacionadas com o atingir de alvos ou ligadas diretamente à manutenção e ao fortalecimento do grupo. Esta teoria, porém, não previa "diferenciação de papéis" dentro dos grupos, especialmente quando certos membros introduzem mais que sua parcela de comunicação. O resultado dessa espécie de situação influencia diretamente as atitudes e o desempenho do grupo.

Ao combinar essas idéias tornou-se comum falar em líderes da Teoria "X" e líderes da Teoria "Y". Mas é preferível falar de "especialistas em tarefas" e "especialistas sócio-emocionais". Estes termos descrevem diferentes papéis de líderes.

Em Neemias 5, surge uma situação que requer as qualidades de um especialista sócio-emocional—alguém que mantenha a harmonia e a moral do grupo—e ao mesmo tempo, ajude a diminuir a tensão que surge de certas condições de trabalho.

Entre todas as tensões que operam na sociedade, poucas são tão perigosas como as que existem entre os ricos e os desprovidos. Tiago, irmão de nosso Senhor, escreveu a esse respeito (ver Tiago 1:1-13), e o problema continua a devastar nossas igrejas hoje em dia. Mas não são só as igrejas que enfrentam o problema. Líderes no comércio e na indústria sabem que é comum o desenvolvimento de um movimento em espiral que aumenta constantemente o contraste explosivo entre a prosperidade e a pobreza.

Mas como deve o administrador encarar uma situação dessas?

Abrimos no trecho que temos para estudar e percebemos que o homem que consegue lidar com situações dessa natureza é um homem que vê as pessoas como pessoas. Para ele elas têm valor. Não são coisas a serem usadas e exploradas. Ele tem também uma visão clara da realidade e não tem medo de mostrar a verdade, por mais que doa. Além do mais, ele tem de ser capaz de assumir responsabilidade

e gerar nos trabalhadores um senso de unidade. Como vimos noutro capítulo, no coração dessa espécie de liderança está um compromisso com a verdade. Sem tal compromisso o extremismo será um resultado garantido.

Rico, Pobre

Lemos em Neemias 5: "Foi grande, porém, o clamor do povo e de suas mulheres, contra os judeus, seus irmãos. Porque havia os que diziam: Somos muitos, nós, nossos filhos e nossas filhas; que se nos dê trigo, para que comamos e vivamos. Também houve os que diziam: As nossas terras, as nossas vinhas e as nossas casas hipotecamos, para tomarmos trigo nesta fome. Houve ainda os que diziam: Tomamos dinheiro emprestado até para o tributo do rei, sobre as nossas terras e as nossas vinhas. No entanto nós somos da mesma carne como eles e nossos filhos são tão bons como os deles, e eis que sujeitamos nossos filhos e nossas filhas para serem escravos, algumas de nossas filhas já estão reduzidas à escravidão. Não está em nosso poder evitá-lo, pois nossos campos e as nossas vinhas já são de outros."

A queixa da classe trabalhadora é ressaltada pela presença das mulheres. Suas vozes estridentes aumentam a intensidade da reunião. Neemias encontra-se diante de uma situação que pode facilmente ficar perigosa.

Mas por que este povo está assim empobrecido? Noventa anos antes, os primeiros deles que voltaram do exílio tinham vindo amplamente supridos com bens materiais (Esdras 1:5-11). Os que preferiram permanecer na Babilônia tinham dado liberalmente para o seu sustento. Inclusive Ciro abrira as portas do tesouro e lhes dera "vasos de ouro e prata". Além do mais, saíram da terra de seu cativeiro montados em burros, camelos, cavalos e mulas (Esdras 2:66-67). Outras evidências de suas riquezas estão no fato de que muitos judeus revestiram suas casas novas—algo antes reservado apenas para os reis (Ageu 1:4). Na construção eles haviam dado com extravagância para o seu embelezamento (ver Neemias 7:71-72). Apenas treze anos antes (458 a. C.), Esdras havia trazido o segundo grupo de colonos da Babilônia. Artaxerxes I e seus conselheiros haviam contribuído liberalmente para as suas necessidades (Esdras 7:15-16), e grandes somas vinham constantemente dos parentes ricos da Babilônia (Zacarias 6:10-11).

Então, por que a reclamação? O que poderia ter causado tamanha pobreza?

Examinando de mais perto os afazeres internos dos judeus, vemos

que há três grupos distintos mencionados nestes versículos.

Os primeiros a reclamar são os mercadores e trabalhadores (Neemias 5:2). Eles mesmos admitiam que tinham famílias grandes. Ao reconstruir o muro, sustentavam a si mesmos. Agora, sem fonte de renda, já não podem sustentar os que dependem deles. Seus recursos foram usados. A situação que enfrentam é negra. Não há saída do impasse, a não ser que recebam ajuda de fora.

O segundo grupo é de fazendeiros (Neemias 5:3). Suas fazendas são especialmente vulneráveis a bandos de ladrões das montanhas ou turmas de beduínos vindos da fronteira. Não era incomum essas pessoas esperarem uma colheita farta e tê-la roubada por aqueles que invadiam suas terras e as saqueavam.

Nestes tempos de aperto, o fazendeiro, para sustentar a família, tomava dinheiro emprestado, hipotecando o campo, ou dando a colheita como garantia. Os juros eram exorbitantes![1] Se a colheita falhasse[2] ou viesse a fome, ou gafanhotos dizimassem a terra, os usurários tiravam a terra e vendiam a família para serem escravos (Neemias 5:5). Isto era diretamente contrário à Lei (Deuteronômio 23:19-20; 24:10-13). Um homem podia vender-se a si próprio ou vender suas filhas como escravas (mas não seus filhos!) e então, só até o fim de seis anos (Êxodo 21:2, 7-11; Levítico 25:39-41, 54). No sétimo ano, todos os escravos eram libertos (Levítico 25:10; Deuteronômio 15:16); e se viesse o ano de jubileu antes do fim dos seis anos, toda a escravidão acabava. Ademais, em tempo de seca ou fome, a terra de um homem podia ser hipotecada ou vendida a alguém da própria tribo, mas sempre voltava ao dono original no ano de jubileu (Levítico 25:10, 14-17, 25-27).

Esta provisão de libertação do homem tinha sido feita por Deus. Ele planejou que seu povo fosse livre. É certo que sempre haveria os pobres, mas na economia divina, nunca haveria miséria. Mesmo se forçados a hipotecar suas terras ou vender-se como escravos, seria apenas por tempo limitado. A fim de providenciar para os pobres, o Senhor tinha estabelecido que os ricos emprestassem a eles (Deuteronômio 15:7-11) sem cobrar juros (Êxodo 22:25; Levítico 25:36). Mas estas provisões sábias tinham-se tornado nulas. Não guardavam os anos sabáticos e o ano do jubileu foi ignorado. Os escravos não eram libertados, as dívidas não eram canceladas, os ricos exploravam os pobres, a opressão era geral, e a injustiça prevalecia (ver Isaías 5:8; Habacuque 1:3-4).

O terceiro grupo da lista dos que tinham problemas eram os que sofriam com os impostos. Judá, como todas as demais províncias da Pérsia, tinha de pagar impostos, uma parte em dinheiro, outra em

produtos da terra. Em geral estes não eram opressivos, mas a própria natureza da economia, junto com a dominação dos ricos, fazia com que mesmo impostos baixos fossem um peso impossível. Estes fazendeiros deram voluntariamente tudo o que tinham para trabalhar no muro, mas alguns dos usurários haviam executado suas hipotecas e vendido seus filhos à escravidão. Quando o povo se comparava com aqueles que os exploravam, diziam: "Nós também somos humanos. Amamos nossos filhos tanto quanto eles amam os deles. Estamos dispostos a trabalhar, mas eles tornaram a vida impossível pois possuem as nossas casas, nossas terras e nossas colheitas. Não está em nosso poder pagar o que devemos, nem conseguimos redimir nossos filhos da escravidão" (Neemias 5:5).

Tendo Cuidado em Confrontar

Enquanto Neemias revê a situação, sua primeira resposta é de ira. Ele sabe que o que está sendo praticado contrapõe-se ao ensino claro das Escrituras. Portanto Neemias contende[3] com os nobres e governadores do povo. "Sois usurários, cada um para com o seu irmão", diz ele. Mas esta não era a queixa do povo. O povo havia reclamado diferentemente, dizendo da falta de alimento, contando que foram forçados a hipotecar suas terras, falando da escravidão e dos altos impostos. Mas Neemias vai ao âmago do problema. Ele não se fixa em questões superficiais. As circunstâncias externas podem ser facilmente consertadas, mas se não se elimina a raiz, o problema voltará. Ao avaliar a situação ele conclui que a base de toda a dificuldade é a exploração. Assim, ele contende com os nobres e regentes.

Parece que a repreensão de Neemias não move os líderes do povo. Eles não dão razão para crer que irão mudar sua conduta. Pelo contrário, seu silêncio evidencia sua intransigência. Parecem prontos para uma luta de poder. Os sacerdotes (que deveriam ter repreendido a conduta dos exploradores) há muito estão do lado deles (Neemias 6:12,14; ver 13:4, 7-9), e nos últimos anos ninguém surgiu para dizer que suas práticas nos negócios não estavam de acordo com a Palavra de Deus. Além do mais, eles são muitos e unidos. Neemias precisa da ajuda deles para construir o muro. O que pode ele fazer em oposição à força e à influência que eles exercem?

Mas Neemias vê as coisas por outro prisma. Ele é um homem de princípios. Sabe que se o povo não vive conforme ao ensino da Palavra de Deus, não pode gozar as bênçãos divinas. Sabendo que ele apenas enfraqueceria sua posição se tentasse impor seu ponto de vista, conclama uma grande assembléia. Para essa reunião, mais uma vez o trabalho tem de parar. Então, na presença de todo o povo, ele

desafia os nobres a voltar para o Senhor e ordenar suas vidas pelo padrão da Palavra de Deus. Em repreensão, ele demonstra que um líder tem de dar o exemplo. Ele descreve sua própria conduta e compara o que ele tem feito com o que os nobres e regentes têm feito. Isto intencionalmente força uma tomada de posição. O contraste entre sua conduta torna-se óbvio. Os líderes dos judeus, envergonhados, ficam em silêncio quando se torna conhecido o fato de que eles venderam o povo de Judá à escravidão. A vergonha aumenta quando se comprova que aqueles a quem venderam "às nações" (às gentes) foram resgatados por Neemias.

Então Neemias os repreende por não andarem no temor de Deus (submetendo-se à sua autoridade), e os convida a participar com ele emprestando dinheiro e semente sem juros aos necessitados. Mais uma vez ele dirige pelo exemplo, pois aquilo que ele recomenda é exatamente o que ele e seus servos têm feito o tempo todo (Neemias 5:10).

A avareza e falta de amor dos regentes foi exposta suficientemente. Sua falta de consideração pelo próprio povo já foi comentada. Agora, em resposta ao desafio de Neemias, eles demonstram disposição de ajudar aqueles a quem eles anteriormente exploravam.

A disposição de emprestar dinheiro e semente sem juros representa um grande passo na direção certa. Não conserta, porém, os erros do passado. Um homem de menos peso que Neemias talvez fosse tentado a ser grato pelo que já conseguiu e não "forçar mais as coisas". Mas Neemias ainda não acabou. A Lei tinha sido violada e eles não poderiam esperar a bênção de Deus enquanto continuassem na desobediência (Deuteronômio 23:20). Ele disse, portanto: "Restituí-lhes hoje, vos peço, as suas terras, as suas vinhas, os seus olivais e as suas casas, como também o centésimo do dinheiro, do trigo, do vinho e do azeite, que exigistes deles" (Neemias 5:11).

Os nobres e líderes do povo foram silenciados pelo exemplo de Neemias. Ficaram atemorizados pela coragem de Neemias, e concordaram em fazer o que ele pede. Neemias faz com que prometam na presença dos sacerdotes. Conforme os exemplos vivos usados no Oriente Próximo, ele sacode a frente de sua capa num gesto simbólico, mostrando o que Deus fará com a pessoa que negar o que prometeu.

É gratificante a resposta do povo. Sabem que Neemias está do seu lado. O modo como ele enfrentou a situação é justo e eqüitativo. Inspirados por suas qualidades piedosas, agora eles expressam louvor sincero.

Assim, um dia que começou com opressão e tristeza termina com júbilo.

Nossa Era Convulsiva

Estes versículos contêm princípios importantes para os líderes de hoje. Nossa era é de despersonalização contínua. As pessoas se sentem como coisas em vez de pessoas com valor individual. Em nossa economia, muitas empresas exploram aqueles a quem empregam. Sua preocupação primária parece ser agradar os acionistas. Algo muito parecido acontece em instituições cristãs. Aqueles que dão voluntariamente de seu tempo e de suas habilidades, de seu dinheiro e de seus recursos, sofrem cada vez mais exigências por parte da administração, com cada vez menos apreciação demonstrada. Em contraste, os gerentes de escritório e líderes eclesiásticos que têm a capacidade de manter seu pessoal contente, têm também departamentos mais eficientes e produtivos. A chave para essa espécie de liderança eficaz encontra-se no exemplo de Neemias.

Ao examinarmos este trecho, notamos, primeiramente, que o povo veio a Neemias numa hora bem inoportuna. Ele estava ocupado construindo um muro quando a atitude "pare com tudo que nós desistimos" levou o trabalho a uma parada brusca. Pior ainda, o descontentamento poderia contagiar a outros como resultado do espírito de reclamação que eles estavam demonstrando.

Mas Neemias nos mostra como agir nessa espécie de situação. Ele estava preparado para parar e escutar. Ele viu os queixosos como gente, não como dados estatísticos; eles eram mais importantes do que o programa de produção que ele havia designado. Ao ouvi-los, viu que eles estavam machucados por dentro. Ele sabia, de longa experiência, que as pessoas profundamente magoadas com alguma dificuldade pessoal ou algum infortúnio não podem dar o que têm de melhor. Portanto, ele os animava a desabafar o que sentiam.

Em segundo lugar, Neemias buscava sob as questões superficiais até encontrar a raiz do problema. Se ele não tivesse feito isso, teria atacado o "fruto" do problema e deixado a raiz intacta. Isso teria aberto caminho para a mesma espécie de dificuldade surgir novamente—de modo diferente e em diferentes lugares. No final, ele teria de diversificar seus esforços a fim de cuidar de uma multidão de males sociais; isto teria obscurecido seus alvos. Só atacando a verdadeira questão foi que Neemias pôde retificar o problema.

Em terceiro lugar, Neemias teve coragem de agir. Muitos líderes vêem claramente o que tem de ser feito, mas falta-lhes a força necessária para enfrentar os responsáveis pelo problema. Neemias avaliou a questão à luz da Palavra de Deus e conclamou os líderes a viver de conformidade com sua vontade revelada.

Finalmente, ele nos demonstra a necessidade de persistência.

Ao analisarmos o que este competente executivo fez, vemos que a dinâmica da liderança eficaz envolve as tarefas de um líder de tarefa como também de um especialista sócio-emocional. O líder de tarefas deve saber coordenar os esforços do grupo, assegurar cooperação, valorizar o esforço honesto, verificar que cada tarefa seja terminada satisfatoriamente e providenciar linhas abertas de comunicação entre empregado e empregador. Não é difícil descobrir as capacidades do perito sócio-emocional. Basicamente, incluem: disposição para *escutar*, capacidade de *averiguar as questões verdadeiras* de um problema, a coragem de tomar uma *ação* definida, e a persistência em levar a questão, com êxito, até o fim.

A Ira. . . Como Lidar Com Ela

A ira como emoção tem que ver com todos nós. Todos, numa ou noutra época, ficamos frustrados e ressentidos. A sociedade, porém, reprime aqueles que não podem controlar seus sentimentos. Por esta razão, algumas pessoas projetam sua ira e culpam os outros pela maneira como se sentem. Outras tentam manter uma aparência de controle, quando em público, mas desabafam seus ressentimentos em particular, sobre seus cônjuges e filhos. Outras ainda desabafam suas frustrações nos esportes competitivos ou em tarefas caseiras. Mas a maioria de nós reprime as emoções e logo esquece a causa da ira. Mas isto, conforme veremos, tem conseqüências sérias.

A ira não é necessariamente pecaminosa. O apóstolo Paulo reconheceu a inevitabilidade da ira como emoção, quando escreveu: "Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira, nem deis lugar ao diabo" (Efésios 4:26-27).

Mas como irar-se sem ser levado a pecar?

A ira torna-se em pecado quando perdemos o controle de nós mesmos (Tiago 1:19-20; Gálatas 5:19-21) ou nutrimos a mágoa de modo a querer vingança (Romanos 12:17-21). Há um momento em que resolvemos ou deixar de lado nosso autocontrole ou mantê-lo com má vontade. O resultado será conduta ou atitudes que não condizem com o controle constante do Espírito Santo.

Em Neemias 5, vemos como um homem piedoso enfrentou a ira. O exemplo que ele dá oferece-nos lições importantes para as situações reais que enfrentamos.

Desde o início, a construção do muro da cidade de Jerusalém esteve cercada de dificuldades. A tarefa de Neemias foi ainda complicada porque os voluntários haviam deixado suas fazendas e outros ofícios para trabalhar no muro. Enquanto ocupados na obra, não tinham outro meio de sustento.

No meio da construção, houve grande protesto por parte dos trabalhadores e suas esposas. Estavam sendo oprimidos e explorados pelos ricos que pretendiam ganhar o máximo da fortificação da cidade.

Na Arena

A resposta de Neemias a este protesto foi instrutiva bem como honesta: "muito me aborreci".

A primeira coisa que Neemias fez foi admitir sua ira. Ele não se desculpou, não fingiu que não existia, não disfarçou. Não tentou projetá-la sobre os outros ou culpá-los pelo modo como se sentia. Nem tentou reprimi-la. Se o tivesse feito, talvez esquecesse finalmente do incidente, mas suprimindo seus sentimentos ele poderia ter um resultado negativo em sua personalidade.

Ao fazer como Neemias em sua ira, temos um importante exemplo. Embora por diversas razões possamos ficar zangados, temos as mesmas opções que ele. Podemos, por exemplo, tentar desculpar nossas explosões freqüentes. Uma pessoa pode dizer "Mas eu nasci assim", sem perceber que está lançando a culpa de suas ações sobre Deus, seus pais e seu meio ambiente. A verdade é que, ao contrário de Neemias, ela não está disposta a admitir que está irada. Iguala automaticamente a ira com o pecado, e não entende que o mal da ira está em nutri-la ou desejar vingança.

A segunda reação é uma projeção mais berrante de ira. Dizem diretamente: "Foi você que me fez agir assim!" Mais uma vez a tentativa do indivíduo é fugir das implicações do seu envolvimento emocional. Ele tenta justificar-se. Deixa entendido que os outros são culpados pela sua explosão de gênio. Tal atitude é infantil.

Outros, sabendo da imaturidade que é culpar os outros, as situações ou as circunstâncias pelo modo como agem ou sentem, refreiam-se de expressar externamente seus ressentimentos. Não querem perder a aprovação ou magoar os seus colegas. O resultado é que reprimem a ira. Com o tempo, até se esquecem da razão de sua hostilidade, mas tornam-se críticos, exageradamente defensivos, competitivos, egoístas e até deprimidos. Suas atitudes ficam deformadas e sua interpretação dos motivos dos outros fica distorcida.

Neemias não fez nada disso. Ele admitiu sua ira. Mesmo que ela fosse causada por circunstâncias que ele não podia controlar, não culpou aos outros pelo modo como sentia. Após admitir que ficou muito aborrecido, estava numa posição em que podia lidar com seus sentimentos e responder à situação.

A Necessidade de Espaço para Desenvolver

Ao recordar o incidente, Neemias disse: "considerei comigo mesmo".

Ele não faz o que muitos de nós fazemos quando nos iramos, ou seja, mexericar. Às vezes, quando pedimos a outras pessoas uma opinião, o que realmente queremos fazer é contar a nossa história—cada detalhe, com fingida relutância—de modo a impugnar a integridade da pessoa que cremos ter-nos feito mal. Neemias estava suficientemente seguro nas suas relações de que não precisava justificar-se aos olhos dos outros. Ele estava principalmente interessado naquilo que Deus pensava da situação. "Considerando consigo mesmo", ele evitava a tentação de falar mal dos outros e ficou longe do pecado de criticar (Tiago 1:19-20, 26).

Ao considerar a questão toda, Neemias deu tempo para avaliar a situação e decidir um curso de ação. Se ele não tivesse feito tal introspecção, talvez ele tivesse agido precipitadamente ou indiscretamente. É muito freqüente falharmos, não avaliando a ocasião de nossa ira e não pesando nossa responsabilidade na questão. Se pesarmos cuidadosamente as circunstâncias em volta de nossa frustração ou nosso ressentimento, podemos resolver nossa parte no conflito. Só então é que estaremos em posição de enfrentar os problemas dos outros.

Confronto Sensível

Depois de dar tempo a si mesmo para ter melhor perspectiva, Neemias confrontou aqueles a quem acreditava estar errados. Ele pensou muito nas questões em jogo e chegou a uma conclusão. Viu claramente o que tinha de ser feito e agiu imediatamente. Ele repreendeu os nobres e magistrados.

É muito comum, quando pensamos objetivamente nas questões, faltar-nos coragem para confrontar abertamente aqueles de quem discordamos. Ficamos satisfeitos por estar certos, pelo menos aos nossos próprios olhos, e nos acomodamos, complacentes. Somente sob provocação extrema é que discutimos a causa do nosso ressentimento com os que nos ofenderam. É fácil encontrarmos razões para não fazer o que sabemos tem de ser feito.

Tendo tomado sua decisão, Neemias ousadamente confrontou a hierarquia de Jerusalém e explicou a incongruência da conduta deles. Então convocou uma grande assembléia e, após detalhar o que tinha contra eles, deu aos seus opositores a oportunidade de responder-lhe. Mas eles "se calaram, e não acharam que responder".

Tempo para Consertar

Com todo o povo plenamente conhecedor das questões, Neemias procurou trazer todo o assunto a uma conclusão satisfatória. Ele era

conciliador. "Restituí-lhes, hoje, vos peço. . .", "deixemos essa usura".

Seria a tentativa de unir o povo um sinal de fraqueza? Será que Neemias temia a conseqüência de sua ação? Ele tinha sido por demais ousado no que dissera? Será por isso que ele amaciou suas declarações? De jeito nenhum! Neemias era conciliador, mas não vacilava em sua posição. Era homem de integridade indubitável e falou aos nobres e magistrados de uma posição de força. Em vez de abaixar seu padrão, ele os convidou a subir ao padrão dele.

Essa moção conciliatória é ponto em que muitos de nós falhamos. Se tivermos a coragem de nossas convicções e confrontarmos abertamente aqueles com quem não concordamos, freqüentemente nos separamos deixando uma brecha pior do que antes. Depois da altercação, congratulamo-nos pelo nosso sucesso, enquanto o outro lado vai embora decidido a ganhar a próxima batalha.

No próprio passo para a conciliação existe um perigo. Neemias conhecia a natureza humana muitíssimo bem, e não confiou apenas em afirmativas faladas. Ele não iria permitir que o tempo deturpasse a lembrança ou que as circunstâncias alterassem aquilo em que tomaram posição.

Aqueles que já estiveram em situações semelhantes sabem como é fácil algumas pessoas esperarem até que se esqueçam os detalhes de uma resolução e voltarem às suas ações anteriores. Outros, quando confrontados com a discrepância entre o que concordaram verbalmente e sua conduta subseqüente, são rápidos em dizer: "Mas não foi assim que eu entendi." Neemias era realista. Não iria permitir que as coisas ficassem ao léu da sorte. Ele exigiu uma forma mais forte de resolução: algo por escrito (ou equivalente). Os nobres e magistrados concordaram com a exigência de Neemias e *formalmente* se comprometeram com as ações prometidas.

Então, aconteceu algo surpreendente: "Toda a congregação respondeu: Amém! (assim seja) E louvaram ao Senhor."

Este resultado é importante. Mostra que Deus pode ser glorificado quando lidamos de modo certo com as questões.

CAPÍTULO 8

Modelo do Passado

Neemias 5:14-19

O que faz com que um homem seja marcado pelo sucesso, enquanto outro, de igual capacidade, dadas as mesmas oportunidades, fracassa? Por que alguns homens conseguem ganhar a confiança daqueles que lideram, enquanto outros não conseguem ganhar adeptos para as suas causas?

Há alguns anos, tive o prazer de trabalhar sob a gerência de um homem cuja carreira era marcada pelo sucesso. Desde a época em que ele assumiu o seu posto, tudo melhorou—atitudes, eficiência, produção. Seus padrões eram altos, e ele exigia o máximo de cada empregado. Embora muito exigente, era um prazer chegar ao escritório que ele dirigia. As pequenas brigas de poder cessaram. Acabaram as fofocas entre as datilógrafas. A palavra-chave ficou sendo cooperação. Todos sabiam onde pisavam e o que se esperava de cada um.

Ao observar os respectivos departamentos, percebi que cada empregado parecia estar mais contente. As promoções tornaram-se mais freqüentes. A equipe parecia ter adquirido a atitude do novo gerente.

Desta experiência seria fácil concluir que a atitude mental positiva fosse a chave. Contudo, não era este o caso. Havia algo muito mais básico operando na vida de todas as pessoas. Era um espírito de justiça e honestidade. Todos, desde o subgerente até o guarda, sabiam o que se esperava deles. Seus deveres estavam claramente delineados e sua integridade pessoal tinha de ser inquestionável. E com confiabilidade pessoal veio a certeza de que o serviço seria bem feito.

A importância da integridade foi ressaltada pelo falecido presidente Dwight D. Eisenhower, que disse: "Para que um homem seja líder ele tem de ter seguidores. E para que tenha seguidores ele tem de ter a confiança deles. Assim sendo, a primeira qualidade do líder tem de ser integridade inquestionável. Sem ela, não é possível o verdadeiro sucesso, não importa se esteja trabalhando em turma de fábrica, campo de futebol, no exército ou num escritório. Se os colegas de um homem descobrem nele falsidade, se percebem que nele falta

integridade direta, este homem fracassará. Seu ensino e seus atos devem ser congruentes. Assim, a maior necessidade é integridade e propósito elevado."

A integridade inquestionável de Neemias auxiliou-o em lidar com a oposição externa e com as desavenças internas. Deu-lhe coragem e sustentou-lhe a conduta.

O Âmago da Questão

No capítulo anterior, vimos que o trabalho da reconstrução do muro da cidade teve de parar. Havia necessidade de restaurar a justiça. Os ricos haviam explorado os pobres e sua avareza precipitara uma crise. Foi necessária a coragem resoluta de Neemias perante a elite de Jerusalém para mudar a situação. Mas será que só coragem bastaria? Dizer aos magistrados: "Façam o que eu digo, não o que eu faço" teria produzido conseqüências desastrosas. Para resolver o problema com sucesso, a conduta do próprio Neemias tinha de estar acima de qualquer suspeita. Mas qual seria a dinâmica interior que trouxe toda a vida de Neemias em conformidade com a verdade? E como sua integridade ajudou-o a enfrentar esta nova crise?

Neemias explica o *sine qua non* de sua própria atitude em 5:15: "Porém eu assim não fiz, por causa do temor de Deus."

O "temor do Senhor" é descrito como o fundamento da conduta reta (Salmo 111:10; Provérbios 1:7). Estar em reverência para com o Senhor inclui duas idéias opostas: repulsão e atração.

Quando uma pessoa entra na presença de Deus, há um sentimento de indignidade. Essa foi a experiência de Isaías quando teve a visão da glória de Deus enchendo o Templo (Isaías 6:1-5). Pedro expressou o mesmo sentimento quando reconheceu subitamente *quem* era Jesus (Lucas 5:8). Estes homens exemplificam a idéia de repulsa—homens que queriam fugir da presença de Deus. Reconhecem que Deus é santo, e que eles são pecadores. O resultado é que estavam pasmados por Deus (cheios do temor de Deus).

No "temor do Senhor" existe também o elemento de *atração*. Deus é o Todo-poderoso que vem de encontro às nossas necessidades e torna-se nosso Ajudador. Seu amor é tal que somos atraídos a ele. Reconhecemos que somos objetos de sua graça. Isto nos dá confiança para nos aproximarmos dele (Hebreus 4:16). A consciência de sua presença é seguida de confissão de nossa indignidade (ver Isaías 6:5-7) e submissão à sua vontade. Foi o que Isaías experimentou quando disse: "Eis-me aqui, envia-me a mim" (6:8).

A idéia básica de "temor do Senhor"[1] é a santidade (2 Coríntios 7:1). Deus disse: "Sede santos porque eu sou santo" (1 Pedro 1:15-16).

A essência da santidade é a separação—separação *do* sistema mundano *para* os padrões e valores divinos (Deuteronômio 6:4-19). O povo mundano dos dias de Neemias podia explorar seu próprio povo porque não viviam em reverência e temor de Deus. Por outro lado, Neemias podia dizer: "eu assim não fiz, por causa do temor de Deus." A verdadeira reverência ao Senhor leva à retidão de vida (Provérbios 8:13). Leva-nos a um lugar em nossa experiência em que temos prazer em cumprir a sua vontade (Eclesiastes 12:13), e coloca-nos na posição em que podemos gozar as bênçãos do seu amor (Deuteronômio 5:29; Salmo 147:11).[2]

Foi o temor do Senhor que guardou José de adulterar com a mulher de Potifar (Gênesis 39:9). Foi reverência pelo Senhor que levou Moisés a rejeitar as riquezas do Egito para as durezas do deserto (Hebreus 11:27). Foi o temor de Deus que motivou a Paulo no seu serviço (2 Coríntios 5:11). Esta mesma atitude capacitou Neemias a ficar firme contra as tendências da época e fazer uma obra para a glória de Deus. O "temor do Senhor" equipou-o com um espírito íntegro, de justiça prática, que não permitia que ele se contaminasse com o sistema de valores do mundo.

O "temor do Senhor" controlava também a atitude de Neemias para com as pessoas. Ele tinha verdadeiro interesse por elas. Mesmo na Babilônia ele tinha comprado judeus no mercado de escravos para libertá-los. Agora, em Jerusalém, demonstrava-lhes seu apreço ao contender com aqueles que os exploravam. E foi por causa da retidão de sua vida que os líderes ficaram mudos, não podendo responder-lhe quando ele os desafiou (Neemias 5:8).

A realidade da reverência que Neemias tinha pelo Senhor demonstrava-se ainda de outro modo. Revelava suas prioridades. Ele não se enriqueceu como os demais governadores. Ele nos relata que durante os doze anos de seu governo, "nem eu nem meus irmãos comemos o pão devido ao governador. Mas os primeiros governadores, que foram antes de mim, oprimiram o povo, e lhe tomaram pão e vinho, além de quarenta siclos de prata. . . terra nenhuma compramos, e todos os meus moços se ajuntaram ali para a obra. Também cento e cinqüenta homens dos judeus e dos magistrados, e os que vinham a nós, dentre as gentes que estavam ao nosso redor, eram meus hóspedes (Neemias 5:14-17).

Deus tinha prosperado a Neemias no serviço de Artaxerxes I, e Neemias tinha o suficiente para viver sem cobrar do povo. Ele chegou a usar de seus próprios recursos para manter sua equipe e hospedar visitantes oficiais. É óbvio que as possessões tinham para ele menos valor que a obra do Senhor. Sua filosofia de vida era contrária ao

sistema mundano de valores.

Uso e Abuso da Liberdade

O exemplo de Neemias dá-nos uma ilustração importante do ensino neotestamentário da liberdade cristã (Gálatas 5:13-14). Ele tinha o direito de esperar o sustento do povo da província, mas propositalmente sustentava a si mesmo para não os sobrecarregar.

Existem linhas diretrizes nas Escrituras para nos ajudar a tomar resoluções sobre nossa liberdade em Cristo (ver 1 Coríntios 8:1; Romanos 14:1—15:13).[3] Em primeiro lugar, a liberdade tem de ser regulada pelo amor. Nossa indulgência pode fazer com que alguém que siga nosso exemplo caia em erro. Isto poderia facilmente ter sido verdadeiro no caso de Neemias. A disparidade entre ricos e pobres era imensa. O problema de esperar ou não o sustento do povo não podia ser resolvido do ponto de vista do conhecimento e seus direitos. Tinha de ser determinado pelo amor e suas obrigações (1 Coríntios 8:1-13). Assim, no espírito do Novo Testamento, Neemias demonstra que devemos estar dispostos a deixar de ganhar o que consideramos ser de nosso direito, por amor dos outros (2 Coríntios 8:9-13).

Ademais, se Neemias tivesse aceitado o que lhe era legitimamente devido (Neemias 5:14-15), poderia ter facilmente atrapalhado a obra do Senhor e diminuído sua influência. Portanto ele escolheu fazer-se tudo para com todos os homens, a fim de ganhar alguns, e fazer a obra prosperar (ver 1 Coríntios 9). Os outros governadores tinham abusado de seus direitos e explorado o povo. Se Neemias tivesse seguido o precedente aberto por eles, poderia ter despertado desejos de auto-engrandecimento e/ou possessões, que, por sua vez, poderiam levá-lo a pecar (1 Coríntios 10:1-13). Em nossa sociedade, os mesmos desejos podem levar-nos ao uso incorreto de nossa liberdade, com o resultado de que, assim como Ló (Gênesis 19), nos associamos com o mundo e nos envolvemos em práticas que desagradam a Deus (1 Coríntios 10:14-22; Romanos 14:13-23).

Em última análise, há dois critérios importantes para nos guiar no uso de nossa liberdade. Primeiro, devemos considerar o que é conveniente e edifica ao próximo. Em segundo lugar, devemos fazer todas as coisas para a glória de Deus (1 Coríntios 10:23—22:1; Romanos 15:1-13). Foi isso que Neemias fez. Ele examinou a situação e viu que seria inoportuno exigir a remuneração de um governador. Qualquer insistência em sustento material teria efeito negativo sobre o povo. Com os olhos fixos em Deus e num dia futuro de recompensa, ele orou: "Lembra-te de mim para o meu bem, ó meu

Deus, e de tudo quanto fiz a este povo."

O Preço do Sucesso

A seguir Neemias mostra-nos os resultados de ser motivado pelo temor de Deus. Ele diz: "Antes também na obra deste muro fiz reparação. . . e todos os meus moços se ajuntaram ali para a obra" (Neemias 5:16). Ele tinha um só propósito. Concentrou-se numa coisa, e somente nela. Ao contrário de alguns executivos modernos que tentam manter contacto com o escritório do seu campo de golfe ou de algum lugar de veraneio freqüentado assiduamente por eles, Neemias estava pessoalmente envolvido na obra. Ele não se metia em afazeres particulares com suas distrações. A acusação de um conflito de interesses não podia ser feita contra ele. Inclusive seus servos trabalhavam ombro a ombro com o resto do povo.

Surge do exemplo de Neemias um importante princípio de sucesso. Apesar de tudo o que se tem escrito sobre "como chegar até o ápice", poucos escritores parecem ter mostrado a importância de se ter um propósito único. Contudo, sem este propósito singular, não pode haver liderança adequada. Quando um líder está mais interessado em si mesmo, em seus investimentos, e em suas venturas pessoais, do que no seu trabalho, os seus empregados logo perceberão. Eles, por sua vez, serão desmotivados, seus objetivos ficarão incertos, a moral de grupo abaixará, a criatividade fenecerá e os melhores planos se desfarão sem ser realizados.

Os pastores enfrentam a mesma dificuldade. É sempre fácil deixar-se levar por alguma causa social de valor, ensinar numa faculdade aí por perto (com remuneração adicional), ou supervisionar um programa de construção. Quando tal acontece, eles logo esquecem o propósito único que fez do apóstolo Paulo quem era (Filipenses 3:13).

Tudo isso não quer dizer que o gerente ou o pastor tenha de estar a serviço vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Significa, sim, que tenha prioridades bem delineadas e se concentre em fazer as primeiras coisas em primeiro lugar. Com integridade pessoal apoiando sua dedicação à tarefa em mãos, ele não pode deixar de ser bem-sucedido.

A unidade de propósito de Neemias estava ligada à austeridade pessoal. Aqueles que, durante seus doze anos como governador, vinham comer à sua mesa, devem ter ficado surpresos pela sobriedade com que se alimentava (Neemias 5:18). Contrastado com outros governadores que viviam nos limites de suas possibilidades, Neemias tinha uma vida frugal. Isso o fazia infeliz? Parece mais provável que o que ele conseguia com sua criatividade é o que lhe trazia satisfação e

realização pessoal, o que os outros governadores buscavam com exibição e ostentação. Neemias fez o que sabia que Deus queria que fizesse. Isso lhe deu satisfação e o contentamento procurado por outros em riquezas e coisas temporais.

A Sombra do Destino

Depois de mostrar algo de sua motivação pessoal, Neemias fecha com uma de suas orações breves: "Lembra-te de mim para meu bem, ó meu Deus, e de tudo quanto fiz a este povo."

Mas por que terminar o trecho assim?

A conclusão desta parte com oração mostra-nos mais uma característica de como o coração do próprio Neemias estava operando. Ele estava profundamente interessado no presente, mas olhava para o futuro. Como Abraão, tinha seus olhos fitos na "cidade que tem fundamentos, da qual Deus é o arquiteto e edificador" (Hebreus 11:8-10). Seguindo o exemplo de Moisés, ele escolheu "ser maltratado junto com o povo de Deus, a usufruir os prazeres transitórios do pecado, porquanto considerou o opróbrio de Cristo [e de seu povo] por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão" (11:25-26). Com os olhos no Senhor, ele pôde deixar de receber a compensação legítima a que tinha o direito como governador da terra além do rio.

A atitude de Neemias ilustra amplamente a verdade do cântico:

Aqui não é meu lar,
Um viajante sou,
Meu lar é lá no céu,
Jesus já preparou.

Ele tinha um relacionamento prático, vital e eficaz com Deus. Estava motivado pelo seu conhecimento de quem Deus é, e fortalecido pela segurança do que Deus pode fazer. Esta relação com Deus colocou toda a sua vida em conformidade com a verdade. Deu-lhe uma honestidade interior que atraía as pessoas a ele. Sua integridade formava a base de todos os seus relacionamentos. Deu-lhe também uma perspectiva equilibrada do mundo e do seu lugar nele. Como resultado, ele pôde abrir mão de seus direitos por amor do povo e da obra. Seu sucesso veio de sua integridade e singularidade de propósito. Ele pôde deixar de lado vantagens temporais porque buscava apenas a aprovação de Deus. Ele estava satisfeito por saber que sua recompensa viria do Senhor.

CAPÍTULO 9

Como Lidar com a Oposição sem Desmoronar-se

Neemias 6:1-9

Em sua introdução ao livro *Profiles in Courage* (Perfis em Coragem), o falecido John Fitzgerald Kennedy escreveu: "Uma nação que esqueceu a qualidade da coragem que no passado foi trazida à luz pública não tem probabilidade de insistir nessa qualidade, ou recompensá-la, nos seus líderes escolhidos hoje."[1]

Na época em que escreveu estas palavras, o presidente Kennedy referia-se ao povo norte-americano. Mas suas observações se aplicam aos homens de qualquer era, e não é difícil encontrar paralelos históricos às condições que ele descrevia. Neemias, por exemplo, possuía as qualidades exaltadas por Kennedy. Ele não servia a seus próprios desejos, ou mesmo aos desejos do povo. Corajosamente ele se concentrava em fazer o que acreditava que Deus queria que fizesse. Ele recusou-se a fingir possuir "solicitude extraordinária pelo povo, elogiando seus preconceitos, ministrando a suas paixões e agradando suas opiniões flutuantes e transitórias". Pelo contrário, ele era influenciado pela Palavra de Deus e seguia princípios dados por Deus em vez de uma política do conveniente. Isto exigia dele muita coragem.

Conseqüências do Fracasso

Ao abrirmos em Neemias 6, vemos que o muro já foi completado, embora os portões (que eram normalmente cobertos de metal para evitar que fossem queimados em caso de incêndio) ainda não tivessem sido colocados (6:1).

Quando o sucesso de Neemias é reportado a Sambalá e Tobias, a Gesém, o árabe, e aos demais inimigos dos judeus, eles percebem que suas estratégias falharam. Subestimaram o rival. Cometeram o erro de achar que a força de sua superioridade numérica, bem como sua localização estratégica e suas amolações persistentes seriam o suficiente para fazer cessar a obra. Não levaram em consideração os recursos espirituais de Neemias (ou seja, o seu Deus, conforme Neemias 2:20; 4:15, 20; 6:16; etc.), e sua própria engenhosidade.

Em circunstâncias normais, é provável que a estratégia desses inimigos tivesse dado certo. Os judeus eram facilmente intimidados. Em determinada ocasião, tinham até resolvido parar com a obra. A chave do término de todo o projeto era uma pessoa—Neemias. Ele encorajou o povo a perseverar e ajudou-o a trabalhar para vencer seus problemas.

Quando Sambalá e seus colegas de conspiração perceberam que foram vencidos por Neemias, resolveram atacá-lo pessoalmente. Tinham uma vingança a resolver. Primeiro, recorrem à *intriga* (Neemias 6:1-4); depois, a *insinuações* (6:5-9), e, finalmente, à *intimidação* (6:10-14) para atingir o seu fim. Seu orgulho ferido não será acalmado enquanto não humilharem a Neemias.

Rivais ou Aliados?

O ciúme de Sambalá e associados toma primeiro a forma de *intriga.* "Vem, encontremo-nos nas aldeias."[2] Este convite, por carta, é uma medida muito astuta. Sua possibilidade é mortal. Os opositores de Neemias estão dizendo: "Vamos ser amigos. Tivemos nossas divergências no passado, mas agora você conseguiu o que queria—já construiu o muro de Jerusalém. Não podemos negar o seu direito de liderar os judeus como você achar melhor. Quer gostemos quer não, somos vizinhos; temos de viver uns com os outros. Agora que o muro está pronto, é hora de uma conferência de paz. Escolha uma das vilas da planície de Ono.[3] Lá poderemos reunir-nos e resolver nossas diferenças, planejando uma coexistência pacífica."

Tudo isso parece muito magnânimo. O convite promete uma resolução amigável das diferenças de muitos anos. Parece ainda mais razoável porque se sabe que os judeus estão em aperto, cansados e sofrendo pela fome. A "conferência" parece oferecer uma trégua, e certamente será vista pelos moradores de Jerusalém como uma alternativa aceitável à apoquentação. Qual o líder, com as pressões sociais dos cidadãos sobre os seus ombros, como também a responsabilidade militar da proteção da cidade, que não atenderia um convite assim tão aparentemente bondoso? Mas todos esses supostos pontos positivos deixam de lado um fato importante: até que ponto se confia no inimigo quando ele aparece repentinamente com um "ramo de oliveira" na mão?

Os historiadores se lembrarão de que a mesma espécie de coisa aconteceu quando o Papa prometeu salvo-conduto a João Huss, como também tratamento justo, se ele apenas fosse à Conferência de Constança. Tais promessas não impediram que Huss fosse preso e queimado no tronco.

Neemias sabia que sem liderança adequada em Jerusalém, o povo voltaria rapidamente aos velhos costumes. O sacerdócio era corrupto e os magistrados eram avarentos. A exploração faria com que houvesse um colapso moral e mais uma vez prevaleceriam as dissensões. Seu lugar era em Jerusalém. Toda a questão, portanto, era de *prioridades*.

Tendo tomado sua decisão, Neemias mandou a resposta: "Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer; por que cessaria a obra, enquanto eu a deixasse, e fosse ter convosco?" Ele sabia que o que eles tinham conseguido até então teria de ser resguardado. E ele já estava planejando a segunda fase da operação— a consolidação da obra.

Neemias também sabia do perigo de aceitar o "convite" de Sambalá. Se ele se permitisse sair de Jerusalém, estar-se-ia expondo à possibilidade de assassínio (Neemias 6:2; ver Gênesis 50:20; 1 Samuel 23:9; Ester 8:3). Na realidade, quanto mais Sambalá enviava suas cartas, tanto mais Neemias via confirmadas suas suspeitas.

O exemplo de Neemias mostra a importância de sabedoria prática (ver Tiago 1:5-8). Ele conhecia suas prioridades e não se permitia um desvio de cumpri-las. Seu exemplo também mostra a necessidade de discernimento adequado (Hebreus 5:14) e a importância do tato. Ele não antagonizou a Sambalá, mas insistiu em exercer sua própria autonomia. Sua capacidade de ver claramente as questões e ficar firme sob pressão guardaram-no de cair nas artimanhas dos inimigos.

O Evangelho de Judas

Mais uma vez falhando em alcançar o que queriam, Sambalá e seus colegas tentam nova estratégia: *insinuações*. Sambalá manda seu servo a Neemias com uma carta aberta em mãos: "Entre as gentes se ouviu, e Gesém diz, que tu e os judeus intentais revoltar-vos; por isso reedificas o muro e, segundo se diz, queres ser o rei deles, e puseste profetas para falarem a teu respeito em Jerusalém, dizendo: Este é rei em Judá. Ora, o rei ouvirá isso, segundo essas palavras. Vem, pois, agora, e consultemos juntamente" (Neemias 6:6-7).

Uma carta aberta é o cúmulo da indignidade. Sambalá sabe que o conteúdo de tal carta será propriedade pública. A acusação de traição, mesmo infundada e provada mentirosa, será o suficiente para impugnar os motivos de Neemias, manchar a integridade dele e minar sua influência.

Este ataque a Neemias aproveita-se de um princípio importante da psicologia. As pessoas estão sempre prontas a acreditar no pior com respeito aos outros. Pense bem em como o escândalo se alastra

rapidamente num escritório ou numa igreja. A menor sombra de comportamento indiscreto e a pessoa envolvida é considerada culpada. Falar mal dos motivos de Neemias, portanto, é muito fácil. A calúnia pode ser totalmente falsa, mas é impossível à vítima da calúnia limpar completamente o nome aos ouvidos de todos os que ouviram o que se disse. As implicações das atividades supostamente traidoras de Neemias são nada menos que uma tentativa de chantagem. A força da trama está no temor que o homem tem, por natureza, de represália. Para qualquer pessoa menos heróica, a ameaça diabólica teria sido pujantemente forte. Neemias, porém, enfrentou as insinuações com coragem invejável.

Podemos até dar algum crédito às palavras de Sambalá no versículo 7. Com a renovação do orgulho nacional, alguém poderia ter pregado sobre a profecia famosa de Zacarias: "Eis aí vem o teu rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta" (Zacarias 9:9). Mesmo se tivesse surgido tal esperança, as palavras de Zacarias falavam no Messias que viria, e não em Neemias. Se Sambalá se agarrou às palavras de algum pregador patriota e as distorcesse, mostra apenas a que ponto homens ímpios irão para propositadamente interpretar errado aquilo que é óbvio, e torcer a verdade para servir a seus próprios interesses.

A resposta de Neemias a estes ataques é de negação aberta. "De tudo o que dizes cousa nenhuma sucedeu; tu, do teu coração, é que o inventas." Esta resposta revela que ele tem segurança interior. Ele sabe que no final, o que realmente importa é o que Deus pensa dele. Isto coloca o ataque em nível diferente. Oferece uma dimensão nova à oposição de Sambalá que o governador samaritano havia ignorado persistentemente. Traz ao quadro Deus e liga Neemias a outro mundo de realidade! Esta nova dimensão capacita Neemias a agüentar a calúnia. É certo que sua influência foi minada e sua popularidade teve uma queda. Durante todo o tempo os líderes do povo estiveram à procura de alguma falha na sua administração para que eles pudessem novamente firmar a autoridade que tinham antes de Neemias. Agora, com a inimizade do povo e todos sabendo que ele está sendo acusado, sua tarefa será mais difícil ainda.

Ao enfrentar esta nova forma de oposição, Neemias recorre à oração. "Agora, pois, ó Deus, fortalece as minhas mãos."

Há épocas em nossas vidas em que nós também descobrimos que os que nos encontram pensam mal de nossos motivos, semeiam inimizade entre os nossos subordinados e enfraquecem a nossa posição. Quando isso acontece, nosso único recurso é *negar abertamente* aquilo que é claramente falso e *orar.*

Lembro-me quando trabalhava numa faculdade em que um dos professores não suportava que ninguém fosse mais benquisto entre os estudantes do que ele. Os outros membros do corpo docente eram uma ameaça à sua pessoa. Certa vez, a tensão cresceu de tal modo entre este professor e um de seus colegas, que as insinuações maldosas que ele fazia aos alunos finalmente levaram o outro professor a pedir demissão. Infelizmente, neste caso, uma negação aberta das acusações não foi acompanhada de segurança interior, e o resultado foi exatamente o que aquele professor queria—a remoção de um colega que ele julgava estar competindo com ele pela aprovação dos alunos.

A segurança pessoal, conforme Maurice E. Wagner demonstrou,[4] vem de nosso relacionamento com as três Pessoas da Divindade. Nossa relação com Deus Pai dá-nos um senso de *pertencer*. Somos membros de sua família e seguros nessa relação de Pai e filhos. Nossa união com Cristo o Filho dá-nos um sentido de *significado*. Deus nos amou de tal maneira que mandou seu Filho para morrer pelos nossos pecados. Tendo cumprido nossa redenção, Deus nos fez co-herdeiros com Cristo. Isto mostra o nosso valor. Finalmente, a habitação do Espírito Santo dota-nos de poder. Somos feitos *capazes* para toda tarefa (isto é, somos *competentes*). Estas três coisas formam o fundamento de nossa segurança interior. Esta segurança ajuda-nos a agüentar as acusações sutis daqueles que impugnam os nossos motivos e tentam impedir a obra que estamos realizando.

A Provisão Graciosa de Deus

Quando consideramos o modo pelo qual Neemias enfrentou estes ataques, não podemos deixar de notar duas coisas: seu discernimento e sua coragem. Quando pela primeira vez recebeu carta de Sambalá, ele discerniu a intriga e sabia que eles planejavam fazer-lhe mal. Como resultado, pôde evitar uma situação potencialmente perigosa. Seu discernimento também o ajudou a ver claramente as questões. Ele sabia que a obra em Jerusalém sofreria se ele a deixasse. Sabia da necessidade de consolidar o que eles já haviam atingido. Sua resposta ao primeiro ataque de Sambalá foi, portanto, insistir firmemente em seu direito de decidir baseado em *suas* prioridades.

Mas como Neemias conseguiu tal discernimento?

O discernimento vem de uma experiência pessoal com a Palavra de Deus (Hebreus 5:13-14; ver Provérbios 2:1-9). Isto envolve mais do que a leitura de um trecho seleto das Escrituras cada dia. É necessário que apliquemos aquilo que lemos às nossas vidas e às situações que enfrentamos.

Segundo já vimos, Neemias era um homem da Palavra. Tinha tal conhecimento íntimo da revelação de Deus que não é de admirar que ele tivesse desenvolvido a habilidade de discernir o bem do mal.

Davi permitiu que o ensino de porções da Bíblia, as que ele possuía, permeasse os seus pensamentos. Ele podia dizer: "Quanto amo a tua lei! É a minha meditação todo o dia. Os teus mandamentos me fazem mais sábio que os meus inimigos; porque aqueles eu os tenho sempre comigo. Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais entendido que os idosos, porque guardo os teus preceitos. De todo mau caminho desvio os meus pés. . . por meio dos teus preceitos consigo entendimento, por isso detesto todo caminho de falsidade" (Salmo 119:97-104).

Quanto mais entendermos a Bíblia, melhor poderemos discernir a vontade de Deus. Quanto mais nos familiarizarmos com as Escrituras, tanto mais fácil será saber o que Deus quer (isto é, nossas prioridades serão baseadas na sua direção) e poderemos agir de acordo.

Em segundo lugar, quando os inimigos de Neemias atacaram a sua pessoa ele sentiu instintivamente que estava perdendo o pulso da situação. Sua resposta, portanto, foi negar a acusação, entregar toda a questão ao Senhor, e depender do fortalecimento divino para continuar a obra. Ele não gastou tempo tentando justificar-se. Levando os seus problemas ao Senhor em oração, deixando tudo nas suas mãos, ele preservou sua estabilidade emocional. Assim, ele estava apto a continuar com a construção e deixar para o Senhor a defesa de sua pessoa. Se ele não tivesse feito assim, teria gasto o resto do dia preocupado com os seus problemas. . . até que estes o vencessem.

A vida de oração de Neemias era importante. Ligava-o ao mundo da realidade. Ele sabia que o Senhor era a fonte de sua força (ver Salmo 18:2, 32, 39; 19:14; 22:19; etc.). Conforme o seu costume, nas situações difíceis e críticas da vida, ele recorria à oração. Desta forma ele cuidava da tensão e fadiga de seu alto cargo.

No exemplo que temos diante de nós, a breve oração de Neemias é simples, definida e suficiente. Ele orou para que suas mãos fossem fortalecidas. Ele sentia necessidade de uma renovação interior de força e um fortalecimento de seu ânimo. Como no caso de Isaías, o profeta, ele sabia que os que esperam no Senhor renovarão suas forças (Isaías 40:31; Salmo 28:7-8; 29:11; 46:1). Assim sendo, ele orou para que suas mãos se fortalecessem a fim de que a obra pudesse continuar a prosperar. Então ele continuou na tarefa que Deus lhe confiara. Ele estava contente em deixar sua própria reputação e seu

próprio futuro nas mãos daquele a quem ele entregara sua vida.

Este segredo de calma confiança, de dependência implícita no Senhor, e disposição de fazer a sua vontade foi também o segredo do apóstolo Paulo, que escreveu uma carta (Efésios) explicando aos crentes do Novo Testamento o que a vida de Neemias exemplificava de modo tão belo às pessoas de sua época (ver Romanos 15:4; 1 Coríntios 10:11).

CAPÍTULO 10

Missão Cumprida

Neemias 6:10-19

Alguns crentes têm a idéia de que se viverem para o Senhor e fizerem o que é certo, ele os guardará de toda adversidade. Atribuem as tribulações ou provações a algum pecado que possam ter cometido e, como resultado, gastam a vida trabalhando sob sentimentos de culpa e indignidade.

Se Neemias tivesse tal idéia, talvez fosse tentado a pensar que, após sacrificar todo o conforto e a segurança de sua posição na corte de Artaxerxes, o mínimo que o Senhor poderia fazer seria abençoá-lo com um governo de paz. Em vez disso, enfrentou oposição—de dentro como também de fora.

No próprio relato de Neemias das dificuldades encontradas, havia, primeiramente, *intriga.*

Nós todos já encontramos quem, em seus esforços de impedir aquilo que estamos fazendo, tem razões para querer discutir suas diferenças conosco. Realmente, tudo que esperam fazer é colocar-nos na defensiva. Então poderão dizer que nós os julgamos mal e não entendemos suas intenções. A única diretriz segura quando enfrentamos um ardil semelhante, aparentemente plausível, é entender claramente onde está o nosso dever. Há, naturalmente, ocasiões em que uma conversa franca a respeito de um problema é de suma importância. Mas há outras ocasiões em que a necessidade da hora é de lealdade aos nossos empregadores ou aos nossos princípios. Há também ocasiões em que devemos insistir em nossas prioridades. Foi o que fez Neemias. Ele discerniu o engano dos samaritanos e disse: "Estou fazendo uma grande obra. . . por que eu pararia a obra para dialogar com vocês?"

Tendo sido rejeitados, os inimigos de Neemias tentam nova estratégia—insinuações indiretas e aviltantes. Essas *insinuações* são seqüência lógica à intriga. Eles questionam os motivos de Neemias. Esta é uma forma poderosa de ataque. Aproveita-se da depravação da natureza humana. Perguntam, com efeito, "O que será que ele vai ganhar com isso? Ele não está aí simplesmente porque quer. Deve estar auferindo algum lucro pessoal". O altruísmo de Neemias torna-se assunto de interpretação preconceituosa.

Essa espécie de ataque é comum. Foi a base da difamação que Satanás quis fazer de Jó (Jó 1:9). Jeremias, o patriota, enfrentou-a quando acusado de colaborar com o inimigo (Jeremias 37:13). Mesmo o Senhor Jesus foi falsamente preso sob acusação de perverter a nação e despertar a insurreição do povo (Lucas 23:2, 5).

Mas qual a nossa resposta à difamação? Devemos ficar sentados sem agir enquanto os outros nos distorcem e falam mal de nossos motivos?

A resposta apropriada é a negação aberta *e* a oração. Seguindo o exemplo de Neemias devemos negar o que é claramente falso, refrear--nos de tentar justificar os nossos atos, e entregar-nos novamente àquele que julga retamente (ver Jeremias 11:20; 1 Pedro 2:23). Ele é aquele perante o qual todo pensamento e todo ato será manifestado (ver Lucas 12:2; Atos 17:31; Romanos 2:5-6, 16; 1 Coríntios 3:13; 4:5; etc.). Foi isso que Davi fez quando difamado pelos seus inimigos (Salmo 31:13-15). O Senhor Jesus fez o mesmo (1 Pedro 2:21-23). Tal conduta tem sua base em princípios psicológicos sadios. Faz-nos desviar os olhos de nós mesmos e olhar para aquele em quem podemos confiar para nos ajudar. Inclui dar a ele a soberania de nossa vida. Evita que permitamos que os ressentimentos cresçam dentro de nós. Pela entrega de tudo ao Senhor, somos guardados de nutrir pensamentos de vingança (Romanos 12:19).

Sombras Escurecedoras

Comparando a experiência de Neemias com a nossa própria, vemos como ele pôde lidar com as forças que ameaçavam diminuir sua autoridade. Ele respondeu à *intriga* com hombridade e firmeza, e enfrentou as *insinuações* com negação aberta e oração.

Agora ao focalizarmos nossa atenção sobre uma forma mais aberta de ataque, ou seja, a *intimidação,* observaremos como suas ações salientam a necessidade e a importância da integridade. Neemias, é claro, era homem de altos princípios bíblicos. Sua vida era governada pelo Livro. Sua conduta era regulada por seus preceitos e estes formavam um padrão interior, levando tudo o mais em conformidade com a verdade.

A importância de fortes convicções espirituais foi ressaltada por Bernard L. Montgomery, ex-chefe da Equipe Imperial Geral das Forças Armadas Britânicas. No seu excelente livro, *The Path to Leadership* (O Caminho para a Liderança), o Visconde Montgomery diz: "Creio firmemente que em todos os ramos da vida numa democracia ocidental, com nossa longa tradição cristã, um líder não atrairá muitos a não ser que possua virtudes cristãs." Ele define essas virtudes como sendo *prudência, justiça, temperança* e *fortaleza.*[1] Sem estas, ninguém pode agüentar as provações da vida.

Como cristãos, vivemos em dois mundos. Como Neemias, somos cercados por um ambiente pagão. Podemos, porém, gozar dos seus recursos. Podemos seguir o ensino das Escrituras e permitir que a Palavra de Deus produza em nós a verdade e o caráter, uma dedicação ao princípio e uma aderência básica à conduta reta tão essencial ao êxito. O próprio fato que é de súbito que nos encontramos numa situação delicada e dificultosa faz com que não possamos planejar com antecedência. Não temos nada para nos guiar, salvo nossa integridade.[2]

Vejamos como tudo isso pode ser resolvido na prática.

Um Espião no Armário

Enquanto todo o projeto de construção chega ao fim, Neemias fica sabendo que um dos sacerdotes, cujo nome era Semaías, está ansioso por vê-lo. Mas Semaías não pode vir até Neemias. O texto diz que ele estava encerrado (confinado à sua própria casa), mas não dá nenhuma explicação além disso.

Quando Semaías é visitado por Neemias, Neemias fica sabendo, como se por um espírito de profecia,[3] que seus inimigos intentam matá-lo. "Vamos juntamente à casa de Deus, ao meio do templo, e fechemos as portas do templo; porque virão matar-te; aliás, de noite virão matar-te" diz Semaías.

A proposta de Semaías é de origem pagã. A área em volta dos templos da antigüidade eram freqüentemente o refúgio para os culpados de toda espécie de crimes. Dentro das portas do templo todos estavam seguros. Mas o Templo a que se refere Semaías não é um edifício pagão. É o santuário do Senhor da Glória. Ao fazer sua sugestão a Neemias, Semaías está dependendo de uma nova "revelação" que acalmasse qualquer suspeita que o governador pudesse ter. Se Neemias hesitasse em ir ao Templo, Semaías podia assegurar-lhe imunidade de qualquer penalidade da lei.

É importante notar que quando Semaías o convida para ir à Casa do Senhor, *ao meio do Templo,* usa um termo que se refere ao lugar Santo—lugar onde somente os sacerdotes têm permissão para entrar.

O propósito por trás desta intimidação está em conduzir Neemias a uma situação comprometedora. Se ele ceder a este gesto aparentemente amigo, seus inimigos mostrarão o medo que ele tem e usarão sua covardia para diminuir sua influência. Também darão descrédito às suas crenças religiosas e apontarão seu desrespeito flagrante da Lei. Tal conduta o diminuiria imediatamente aos olhos dos judeus.

Mas Neemias não está cego por interesses próprios, nem intimidado por suposta autoridade profética. Ele tem um Objeto de Temor certo, o Senhor, e andando em submissão a *sua* autoridade, ele é guardado de tropeços. Se Neemias tivesse cedido à sugestão de

Semaías, ele teria sucumbido a um objeto de temor errado, ou seja, Tobias e a ameaça de assassínio, e o resultado teria sido fraqueza e timidez.

O Teste de um Profeta

A resposta clara de Neemias foi: "Como eu fugiria? e quem há, como eu, que entre no templo para que viva? De maneira nenhuma entrarei."[4] Ele demonstra conhecimento da Palavra de Deus e até que ponto sua *integridade*[5] o impede de cometer erros. Ele sabe que Deus é o autor da verdade. A verdade é a essência do caráter divino. Deus não pode contradizer-se. Percebendo que a sugestão de Semaías não está de pleno acordo com o ensino claro da Palavra de Deus, então o profeta deve estar errado (ver Deuteronômio 13:1-5; 18:20)! Mais uma vez torna-se evidente o discernimento de Neemias. Suas suspeitas confirmam-se quando conversa mais com Semaías. Deus não enviou Semaías, mas ele fez esta suposta "profecia" porque foi contratado por Tobias. O erro do plano e sua violação dos princípios bíblicos não apenas o anulam como mensageiro de Deus como também expõem toda a trama preparada pelos conspiradores de Samaria (Neemias 6:13).

Neemias é salvo, não por quebrar a Lei de Deus para fugir do assassínio, mas por guardá-la!

Porém, o encontro de Neemias com Semaías deixa-o com um profundo sentimento de necessidade própria. Ele está plenamente cônscio do poder e da sutileza da oposição. Mais uma vez ele recorre à oração. "Lembra-te, meu Deus, de Tobias e de Sambalá no tocante a estas suas obras, e também da profetisa Noadia e dos mais profetas que procuraram atemorizar-me."

Mais uma vez Tobias e companhia fracassaram. Julgaram mal a Neemias. Avaliaram-no baseando-se em seus próprios padrões, sem contar com a importância da fé prática e operante de Neemias.

A Tarefa Terminada

Apesar da oposição, o muro fica pronto em cinqüenta e dois dias— um feito surpreendente para uma tarefa considerada quase impossível.[6] Quando os que se opuseram à obra ficaram sabendo do sucesso de Neemias, "decaíram muito no seu próprio conceito; porque reconheceram que por intervenção de nosso Deus é que fizemos esta obra". Mesmo com tais evidências irrefutáveis da aprovação divina da obra de Neemias, ainda existem inimigos dentro como também fora da cidade. Continuam a opor-se a Neemias. Tobias, o amonita, tem parentes em Jerusalém. Ele casou-se com uma judia, filha de Secanias (ver Deuteronômio 23:4), e seu filho seguiu seu exemplo casando-se com a filha de Mesulão (Neemias 6:18; ver também 13:7-8). A

correspondência passa entre os nobres de Judá e Tobias. As boas ações de Tobias são exibidas a Neemias, e as atividades de Neemias são relatadas a Tobias. As ameaças e insinuações continuam enquanto Tobias tenta enfraquecer o controle de Neemias.

O fato de que este capítulo termina com uma breve declaração da contínua oposição, dá-nos uma nota de realismo à experiência de Neemias. E assim, após tudo o que Neemias fez, ele ainda tem de confiar no Senhor. Das circunstâncias enfrentadas por Neemias aprendemos que mesmo quando já vencemos toda a oposição, a vigilância e a oração devem continuar a caracterizar nossas vidas.

Concluindo esta parte com a oposição contínua de Tobias, Neemias desvia nossa atenção dos seus feitos singulares. Isso pode fazer com que deixemos de perceber o ensino importante deste trecho quanto à razão do seu sucesso. Seu sucesso atribui-se a três fatores: seu *caráter*, sua *confiança* e sua *coragem*.

Os Três C's

Ao trabalhar em direção ao seu alvo, Neemias enfrentou obstáculos que fariam com que um homem de menos fibra tivesse desistido. Os ataques mais desalentadores foram dirigidos contra sua própria pessoa. Neemias agüentou-os por causa do *que* (não de quem) ele era. Sua vida prova a observação de que "um homem não possui mais caráter do que pode comandar quando em crise". Seu caráter veio diretamente da prática da piedade e da íntima comunhão com o Senhor. Qualquer um desses dois sem o outro não teria produzido a hombridade necessária para enfrentar a oposição de parte de inimigos implacáveis. O que Neemias era perante Deus dava a dinâmica pessoal que inspirou um povo maltratado a assumir uma tarefa aparentemente impossível. Esta mesma qualidade de caráter também fez com que ele perseverasse diante de obstáculos aparentemente invencíveis.

Podemos traçar o caráter de Neemias diretamente à sua disposição de viver sob a autoridade das Escrituras. Seu conhecimento da Palavra equipou-o com discernimento, e este discernimento fez com que ele não fosse enganado por aqueles que fingiam ser amigos.

Perdemos nosso caráter e nossa capacidade de discernir as questões que nos confrontam quando negligenciamos o estudo das Escrituras. Quando isto ocorre, é fácil sacrificar altos ideais de justiça e integridade sobre os altares da conveniência e do egoísmo. Mas o caráter verdadeiro é algo positivo. Não é a proteção da inocência, mas a prática da virtude. Isto forma a base da liderança eficaz.

Em segundo lugar, havia a confiança de Neemias. Enfrentando os obstáculos, um por um, eles cediam à força de um propósito superior. Neemias enfrentou estas aparentes impossibilidades, e elas se desfa-

ziam ante sua persistência. Ele conseguiu erigir o muro de uma cidade e restaurar a dignidade nacional de um povo desprezado porque ele tinha convicção inabalável de estar fazendo o que Deus queria que fizesse. Sua confiança no Senhor livrou-o das pressões de "ser um sucesso", fez com que ele preservasse sua objetividade, venceu os temores que os outros procuravam incutir nele e garantiram que ele estivesse livre de preocupação indevida (ver Mateus 6:25-34). Sua confiança capacitou-o a elevar-se acima das tempestades da adversidade, enfrentar os problemas, e inspirar outros a darem do melhor que tinham.

O caráter de um homem é a dinâmica interior que resulta em confiança. Esta confiança é contagiante. Sem ela não pode haver liderança eficaz. Estas qualidades importantes são, porém, insuficientes sem a coragem. A coragem serve de forte antídoto para o desânimo. Ela nos mantém prosseguindo quando tudo parece perdido.

Neemias enfrentou oposição de dentro de Jerusalém como também de fora. Eram persistentes as pressões daqueles que tentaram enfraquecer sua determinação e fazer com que ele abandonasse seu alvo. Eles sabiam que o *medo* impediria a implementação de soluções, traria mediocridade, apagaria a criatividade de Neemias e abriria caminho para seu futuro fracasso. Mas foi ali que entrou a coragem de Neemias. Sua relação com o Senhor era tal que ele não temia o que os outros pensavam dele ou pudessem fazer-lhe. Isto não quer dizer que ele ignorava a oposição, ou que fosse descuidado quanto à sua segurança pessoal, ou que tenha dado vazão a uma atitude fatalista. Sua fé era daquelas que movem montanhas. Sua confiança em Deus deu-lhe coragem para continuar apesar das nuvens de oposição que o cercavam. Ele foi ousado campeão da causa do direito e desprezou as coisas que inspiram medo. A coragem de Neemias ajudou-o a alcançar novas alturas de vitória. Armado dessa força, ele transformou obstáculos em oportunidades, e provações abertas em triunfos pessoais.

O fundamento do sucesso está no nosso caráter. É sedimentado pela nossa confiança em Deus. A confiança no Senhor e no seu plano para nossa vida dá-nos confiança em nós mesmos. Finalmente, nossa coragem demonstra o que somos, e aquilo em que nos envolvemos.

CAPÍTULO 11

"Deus, Dá-nos Homens!"

Neemias 7:1-73a

Os líderes conhecem a importância de estabelecer alvos realistas. Sem objetivos claramente definidos é impossível construir um espírito de equipe. Ao estabelecer alvos atingíveis é necessário que se faça provisão para a avaliação do progresso e para o preparo do próximo objetivo.

O primeiro objetivo de Neemias era a construção do muro da cidade. Ele motivou o povo a trabalhar com ele e, em épocas diferentes, mediu seu progresso (Neemias 4:6; 6:1, 15). Fez provisão para interrupções (4:10, 13; 5:1-13). Finalmente o muro ficou pronto; seu primeiro alvo foi atingido. Antes de completar o muro, ele avaliou toda a situação. Seus inimigos o estavam apoquentando, mas isso não impediu que ele planejasse para o futuro. A "fase dois" da operação, ou seja, a *consolidação da obra* (ver Neemias 7 e 11) já estava formulada em sua mente.

Em anos recentes, muito se tem falado da importância do planejamento. Raymond Brady, redator da revista *Dun's Review*, diz: "Nunca vale a pena, nos negócios, ficar de tal forma emaranhado com os problemas do presente que se perca a visão do futuro—de suas oportunidades ou de seus perigos." O planejamento correto tem que ver com todos nós, não importa nosso local de trabalho—comércio ou indústria, igreja ou missões, ensino ou política. O planejamento com antecedência que Neemias fez demonstra como podemos preparar-nos adequadamente para o futuro.

Em Busca da Solução

Ao examinar os planos que Neemias fez para a consolidação começamos analisando o capítulo 7. Mais uma vez temos uma longa lista de nomes. Estes nomes tornam este capítulo ainda mais difícil do que o capítulo 3 de Neemias. Lá o texto era fácil de interpretar devido à repetição de certas frases. Não temos essa espécie de ajuda desta vez. Como então explicar?

Numa de suas palestras no Seminário de Dallas, o Dr. Howard Hendricks disse: "Quando você estiver enfrentando um problema de interpretação, suba numa árvore contextual".

Quando ouvi isto, lembrei-me da experiência de um amigo canadense, membro de nossa igreja. Ele era capitão da Real Polícia Montada. Sua experiência em sobrevivência no deserto tinha sido tal que ele foi comissionado pelos superiores a treinar os soldados.

Como é o caso de muitos canadenses, nosso amigo gostava de caçar. Numa de suas viagens, ele se encontrava numa planície sem montanhas ou outros marcos que facilitassem a orientação. Numa ravina perto do seu acampamento, ele viu os rastros de alguns alces. Seguiu-os até o desfiladeiro, subiu um lado e passou por um cerrado. Este mato cerrado ficava entremeado na planície. A trilha era longa—muito mais do que ele imaginara—e o sol se punha rapidamente. Ele sentiu uma pontada de medo. Isto aconteceu antes mesmo de sua mente admitir que ele estava perdido. O terreno tornava impossível ver quaisquer promontórios. O único "marco" para orientá-lo era a ravina, que estava escondida pelas numerosas moitas de árvores e arbustos por que ele passara.

Finalmente, encontrou uma árvore mais alta na beira de um dos cerrados. Subiu-a e começou a procurar a ravina. As sombras aumentavam e o ar já era cortante. Certamente gearia aquela noite.

Para surpresa de meu amigo, a ravina, quando ele finalmente a avistou, não estava à direita como ele imaginara, mas atrás dele. Uma vez localizada, foi só questão de tempo até ele chegar de volta ao acampamento.

Só aqueles que já acamparam na selva ou no deserto sabem como é fácil perder-se. De modo bem semelhante, só aqueles que tentaram explicar porções difíceis das Escrituras é que sabem como é fácil perder de vista o propósito central do livro envolvendo-se nas minúcias.

Ao estudar o capítulo 7, seguiremos a recomendação do Professor Hendricks e subiremos numa árvore contextual. Vendo de cima, poderemos recordar os capítulos já estudados e olhar em frente para os que ainda estão por vir. Isto nos dirá exatamente *onde* nos encontramos e explicará *por que* Deus achou necessário incluir este capítulo na sua Palavra.

Os capítulos 1 a 6 demonstram como Neemias atingiu seu objetivo, a edificação do muro. *O capítulo 7 é de transição e relata os primeiros passos para a consolidação da obra.* Estes passos para a consolidação logo serão interrompidos por um despertamento espiritual (capítulos 8 a 10), mas serão reencetados depois que Deus tiver preparado o coração do seu povo para o governo próprio (capítulo 11).

A primeira coisa que notamos neste capítulo é a nova liderança oferecida por Neemias à cidade (Neemias 7:1-4). Depois disso, Deus

pôs no seu coração que se fizesse um censo do povo. Isto foi feito com vistas a verificar a pureza do povo e do sacerdócio, e em preparo para o repovoamento de Jerusalém (7:5-69). Finalmente, Neemias garante o sustento certo daqueles que estão no serviço da casa do Senhor (7:70-73a).

O resultado do planejamento de Neemias e do impulso de Deus é um grande passo em direção ao reacender da chama do prestígio nacional e de um desejo interior por parte do povo de conhecer mais da vontade de Deus para suas vidas.

Os Líderes São Feitos

Neemias inicia a "fase dois" selecionando homens dignos de confiança aos quais ele pode delegar certas responsabilidades. "Ora, uma vez reedificado o muro. . . eu nomeei a Hanani, meu irmão, e a Hananias, maioral do castelo sobre Jerusalém; porque ele era homem fiel e temente a Deus, mais do que muitos outros."

Mas quais as qualidades de liderança que estes homens possuíam? Neemias não seria culpado de nepotismo ao dar a administração da cidade ao seu próprio irmão?

Os atos de Neemias têm de ser vistos à luz de sua posição e de sua comissão. Ao nomear novos líderes para a cidade, ele exemplifica o que Alexander Hamilton disse mais tarde: "O alvo de toda constituição política é, ou deve ser, primeiramente obter como dirigentes homens que possuam mais sabedoria para discernir, e mais virtude para seguir o bem comum da sociedade; e em segundo lugar, tomar as precauções mais eficazes para mantê-los virtuosos."

Em Hanani, Neemias vê um homem que pensa nos outros. Tendo sido criado no mesmo lar, Neemias sabe que Hanani teve o mesmo treinamento básico que ele próprio teve o privilégio de receber. Enquanto Neemias entrou para o serviço do rei e tornou-se cortesão, o patriotismo de Hanani fez com que ele deixasse a terra natal e voltasse (talvez com Esdras) a Jerusalém. Quando a situação dos judeus ficou de tal modo calamitosa que julgaram necessário fazer um pedido ao rei, Hanani foi enviado a Babilônia, onde foi sem alarde e sem arautos para interceder em seu favor. Isto revela não apenas sua coragem (ver Ester 4:16b) como também a confiança que nele depositavam seus compatriotas. Tendo ele estas qualidades, Neemias não hesita em colocá-lo em posição de liderança sobre a cidade.

Hananias é feito comandante da cidadela. Sua fidelidade ao Senhor e lealdade para com sua Palavra serão profundamente necessárias com traidores judeus nos lugares de destaque e famílias importantes envolvidas em intrigas. Neemias sabe de sua experiência na corte que

quando há tentativa de um golpe, este quase sempre conta com as forças armadas em apoio aos rebeldes. Por esta razão é imperativo que um homem piedoso esteja nesta importante posição.

Nos atos de Neemias percebemos mais uma vez seu modo astuto de lidar com situações potencialmente perigosas. Conquanto possa parecer que a colocação de um membro de sua própria família sobre a cidade de Jerusalém seja um ato de nepotismo, é fato patente que Hanani é altamente qualificado para a posição, e sendo provavelmente de sangue real, terá respeito imediato dos cidadãos nacionalistas de dentro da cidade.

Alguns, porém, ainda colocarão em dúvida a sabedoria desse passo. Afinal, podem dizer, qual será a reação de Artaxerxes quando souber que um descendente de Davi ocupa posição tão importante? Um estudo da administração de Artaxerxes revela que enquanto um nomeado exercesse suas responsabilidades sob um governador ou sátrapa, e permanecesse leal à coroa, não haveria oposição da corte persa à sua nomeação. Artaxerxes praticou o que mais tarde Roosevelt recomendou ao declarar: "O melhor executivo é aquele que tem bom senso em escolher bons homens para executar o que ele quer que se faça, e autocontrole suficiente para não se intrometer com eles quando eles estiverem executando."

Tendo selecionado cuidadosamente os novos líderes da cidade, Neemias demonstra um segundo princípio de sadia prática administrativa, ou seja, o desenvolvimento próprio de seus subordinados. Tendo-se assegurado de que os guardas dos portões e os cantores e os demais levitas[1] agissem como vigias sobre o muro durante as horas do dia, ele dá a Hanani e Hananias diretrizes gerais para a proteção da cidade (Neemias 7:3-4). Os levitas supervisionarão a abertura e o fechamento dos portões, mas à noite os próprios cidadãos serão responsáveis por guardar o muro. Sob a nova liderança, o povo mais uma vez será conclamado a ficar de vigia, "cada um a seu posto, defronte a sua casa".

A proteção da cidade ressalta outra questão. A cidade é espaçosa, com poucos residentes. É evidente a necessidade de renovação urbana, ou seja, melhorias dentro da cidade. Deus leva Neemias a fazer o recenseamento do povo. Embora um programa de repovoamento da cidade não seja imediatamente instituído, porque haverá primeiro uma renovação espiritual, o preparo que agora se faz abrirá caminho para sua realização futura (ver Neemias 11).

Guardiões da Alma

Enquanto faz o censo, Neemias encontra um documento sobre os

judeus que voltaram à terra sob Zorobabel (538 a. C.; Neemias 7:6-69). Documento semelhante encontra-se em Esdras 2.[2] O censo prepara o caminho para o repovoamento da cidade. Este alvo é temporariamente deixado de lado porque nos versículos 61-65 lemos de algumas pessoas que são despedidas do sacerdócio. Estiveram oficiando no Templo e trabalhando com os demais na construção do muro. Agora, porém, são considerados "impuros" e removidos do cargo. Em algum tempo no passado seus ancestrais haviam-se casado com gentios. Não podem mais provar sua ascendência. Não há outra alternativa senão voltar aos seus afazeres seculares até que possam provar de quem são descendentes.

Não seria essa uma forma violenta de tratar com aqueles que labutaram tanto na reconstrução do muro? Qual o propósito de uma atitude tão severa? Esta é hora de união, não de divisão por diferenças doutrinárias.

De modo semelhante ao que Neemias usou em instituir nova liderança, para salvaguardar o bem-estar temporal dos cidadãos de Jerusalém, agora ele toma passos para resguardar o bem-estar espiritual do povo. O tratamento aparentemente rude daqueles que não podem provar sua genealogia não ofende os comentaristas judeus. São rápidos em reconhecer a desobediência dos que se misturaram com os gentios e concordam com o ato de Neemias. Se o sacerdócio estiver corrupto, sua influência finalmente destruirá a fibra moral e espiritual do povo. O perigo que o povo enfrenta é muito grande e não pode ser resolvido com base em meros sentimentos. Um sacerdócio puro é essencial se o povo deseja manter um relacionamento correto com o Senhor.

Este trecho ensina-nos algo para hoje. Existem homens ocupando os púlpitos de nossa terra que são incapazes de provar seu novo nascimento. Eles não sabem o que significa ser salvo. Para eles a conversão é um enigma, e, por direito, deveriam ser excluídos de nossos púlpitos. Eles "se casaram" com falsas doutrinas, seu ensino é corrupto e suas vidas são um fingimento. Somente os que experimentaram a graça salvadora de Jesus Cristo para cada indivíduo e diariamente colocam em prática os benefícios da salvação podem ter esperança de ministrar a outros. Portanto, temos muito que aprender do exemplo de Neemias.

Ao implementar mais a segunda fase de seu plano, Neemias verifica que aqueles que trabalham no Templo tenham sustento adequado (Neemias 7:70-73a). Como conseqüência do censo, os

chefes das famílias são mais uma vez levados a posição de importância na comunidade. Estes estiveram por muito tempo ofuscados pelos regentes das diversas cidades. Por anos não puderam exercer sua influência sobre o povo. Agora, porém, eles vêm à frente mais uma vez e voluntariamente dão para a obra do Senhor. Neemias[3] também faz uma grande doação, e os servos do templo têm o sustento bem suprido. Tudo isso contribui para a estabilidade da economia.

Responsabilidade ou Repressão

Vejamos brevemente a conduta de Neemias neste capítulo a fim de reforçar vários princípios importantes.

Primeiro, todos os homens-chave nos negócios devem envolver-se no treinamento de seus subordinados para que estes possam assumir posições de responsabilidade e liderança. George Olmstead, general reformado do exército norte-americano, ao escrever no *Industrial Banker*, ressaltou que "Se nosso sistema de livre iniciativa for provar sua superioridade. . . nossa maior esperança está em encontrar e desenvolver homens e mulheres jovens com talentos para liderança. A empresa privada só pode ser tão forte quanto os homens e mulheres que lideram nossos negócios. Nossa sobrevivência futura depende do sucesso de nossos programas de desenvolvimento de liderança—não apenas no comércio, como também nas áreas da vida nacional. Assim, este tem de ser o nosso objetivo. Nosso programa de desenvolvimento de liderança tem de ter sucesso." O mesmo princípio vale para nossas igrejas e no campo missionário também (ver 2 Timóteo 2:2).

Ao nomear pessoas para posições de liderança, devemos oferecer--lhes as diretrizes necessárias, delegar-lhes a responsabilidade adequada, e permitir que realmente liderem. Esperamos que aqueles a quem confiamos tarefas administrativas sejam, como Hanani e Hananias, capazes de construir sobre as nossas forças, fazendo com que suas próprias fraquezas não venham ao caso. Somente cultivando líderes poderão as nossas igrejas e nossas sociedades missionárias, nossos negócios e nossas instituições de ensino, quebrar o molde de meros sistemas passivos de respostas e adaptar-se às exigências do presente. Só então serão uma força dinâmica, criativa, com visão para o futuro. A necessidade, portanto, é de líderes que dêem oportunidade às pessoas de explorar suas próprias capacidades, lutando por criar novas possibilidades para si próprios e para outros.

Em segundo lugar, há necessidade de líderes cristãos abertos à direção do Senhor. Precisamos sintonizar nossos sentidos com a direção de Deus (ver Neemias 7:5). Os grandes homens dos séculos

reconheceram a importância de buscar a direção de Deus, não apenas nas grandes coisas da vida, mas nas pequeninas também. George Washington Carver foi um desses. Certa ocasião ele disse: "Ninguém precisa estar sem direção no meio das perplexidades desta vida. Não nos é dito claramente: 'Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas'?" Era costume do Dr. Carver levantar-se às 4:00 da manhã todos os dias para buscar o que Deus queria de sua vida. Ao comentar este hábito, ele disse: "Não há nenhuma outra hora em que eu tenha compreensão tão aguçada daquilo que Deus pretende fazer comigo do que nessas horas em que as demais pessoas ainda estão dormindo." Nesta prática aparentemente simples, vemos o segredo de seu sucesso fenomenal.

Em seguida, há a importância de liderança espiritual adequada. A desobediência e aderência a doutrinas falhas (e a subseqüente erosão de princípios morais) é a principal razão pelas condições atuais de nossa sociedade. Como sempre, lassidão espiritual começa nos nossos seminários e alastra nos púlpitos. Começa com aqueles que prestam pouco mais que "culto dos lábios" a Cristo como Cabeça da Igreja, acomodam-se quanto a doutrinas importantes como a autoridade da Palavra, e falham sistematicamente em ensinar as Escrituras àqueles que estão sob seu ministério. O de que hoje precisamos é de homens nos nossos seminários e nos nossos púlpitos, profundamente alicerçados na Bíblia e na teologia, que declararão com fidelidade "todo o conselho de Deus" (Atos 20:27). O maior perigo vem dos que são sincretistas em suas crenças e não mais capazes de expor a Bíblia com poder e discernimento. Eles deveriam ser tirados do ministério, não importa se são mestres ou pregadores.

Finalmente, do exemplo de Neemias vemos a necessidade de sustentar adequadamente a obra do Senhor. Muitos bons homens de Deus, evangélicos, que servem como pastores ou nos campos missionários, e muitas instituições excelentes que honram a Deus, sofrem dificuldades econômicas contínuas porque os crentes não mantêm a obra adequadamente. Agora, mais que nunca, os crentes devem sustentar as organizações cristãs e, através de suas ofertas, avançar a causa de Cristo.

CAPÍTULO 12

Recarregando as Baterias

Neemias 7:73b—8:18

Alguns anos atrás, um artigo intitulado "O Escândalo do Analfabetismo Bíblico" surpreendeu os leitores da revista *Christianity Today.* O autor, Dr. Richard Lyon Morgan, deu os resultados de um teste dado a primeiranistas de uma faculdade ligada a uma igreja. As perguntas feitas eram elementares, tais como "Onde Jesus nasceu?" "Qual é o primeiro evangelho?" "Diga o nome de algumas cartas de Paulo", etc. A nota média destes alunos foi que acertaram 10%, e a nota mais alta, 34%.

"Os resultados deste teste", disse o Dr. Morgan, "não refletem de modo algum as capacidades intelectuais destes estudantes, pois todos haviam passado as muitas seleções que teriam impedido os não-qualificados de entrar na faculdade. *Mas os resultados mostram uma verdadeira crise no ensino da Bíblia no lar e na igreja.* E esse analfabetismo bíblico não se restringe a estudantes universitários. . . Apesar de todos os sinais externos. . . existe uma 'fome por ouvir a Palavra de Deus' ".[1]

Muitas pessoas—pessoas cristãs—não entendem o lugar e a importância da Bíblia em sua vida diária. São espiritualmente ignorantes da provisão que Deus tem para elas. Mas como pode o conhecimento da Bíblia fazer diferença na vida de uma pessoa? Quais os passos que podem ser dados para transformar essa negligência de uma vida toda?

A verdadeira renovação espiritual só vem quando indivíduos saem de seu langor religioso e sua apatia moral para com Deus, em arrependimento e fé. Envolve submissão à autoridade das Escrituras. Veremos no capítulo 8 de Neemias como tudo isso pode tornar-se parte de nossa experiência.

O Problema da Liberdade

Com o muro da cidade construído e dados os primeiros passos para a consolidação, Deus interrompe a obra. O povo não está pronto para governar-se. Se lhes for permitido continuar como estão, eles acabarão falhando. Existem traidores na cidade. A intriga é constante. E há necessidade de um fundamento sólido, se pretendem construir

para o futuro.[2] Eles precisam de uma renovação espiritual que estabeleça um sentido de comunidade, ou *koinonia*, entre eles.

Daniel Webster enfatizou a importância de um fundamento certo em que estabelecer uma nova sociedade. Observando as tendências da história ele ressaltou que "Não existe base sólida para a civilização exceto na Palavra de Deus. Se vivermos segundo os princípios ensinados pela Bíblia, nosso país continuará a prosperar. . . A Bíblia é um livro. . . que ensina ao homem sua responsabilidade individual, sua dignidade própria, e sua igualdade para com o próximo".

Os israelitas têm de estar bem com Deus se quiserem prosperar como nação. Seu interesse em realidades espirituais leva-os a pedir a Esdras que lhes leia a Lei. O desejo vem de três coisas aparentemente não relacionadas: o ministério de ensino persistente de Esdras (Esdras 7:10); o exemplo inspirador de Neemias; e uma consciência renovada da justiça que Deus requer. Esta consciência pode ter vindo quando aqueles que não puderam provar sua genealogia foram tirados do sacerdócio (Neemias 7:61-65). Conseqüentemente, quando chega o sétimo mês (Tisri)[3], os filhos de Israel deixam suas cidades e viajam até Jerusalém. Lá eles se ajuntam "como um só homem, na praça, diante da Porta das Águas; e disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da lei de Moisés, que o Senhor tinha prescrito a Israel", para ler-lhes o Livro. Neste ato, eles demonstram sua fome espiritual da Palavra de Deus.

A Busca da Liberdade

Enquanto eles se reúnem diante da Porta das Águas, Esdras sobe num púlpito feito especialmente para a ocasião (ver Levítico 23:24; Deuteronômio 31:10-13). Ele está acompanhado de treze sacerdotes.[4] Antes de ler a Lei, ele os dirige em oração. Invoca a bênção de Deus sobre os presentes, e eles respondem "Amém! Amém! levantando as mãos; inclinaram-se e adoraram ao Senhor com o rosto em terra".

Nessas ações vislumbramos o desejo dos seus corações. Estão cônscios de sua necessidade e se unem prontamente a Esdras em oração para que o Senhor seja gracioso para com eles. Durante a oração de Esdras, toda a congregação levanta com braços erguidos e palmas viradas para o céu. Este tem sido tradicionalmente o modo judaico de dizer: "Senhor, estou de mãos vazias. Nada tenho. Tudo de que preciso vem de ti."

Dirigindo o povo em oração, Esdras prepara-lhes o coração para o que sucederá. Ele aguça as esperanças lembrando-lhes a fidelidade do seu Deus que guarda as alianças. Enquanto eles se inclinam e adoram ao Senhor, demonstram por estes atos sua submissão à sua autoridade.

Terminada a oração, Esdras abre o rolo e lê à congregação de "homens como de mulheres, e de todos os que eram capazes de entender o que ouviam". Outras religiões consideravam as mulheres e crianças como não tendo significado. Somente no Judaísmo e no Cristianismo é que são tratadas com dignidade e respeito.

Há muitos estudiosos da Bíblia que acreditam que Esdras leu do livro de Deuteronômio. A reação do povo enquadra-se no seu contexto. Mas pode ser que Esdras tivesse lido seleções de toda a Tora (ou seja, os primeiros cinco livros da Bíblia).[5] Ele lê a palavra claramente e os levitas explicam o texto ao povo.[6] As palavras da Lei são entendidas por todos os que a ouvem e sua resposta se demonstra em suas *mentes*, suas *emoções* e suas *volições*.

Existe, quanto a isso, um paralelo entre o tempo de Esdras e o nosso. Hoje a igreja falha porque seus ministros consagrados falharam em ensinar a Palavra (2 Timóteo 4:2). Quando C. H. Spurgeon foi para Londres, descobriu que "o povo estava tão faminto, que uma migalha do evangelho era uma festa para eles". Ele começou a fazer *exposição* das Escrituras. Ocorreu uma surpreendente obra do Senhor. Semana após semana, pessoas iam sendo salvas, sem necessidade de um evangelista. Anos mais tarde, quando Spurgeon morreu, dizia-se dos membros de sua congregação, que eles conheciam melhor a Bíblia do que os teólogos. A chave do sucesso de Spurgeon estava na exposição da Palavra de Deus. Ele a ensinou; o povo a ouviu e aplicou-a a suas vidas (Tiago 1:21-25). O resultado foi um movimento contínuo do Espírito no seu meio.

Os Privilégios da Liberdade

A renovação espiritual do povo de Judá começa com um desafio à mente (Neemias 8:1-8). Continua no efeito que exerce sobre suas emoções (8:9-12). Estando sob o ensino da Lei, o povo agora compara sua conduta com o padrão apresentado na Palavra. Eles se conscientizam do pecado. Percebem quão longe estão do padrão de Deus (ver Salmo 119:130; Romanos 3:20). Há convicção nos seus corações e expressam sua contrição chorando perante o Senhor.

As festas no culto de Israel eram ocasiões de regozijo (ver Deuteronômio 12:7, 12, 18; 14:26; 16:11, 14; Zacarias 8:19). Tinham o intuito de dar glória ao Senhor. Neemias[7], Esdras e os levitas lembram-lhes isto e os instruem a envolverem-se em atos de hospitalidade (Deuteronômio 16:11, 14; 26:12; 1 Samuel 9:13; 2 Samuel 6:19). "Ide, comei carnes gordas (Levítico 2:1-3; 6:21), tomai bebidas doces e enviai porções aos que não têm nada (Deuteronômio 14:29; 16:10; 26:12); porque este dia é consagrado ao Senhor; portanto não

A BASE DA RENOVAÇÃO ESPIRITUAL

		LEITURA DA PALAVRA Neemias 7:73b — 8:8a		
INTELECTO	APELO À MENTE	*Fome da Palavra*	*Método Empregado*	*Tempo*
	Pedido do povo	Todo o povo junto Esdras lê a Lei Homens e mulheres em pé Líderes dão exemplo	Escribas em pé Explicaram claramente Deram o sentido Fizeram o povo entender	7º mês 1º dia 7:73 — 8:8a
	Ministério de Esdras	*Propagação da Palavra*	*O Tempo*	
		Ajuntaram-se Em pé desde cedo até meio-dia	1º dia, 7º mês	1º dia Festa das Semanas
	Desafio à Mente	Atenciosos Todos em pé—propósito único Ergueram as mãos	Cedo de manhã até meio-dia	
	Resposta da Mente	*Guardaram a Palavra*	*O Lugar*	
		Ouviram com entendimento	Praça fora do templo, porta das águas	
		EXPLICAÇÃO DA PALAVRA Neemias 8:8b		
SENTIMENTOS		EXORTAÇÃO DA PALAVRA Neemias 8:9-12		
	EFEITO NAS EMOÇÕES	*Resposta à Palavra*		
	Resultado da convicção	Reação natural 8:9 Emoções (culpa) — choro		
	Mudança de disposição	Reação certa 8:10 Alegria Resultado: *Força* 8:10		
VONTADE	DESAFIO À VONTADE	OBEDIÊNCIA À PALAVRA Neemias 8:13-18		
	Descoberta da Palavra	*Submissão à Palavra* O modelo para submissão 8:13-15, 18		
	Instrução na Palavra	Implementação da submissão povo se ajuntou e entendeu v. 13 acharam e publicaram v. 14		Segundo dia 8:13
	Obediência à Palavra	foram e se juntaram v. 16 fizeram barracas e se sentaram v. 17 leram a Palavra Resultado: *HOUVE MUI GRANDE ALEGRIA*		(Total 1 semana, 8:18)

vos entristeçais, *porque a alegria do Senhor é a vossa força.*" Nesta declaração temos a essência da experiência espiritual. É possível absorvermo-nos de tal forma com nossas falhas e nossos fracassos que não temos saúde espiritual. "O principal fim do homem é glorificar a Deus e deleitar-se nele para sempre." Em vez de ser introspectivo e egocêntrico, o homem deve estar voltado para os outros (ver Tiago 1:27). Quando nos interessamos pelo próximo, começamos a experimentar verdadeira alegria.

A alegria não é "algo" intangível e separado da realidade. A alegria é parte vital da nossa experiência quando nos regozijamos por nos encontrar perante o Senhor. Isto ocorre enquanto aprendemos mais

sobre o que ele tem feito por nós e entramos na *realidade* do que significa pertencer a ele e ser aceito por ele. Quando isso acontece, experimentamos verdadeira alegria. Dali por diante nosso trabalho caracteriza-se por esquecermo-nos de nós mesmos. Agora estamos capacitados a viver para sua glória.

O povo dos dias de Neemias experimentou a alegria porque mais uma vez o Senhor se tornou centro de suas vidas. Eles sentem segurança em sua relação com ele. Isto dá-lhes sentimento de bem-estar, proteção, cuidado, e liberdade de preocupações. Cônscios disso, tornam-se cônscios de seu valor. Com sua bênção sobre eles, estão capacitados para enfrentar o futuro. O resultado é força (1 Crônicas 16:27), e sua resposta natural é de obediência à vontade de Deus. Eles vão para casa "a comer, a beber, a enviar porções e a regozijar-se grandemente, *porque eles tinham entendido as palavras que lhes foram explicadas*".

A Perpetuação da Liberdade

Embora a renovação espiritual comece com um conhecimento da Palavra e tenha o propósito de agir sobre nossas emoções, não terá efeito duradouro a não ser que afete a nossa vontade. No último parágrafo descrevemos o desejo do povo de conhecer e fazer a vontade do Senhor (Neemias 8:13-18).

No segundo dia, os cabeças das famílias se ajuntaram e pediram a Esdras que os instruísse mais na Lei do Senhor[8]. Enquanto Esdras lê para eles, descobrem que não têm guardado a festa dos tabernáculos (das cabanas) durante o sétimo mês. Resolvem remediar a omissão. A decisão de guardar a festa mostra sua submissão à autoridade da Palavra de Deus[9].

Além do mais, o desejo dos judeus de aprender mais da Lei demonstra-se pelo fato de que pedem a Esdras que faça leituras bíblicas *diárias*. Com tamanha sinceridade, não é de espantar que se manifeste um espírito novo. Através desta experiência o povo fica preparado para governar a si próprio.

A experiência dos judeus ressalta uma das razões pelas quais precisamos expor-nos continuamente ao ensino da Palavra de Deus. Tantas novas idéias transitam pelas nossas mentes a cada dia que verdades essencialmente importantes caem no esquecimento. Quando nos esquecemos dos absolutos de Deus, falta-nos discernimento necessário para enfrentar diferentes espécies de situações. Ao expor-nos continuamente ao ensino da Palavra, somos lembrados dos princípios bíblicos que devem governar nossas vidas.

A importância de princípios espirituais na vida de qualquer povo

foi ressaltada por William McKinley. Ele mostrou que "Quanto mais profundamente estudamos este Livro Maravilhoso [a Bíblia], e quanto mais observamos seus preceitos divinos, tanto mais nos tornamos melhores cidadãos e será mais alto o destino de nossa nação".

A Base da Unidade

O efeito da Bíblia sobre o povo de Israel não é difícil de traçar. Oferece uma base para unidade verdadeira. O povo é unido no seu desejo de aprender mais da Palavra do Senhor. Todas as classes estão incluídas. Esta unidade de propósito não apenas os torna mais próximos, como também os coloca numa posição em que Deus os pode abençoar. Eles se unem em demonstrar respeito pela Lei; a obediência traz consigo um senso de comunidade. Enquanto antes eles não estiveram preparados para governarem a si mesmos, porque eram desunidos, o espírito de renovação começa a curar essas divisões. Enquanto o povo aprende mais da Lei de Deus, a identidade nacional é fortalecida.[10]

Há hoje muita conversa sobre "unidade" da igreja. Grupos de igrejas estão-se unindo na esperança de com isso ganhar força. A Bíblia enfatiza a união dos crentes, mas nunca de igrejas e de denominações. Além do mais, aqueles que advogam o ecumenismo estabelecem a base de unidade sobre o mais baixo denominador comum—somente às crenças às quais todos os participantes podem subscrever. O resultado é erosão da autoridade da revelação de Deus ao homem e o pôr de lado muitas das doutrinas cardeais da fé cristã.

No Novo Testamento, o senso de unidade é expresso pela palavra *koinonia*. Isto significa um espírito de compartilhar, de comunhão, de unicidade. É um laço que une crentes uns aos outros. Este senso comunitário baseia-se numa semelhança de natureza (2 Pedro 1:4). Ajuda-nos a viver juntos em harmonia por causa de um verdadeiro sentimento de amor uns pelos outros (João 13:34 e seguintes; 15:12). O resultado prático desta comunhão se demonstra no cristão forte levar as cargas do mais fraco (Romanos 1:4; 1 Coríntios 8). Esta unidade *não* se estabelece sobre o mais baixo denominador comum (ou seja, os pontos mínimos de doutrina sobre os quais todos possam concordar). Pelo contrário, Cristo é honrado como Senhor, e a submissão é à autoridade de Deus como Pai. A unidade de fé a que a Bíblia se refere permite diversidade sem divisão, e uniformidade sem conformidade controlada. A Palavra de Deus torna-se nossa autoridade e influencia nossas práticas comerciais e nossa conduta social. Até onde seguimos o ensino da Bíblia, somos capazes de gozar as bênçãos de Deus sobre nossas vidas.

As bênçãos dessa espécie de comunhão são muitas. Além da comunhão pessoal e corporal (do Corpo todo) com o Pai (1 João 1:3, 6), e com o Filho (1 Coríntios 1:9), há também comunhão nos sofrimentos de Cristo (Filipenses 3:10) e o Espírito Santo, que nos guia em toda a verdade (2 Coríntios 13:14; Filipenses 2:1), dá-nos poder para toda tarefa e age como árbitro em nossas almas quando enfrentamos decisões e não sabemos o que fazer.

Como podemos apossar-nos destas bênçãos? Submetendo-nos inteiramente ao ensino da Palavra de Deus, e permitindo que as Escrituras permeiem nossos pensamentos, regulem nossas emoções, e dirijam nossa vontade. Somente enquanto praticamos aquilo que se ensina na Bíblia é que podemos ter o bem-estar espiritual, mental e emocional como parte de nossa experiência. O capítulo 8 de Neemias explica-nos como se *atinge* isto: O capítulo 9 descreve-nos como se *mantém*.

CAPÍTULO 13

Lições da História

Neemias 9

Ao perscrutar as estradas da história, vemo-las cheias dos destroços das nações que se esqueceram de Deus. Desde os mais remotos tempos até o presente não há documento de nenhuma civilização que mantivesse a fibra moral sem um fundamento religioso adequado. Tudo isso ressalta a importância da renovação espiritual dos judeus em Judá. Sem um compromisso firme religioso eles não estariam prontos para se governarem.

Em Neemias 8 vimos como o espírito renovador começou com fome da Palavra. Quando a Lei foi lida, produziu uma profunda convicção da necessidade nos corações dos que ouviram. O povo arrependeu-se de seus pecados e submeteu-se ao Senhor. Veio então o dia da expiação, e mais tarde, a festa dos tabernáculos. No segundo dia após a festa dos tabernáculos, os israelitas se ajuntaram em assembléia solene. Seus líderes estavam ansiosos por conservar os resultados do despertamento espiritual que ocorrera.

Não é difícil entendermos esta moção por parte dos líderes. Todos nós temos estado em situações em que sentimos a operação do Espírito de Deus em nossa vida. Se deixássemos portanto, de aproveitar plenamente da experiência, com o passar do tempo nosso entusiasmo espiritual diminuiria e voltaríamos ao nosso estado original. Esdras e os levitas evidentemente sabiam dessa falha humana tão bem quanto nós. Portanto, eles tomaram medidas para trazer o povo a uma posição de renovada dedicação ao Senhor. Este procedimento é descrito nos capítulos 9 e 10 de Neemias. Estes capítulos formam uma unidade. O capítulo 9 relata a história dos israelitas e oferece um prelúdio propício à assinatura da aliança no capítulo 10. O capítulo 9 divide-se em três partes principais.

O segmento principal, que trata dos versículos 5-31, revê o programa de redenção desde o tempo de Adão até o cativeiro babilônico. Contém quatro partes: da criação a Abraão (5-8); do cativeiro ao Mar Vermelho (9-15); das peregrinações no deserto à possessão da terra (16-25); e dos juízes até o cativeiro (26-31).

PREPARAÇÃO DO POVO 1-4	ORAÇÃO PELO POVO 5-31	PROMESSA DO POVO 32-38
Condições Cumpridas	A Graça de Deus é exaltada; O pecado do homem é exposto	Aliança Renovada

O Senso Histórico

"No dia vinte e quatro deste mês[1], os filhos de Israel se ajuntaram com jejum e pano de saco, e traziam terra sobre si. Os da linhagem de Israel se apartaram de todos os estranhos, puseram-se em pé, e fizeram confissão dos seus pecados e das iniqüidades de seus pais. Levantando-se no seu lugar, leram no livro da lei do Senhor seu Deus uma quarta parte do dia; em outra quarta parte dele fizeram confissão, e adoraram ao Senhor seu Deus."

Quando os israelitas se juntaram perante o Senhor, deram evidência de sua contrição. Sua abstinência dá testemunho da sua devoção, enquanto o pano de saco simboliza seu arrependimento interno e a terra sobre si (ou cinza sobre suas cabeças) mostra ainda a tristeza de coração (ver 1 Samuel 4:12; 2 Samuel 13:19). Em vista do fato de que esta é uma assembléia solene, os estrangeiros que não se tenham convertido ao Judaísmo não têm permissão de entrar.

Por três horas os israelitas, de pé, ouvem a explicação da Palavra. Mais três horas são gastas em adoração. Com este preparo, o povo está pronto a ser dirigido pelos levitas em oração. Porque estiveram ajoelhados com a cabeça abaixada entre os joelhos, os levitas instruem-nos a ficar em pé: "Levantai-vos, bendizei ao Senhor vosso Deus de eternidade em eternidade."

Deve ter sido coisa impressionante de se ver. Os israelitas eram numericamente inferiores aos seus inimigos. Mas sua fé tinha sido despertada pelas promessas de Deus. O exemplo que deram deve encorajar os cristãos evangélicos que podem ser tentados a pensar de si mesmos como uma minoria inferior e relativamente insignificante. A nós, como aos israelitas do passado, vem a segurança de que a oração é poder maior do que toda combinação de forças possíveis feitas pelo homem. Ela nos coloca em contato com Deus, e nos

capacita a receber de seus infinitos recursos.

A Escolha da Vida

Os levitas começam sua oração com adoração. Contemplam a majestade de Deus, exaltam o seu poder, e descrevem os seus graciosos feitos em favor de seu povo.

Tendo isto como base, os presentes são levados a considerar o *exemplo* de Abraão. O Senhor chamou a Abraão da terra dos caldeus e o conduziu à terra da promessa. Para confirmar sua palavra a Abraão, Deus fez com ele aliança (Gênesis 12:1-3, etc.).[2] Esta aliança prometeu-lhe e aos seus descendentes bênçãos pessoais, nacionais e universais. Suas provisões, porém, pareciam longe da experiência atual daqueles que naquele exato momento estavam invocando o auxílio de Deus. A disparidade entre sua promessa e a experiência deles poderia naturalmente fazê-los perguntar: "Se o Senhor pôde abençoar a Abraão e cumprir sua aliança com ele, o que devemos fazer para gozarmos de bênção semelhante?"[3] A resposta a esta pergunta encontra-se no *exemplo* de seu antepassado. Ele obedeceu ao Senhor (ver Gênesis 26:5). Ele respondeu com obediência sempre que Deus lhe revelava sua vontade. Voluntariamente deixou a terra onde nasceu e viajou para uma terra estranha que nunca antes vira. Ele viveu a vida toda em submissão à vontade do Senhor (Neemias 9:8). Seu exemplo oferece a base para estímulo dos habitantes de Jerusalém. Eles estão plenamente cônscios de sua subserviência aos persas (9:36-38). Porém, Deus ainda é o mesmo. Ele não mudou. A obediência continua sendo o passaporte para a bênção.

Os levitas concluem dignamente esta parte de sua oração afirmando a justiça de Deus. Em razão de seu caráter imutável, eles sabem que ele julgará com justiça o seu povo. Se eles se arrependerem e vierem a ele com fé, uma vez mais ele se revelará forte em seu favor (ver 2 Crônicas 7:14; 15:2).

Imagens que Ficam

Em sua oração, os levitas passam a considerar o próximo período da história de Israel. Eles lembram os eventos do cativeiro no Egito até a libertação sob Moisés. Com isso, falam da grandiosidade de Deus. Lembram ao povo a compaixão de Deus e relatam como ele quebrou o poder de Faraó, o monarca mais poderoso da época. Reiteram como ele constituiu deles uma nação no Monte Sinai, dirigindo-os pela sua graça no deserto sem estradas, e provendo amplamente para suas necessidades.

Considerando que Abraão foi exemplo para os israelitas, esta

lembrança do passado serve para *encorajá*-los quanto ao futuro. Todos os atos de Deus são sinais de sua bondade para com eles. O que é necessário, portanto, é que voltem às ordenanças justas, às leis verdadeiras, e aos bons estatutos que ele lhes deu—o fundamento básico sem o qual uma nação não poderá prosperar (Provérbios 14:3).

Ao lembrar ao povo de Deus os seus gloriosos feitos no passado, os levitas suscitam uma necessidade nos seus corações. Eles comparam sua condição atual com aquilo que Deus planejou para eles, e ao refletirem sobre como Deus ajudou a seus pais, começam a ter esperança para o futuro.

Brincadeiras com Deus

Os levitas continuam sua oração descrevendo a ingratidão, rebeldia, e o desrespeito proposital da Lei de Deus, que caracterizaram aqueles que se estabeleceram na terra. Deus, porém, não abandonou o seu povo. Ele continuou agindo com eles com base em sua fidelidade.

Enquanto os judeus ouvem a lembrança da perseverança longânima de Deus, eles têm ocasião para pensar em como seus ancestrais repudiaram a aliança.[4] A história de seu povo serve para *admoestá*-los das conseqüências do esquecimento e da desobediência. Eles vêem como foi fácil aos seus antepassados afastarem-se do Senhor, e são lembrados de que aqueles que não aprendem as lições da história são *condenados a repeti-las sempre.*

Apesar da infidelidade de seus antepassados, os judeus vêem prontamente provas da fidelidade contínua de Deus para com eles. Ele deu-lhes vitórias e proveu-lhes uma herança na terra de Canaã. Enquanto os levitas recriam nas mentes dos israelitas os eventos, eles falam de modo poético das bênçãos materiais que seus pais gozaram. Capturaram cidades fortificadas, possuíram casas cheias de boas coisas. Beberam de cisternas que não cavaram, e comeram de vinhas que não plantaram. Eles se deleitaram em toda a bondade de Deus.

Bloqueios à Renovação

Infelizmente, a conquista da terra nunca foi satisfatoriamente completada. O problema sempre foi uma falha em confiar no Senhor e obedecer aos seus mandados. Também falharam em aprender dos erros passados. Pecados de omissão como também de comissão eram continuamente repetidos. Prevalecia um modelo de desobediência voluntária e de arrogância. Os israelitas, porém, descobriram que toda vez que a história se repetia, o preço subia. Porque jogaram às traças a Lei do Senhor, mataram os profetas que ele lhes enviou, e

cometeram atos de desprezo a ele, foram entregues nas mãos dos opressores. Nações inimigas saquearam suas terras e foram instrumentos de Deus para *discipliná*-los. Quando se arrependiam, ele os livrava graciosamente. Por algum tempo, andavam perante o Senhor, mas com a morte do libertador começava novo ciclo de apostasia e opressão. Mais uma vez os filhos de Israel teriam de aprender que a desobediência apenas rouba-nos o melhor de Deus.

Depois do período dos juízes, veio a monarquia. Saul, Davi e Salomão reinaram sucessivamente sobre a nação. Seus reinos passaram sem comentários. Quando o reino foi dividido, as tribos do norte duraram um período de 260 anos antes de serem levadas ao cativeiro pelos assírios. As tribos do sul continuaram ainda mais 135 anos, mas foram finalmente deportadas pelos babilônios. Só pela graça de Deus e por sua compaixão é que não foram totalmente consumidos. Então, em sua graciosa bondade, ele os restaurou à terra prometida. O Templo foi reconstruído, e eles próprios restauraram os muros.

Esta recordação da história nacional dá a cada judeu o estímulo de um exemplo nobre, o encorajamento do que Deus fez no passado, as terríveis conseqüências da ingratidão, e a inevitabilidade do castigo se o pecado continua não confessado. Porém, mais importante de tudo, existe esperança para o futuro—esperança baseada no caráter imutável de Deus. Eles vêem no presente um produto do passado e a semente do futuro. Sua esperança agora é que o conhecimento de eventos passados os ajude a evitar o mal e seguir o bem (1 Coríntios 10:6, 11).

Os levitas chegam agora à súplica. Mostram *esperança* para o futuro. Baseiam seu pedido no caráter imutável de Deus e apelam para ele que os ajude em seus problemas atuais. Começam contemplando a natureza daquele com quem têm de acertar contas. Ele é grande e poderoso, terrível e imenso em poder (Neemias 9:9-11); sua fidelidade está acima de qualquer suspeita (9:17b-25), e sua compaixão não tem limites (9:27-31). Eles invocam o seu auxílio.

A oração dos levitas leva o povo naturalmente a uma nova entrega de si mesmos àquele cujo favor buscam. Há na sua atitude o desejo de uma nova relação com este Deus que guarda as alianças. Só isto satisfará seus desejos espirituais e trará frutos às suas esperanças como nação. Portanto, eles resolvem fazer uma declaração solene, por escrito, selada com as assinaturas dos líderes do povo.[5] Desta forma esperam conservar o despertamento do Espírito que experimentaram, e consolidar o que atingiram nas últimas poucas semanas.

Em Busca de um Futuro Utilizável

Patrick Henry atestou a importância da História, dizendo: "Não tenho luz para iluminar o caminho do futuro salvo aquela que está sobre meus ombros vinda do passado." O conhecimento da história dá-nos uma perspectiva sobre os problemas da atualidade. Com a história podemos aprender através dos exemplos dos que nos precederam. Como disse Longfellow, poeta norte-americano:

> As vidas dos grandes homens todas lembram
> Que nós podemos fazer sublimes nossas vidas,
> E, ao partir, deixar atrás de nós,
> Rastros sobre as areias do tempo.

A história anima-nos ao lembrar tudo o que Deus tem feito na vida dos outros. "Todos nós andamos nos passos de homens ilustres", e de suas experiências aprendemos os benefícios da piedade e as tristes conseqüências dos desvios espirituais. A história também nos ajuda a evitar os erros e as práticas falsas dos homens e das nações. Isto é especialmente verdade quanto à história bíblica (ver 1 Coríntios 10:6, 11). Por exemplo, os filhos de Israel podiam recordar o período dos juízes e ver o ciclo que sempre voltava de afastamento do Senhor, disciplina, arrependimento, livramento (ver Romanos 15:4). Vistos nesta luz, são óbvios os benefícios da justiça, integridade e moralidade.

Em segundo lugar, a história do homem e sua capacidade de gozar a vida—como indivíduo e também como nação—está intimamente ligada à sua conformidade com a vontade de Deus. Depois de observar o testemunho dos séculos, Daniel Webster comentou: "Se vivermos segundo os princípios ensinados na Bíblia, nosso país continuará a prosperar, mas se nós e nossa posteridade negligenciarmos sua instrução e autoridade, nenhum homem poderá dizer quão repentinamente pode uma catástrofe vencer-nos e enterrar nossa glória na obscuridade profunda." (Ver Provérbios 10:22.) Não existe substituto adequado para a piedade.

Em terceiro lugar, do estudo de Neemias 9, podemos ganhar coragem por saber que Deus está ativo na história. Às vezes somos tentados a duvidar de sua atuação ou seu envolvimento. Os israelitas certamente nem sempre estavam cônscios de seu cuidado amoroso. Mas isto não significa que ele não estivesse operando por trás dos bastidores (compare Habacuque 1:5 e seguintes). Observando a atividade de Deus no passado, eles vieram a saber mais de sua obra no presente. Aprenderam de sua *majestade* quando ouviram falar de

Deus como "o Deus grande, poderoso e temível". Aprenderam mais de sua *fidelidade* por ele guardar a aliança com eles apesar de sua infidelidade. E experimentaram um reavivamento da *esperança* quando contemplaram a sua *compaixão*.

Porque Deus é o mesmo "ontem, e hoje e eternamente" (Hebreus 13:8), nós também podemos ter confiança ao nos aproximarmos dele. Podemos ter vivificada a nossa fé enquanto pensamos nas nossas falhas passadas e buscamos seu auxílio para o futuro. Até onde estivermos dispostos a aceitar sua vontade para nossas vidas, até esse ponto podemos esperar a sua bênção.

Um exame bíblico da história não fará de nós nem otimistas demais nem pessimistas demais. Dá-nos confiança para enfrentarmos o amanhã. Vemos os triunfos do homem para Deus e também observamos os esforços daqueles cujas vidas produziram poucos resultados palpáveis. Quando contrastamos isto com o contínuo conflito entre o bem e o mal e a tendência de descer cada vez mais cada civilização desde Caim (Gênesis 4:16 e seguintes), esse contraste faz-nos aguardar o futuro com realismo. Tal visão corrige o nosso sistema de valores, motiva-nos a uma vida cristã concorde, e torna a volta de Cristo um evento que aguardamos com alegria.

CAPÍTULO 14

Resultados Tangíveis

Neemias 10

Quando o apóstolo Paulo escreveu aos cristãos em Roma, ele os exortou, "pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. . . transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12:1, 2).

A idéia de sacrifício *vivo* é muito interessante. Seu apelo é duplo. Existe um ato inicial de consagração como também a atividade contínua; a crise, como também o processo; o dom dado a Deus como também a vida rendida em serviço.

Também há um grande contraste entre aquilo de que o apóstolo Paulo falou e o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento. Os judeus ofereciam sacrifícios de vítimas recém-mortas perante o altar. Aqui, o sacrifício colocado sobre o altar está vivo. Envolve oferecer a Deus tudo o que temos e tudo o que esperamos ser—para sua glória. Nos tempos do Antigo Testamento, o fogo consumia o sacrifício. Em Romanos 12, Paulo tem em mente o processo purificador que nos leva à maturidade pessoal. Mas existe uma dificuldade—quando as coisas ficam muito quentes, às vezes "descemos do altar" e nos retratamos em nossa entrega. Nossa consagração torna-se incompleta e não crescemos espiritualmente como deveríamos.

Como evitar essa consagração faltosa? A resposta está no capítulo 10 de Neemias.

Em nosso estudo do espírito de renovação que veio espontaneamente aos judeus, vemos que começou com fome da Palavra. Depois, quando o povo estava mais uma vez cônscio de sua posição diante de Deus, os líderes religiosos se movimentaram para conservar os resultados. A moção para preservar o progresso espiritual que haviam atingido começou com uma lembrança do seu passado. Os levitas relembraram a história de falhas passadas e os encorajaram a uma nova entrega ao Senhor. Tudo isso foi feito com vistas a prepará-los para assinar a aliança. Este capítulo contém o documento daqueles que assinaram a aliança (Neemias 10:1-27) e o conteúdo específico da aliança (28-39).

Dinastia dos Consagrados

A aliança que tinha sido redigida (provavelmente por Esdras) é agora voluntariamente aceita pelos chefes da nação (Neemias 9:38). Eles foram preparados para este passo por dois requisitos essenciais: 1) Conhecimento daquilo que Deus requer deles. Isto veio através da leitura da Lei. Eles estão agudamente cônscios do padrão de Deus e de quanto estão aquém deste. 2) O efeito emocional da recapitulação de sua história. Eles vêem claramente como suas falhas passadas fizeram com que eles se encontrassem nas condições presentes. Porém, apesar do castigo de Deus, eles vieram a entender que seu amor ainda os cerca e os protege. Também confessaram seus pecados e agora desejam ratificar o desejo de seus corações. Portanto, resolvem fazer uma aliança[1] com o seu Deus guardador de alianças.

Neemias, o governador, é o primeiro a colocar o seu selo sobre o documento. Embora ele se tenha colocado atrás durante este período de renovação espiritual, agora ele dá um passo à frente e oferece exemplo para que os demais o sigam. O próximo a assinar é Zedequias, que pode ter sido o secretário de Neemias.[2] São seguidos pelos sacerdotes (Neemias 10:2-8), pelos Levitas (10:9-13) e pelos chefes do povo (10:14-27). Finalmente, "o restante do povo. . . e todos os que se tinham separado dos povos de outras terras para a lei de Deus, suas mulheres, seus filhos e suas filhas, todos os que tinham saber e entendimento. . . aderiram a seus irmãos. . . convieram numa imprecação e num juramento de que andariam na Lei de Deus. . . de que guardariam e cumpririam todos os mandamentos do Senhor,

nosso Deus, e os seus juízos e seus estatutos". Isto representa um passo significativo, especialmente se Eliasibe, o sumo sacerdote, que assinou pela casa de Seraías[3], e os demais que se tinham "vendido" a Sambalá e Tobias (ver Neemias 6:10-14) realmente pretendiam viver conforme as condições da aliança. Infelizmente, não temos meios de saber a profundidade da convicção ou a realidade da profissão de alguns desses líderes religiosos (ver Neemias 13:4-8).

O restante do povo segue o exemplo dos chefes das famílias. Eles também se separaram *da* influência contaminadora daqueles que os cercavam *para* a lei do Senhor. Dão o seu apoio àqueles que selam o pergaminho, significando com isso sua aprovação e aceitação voluntária dos termos e das condições da aliança.

A Busca de Ideais

De suma importância é a própria aliança. Há primeiramente a decisão de se submeterem à autoridade das Escrituras (Neemias 10:28-29). Eles sabem que não podem esperar bênçãos de Deus sem obediência à sua Palavra. Também sabem que têm de agir responsavelmente perante ele. Orar pedindo sua bênção e depois fazer o que bem entendem não funciona. Sua própria história demonstra o resultado de lógica tão tola. A desobediência traz inevitavelmente o castigo; e os judeus do tempo de Neemias sentiam que já tinham sofrido bastante. Agora querem a bênção de Deus. Seu primeiro compromisso, portanto, é com a sua Palavra.

Esta decisão geral de se colocar debaixo da autoridade das Escrituras não é penosa (ver Mateus 11:27-30). Ao seguir o ensino do Senhor, suas vidas serão levadas em conformidade com a verdade. A Palavra de Deus será sua carta de alforria, mudará seu sistema de valores e providenciará a base de seu governo.

Desta declaração geral, os israelitas passam a prometer coisas específicas. Resolvem abster-se de casamentos mistos.[4] Finalmente começaram a reconhecer que ao casar com pessoas que não consideram sagradas as coisas que eles julgam importantes, vem um desmoronamento do lar. As diferenças religiosas resultam nos filhos não serem corretamente instruídos no caminho do Senhor (ver Neemias 13:23-29). Isto, por sua vez, mina a sociedade. Quando as realidades espirituais são deixadas de lado, os valores morais deterioram, e a avareza, o egoísmo, e a opressão tornam-se a ordem do dia. Isto leva à desunião e à deterioração da identidade nacional.

A condição que regula o casamento é seguida por uma que ressalta a importância do culto. Os judeus resolvem guardar o sábado, permitir que a terra descanse a cada sete anos, e cancelar todas as

dívidas.[5] Eles também se comprometem a manter o templo e aqueles que ali ministram (Neemias 10:32-39).[6] A casa de Deus é mais uma vez o centro de suas vidas. Eles não apenas farão com que as ofertas requeridas sejam sacrificadas, como também se certificarão de que haja lenha suficiente. Além do mais, a extensão da propriedade do Senhor sobre suas vidas atingirá tudo o que possuem—os filhos, o gado, as colheitas e mesmo o vinho e o azeite novos.

Ao cuidar do dinheiro do templo, o sacerdote deve unir-se a um levita quando os dízimos são recebidos. Desta forma, os dois grupos são representados e os sacerdotes terão garantidas as suas partes.

Finalmente, em nota de grande solenidade, todo o povo afirma que "não desampararíamos a casa de nosso Deus" (Neemias 10:39b). Sem um forte centro religioso, a nação não sobreviverá por muito tempo. Os inimigos são por demais fortes. Eles precisam da espécie de ajuda que vem de um Deus que guarda as alianças, se querem que perdure a sociedade que estão estabelecendo.

Assim, é assinada a aliança.

O Fundamento Imutável

Com este resumo das condições da aliança, a segunda divisão do livro (que contém a instrução espiritual para o povo—Neemias 8 a 10—) chega ao fim. É interessante notar que o movimento que começou com o povo pedindo que fossem instruídos na Palavra de Deus termina com os líderes colocando um sólido fundamento teológico para o futuro.

Mas será que isso era realmente necessário? Por que impor-lhes tais obrigações? Isso não inibiria os leigos, limitando a operação do Espírito?

Nenhuma obra para o Senhor pode prosperar ou ir avante sem entusiasmo. Tradicionalmente este tem vindo dos leigos. Há, porém, necessidade de temperar o zelo com o conhecimento. Sem uma base doutrinária correta poderíamos facilmente cair em excesso de entusiasmo ou alternadamente forçar uma série rígida de regras. A igreja de Corinto foi culpada do primeiro erro, abusando dos dons do Espírito que lhe tinham sido dados. Os judaizantes dentro da igreja primitiva foram culpados do segundo erro, e, se o apóstolo Paulo não lhes tivesse corrigido o ensino falso, talvez a igreja tivesse caído num profundo legalismo. Infelizmente, o excesso de entusiasmo leva freqüentemente ao antinomianismo, enquanto o extremo oposto degenera em fanatismo e dogmas feitos por homens. O movimento por parte dos leigos de Israel precisava da direção de um teólogo bem treinado como Esdras. Os líderes de Jerusalém sabiamente combina-

ram entusiasmo com sã doutrina. O zelo andava junto com o entendimento e o conhecimento tinha ênfase prática por estar aliado ao zelo.

Deve-se ressaltar que o povo aceitou prontamente as condições da aliança (Neemias 10:29). Ao olharmos para a sua posição, vendo de nossa situação especial em Cristo, ficamos surpresos pelo amor que os judeus tinham à Lei, e regozijamos em nossa liberdade de suas restrições penosas. Mas a história da igreja está repleta de documentos daqueles que fizeram alianças com o Senhor. Uma leitura cuidadosa de *The Religious Affections* (Os Afetos Religiosos) de Jonathan Edwards, ou *O Diário de David Brainard* revelará a espécie de obrigações que pessoas devotas tomaram voluntariamente sobre si. Em tempos recentes o Dr. George Sweeting, presidente do Instituto Bíblico Moody, contou sua experiência em *Love is the Greatest* (Amor é o Maior). Neste livro ele relata como certa manhã ficou agudamente cônscio de sua falha pessoal. Ajoelhando-se perante o Senhor, começou a ver-se como nunca antes se tinha visto. Derramou o coração em confissão e súplica. Naquele tempo em que estava alquebrado, jurou jamais permitir que qualquer coisa o impedisse de desenvolver a graça em seu coração e em sua vida. Ele fez do amor de Deus o seu alvo e isso tornou-se tanto o fundamento quanto a superestrutura de sua vida. Agora, neste seu livro diz-nos como nós também podemos gozar esta experiência.

A aliança de Israel com o Senhor contém princípios importantes para nós todos. Em sua própria base estava, nas palavras emprestadas de William Gladstone, "A inexpugnável rocha da Escritura Sagrada". Os judeus estabeleceram sua crença como também sua prática sobre a revelação infalível de Deus. Isto os impediu de sucumbir às teorias falíveis do homem—não importa quão plausíveis pudessem aparentar.

Este compromisso para com as Escrituras como única autoridade digna de fé e prática é exatamente do que precisamos hoje. A autoridade da Bíblia tem sido atacada por "amigos" de dentro da igreja e inimigos de fora. Apesar de todas as críticas, ela permanece como a Palavra escrita de Deus. A todos que a aceitam, torna-se guia seguro e certeiro para todas as variadas contingências da vida. Ao seguir os seus ensinamentos, gozamos muito mais do que poderíamos usufruir de toda a sabedoria do mundo (ver Salmo 119:97 em diante; João 8:32, 36). A Bíblia põe em perspectiva toda a vida. A obediência ao seu ensino torna-se a base da bênção divina, seja sobre o indivíduo, seja sobre a nação. Como o Dr. Merril F. Unger observou: "Um entusiasmo contagiante entre os crentes pela Palavra

de Deus e uma volta à fé e obediência aos seus preceitos farão mais para apontar o caminho para libertação do desespero e da angústia do mundo presente do que todos os planos e tentativas dos homens."

Não podemos negligenciar a Palavra de Deus, assim como os israelitas do tempo de Neemias não podiam. Devemos lê-la com avidez, sempre pensando no seu Autor, na sua mensagem e na sua aplicabilidade em nossa vida diária. E devemos obedecer-lhe diligentemente, vendo cada imperativo como mandamento supremo de Deus.

Ao recordarmos este capítulo, surge um segundo princípio. É a pureza que Deus espera de seu povo. É certo que existe a ação purificadora da Palavra sobre nossas vidas (Salmo 119:9). Mas há também o seu impacto sobre a sociedade. Na resposta dos judeus para com a Palavra, eles se separaram da influência degradante dos idólatras que viviam no seu meio. As práticas religiosas desse povo eram especialmente licenciosas e destruidoras da vida moral da nação. Ao aplicar o princípio de separação à nossa própria situação, devemos lembrar-nos de que "as más conversações corrompem os bons costumes". Conquanto Deus espera que vivamos *no* mundo, ele não quer que sejamos *do* mundo (João 17:4-16; 1 Pedro 1:15-16).

A separação não deve ser, porém, apenas negativa. Os judeus do tempo de Neemias separaram-se daqueles que os cercavam, para a Palavra de Deus. Isto dava uma dimensão positiva àquilo que faziam. Os que demonstraram publicamente seu desejo de viver segundo as condições da aliança tornaram-se a companhia dos consagrados. Podiam gozar de comunhão uns com os outros num nível mais rico e mais recompensador. Podiam edificar uns aos outros e ajudar uns aos outros a crescer na fé. O mesmo princípio se aplica hoje a nós. De fato, é isso que significa a comunhão. Mas esta comunhão não deve ser com as obras infrutíferas das trevas (Efésios 5:11), e sim com o Pai e o Filho e com aqueles cujas vidas são ordenadas pela verdade (1 João 1:3, 5-7).

Em terceiro lugar, os israelitas também sentiram a necessidade de manter o templo e o culto. Os responsáveis pela redação da aliança estavam cônscios do perigo da ignorância moral e espiritual. Viam um forte laço entre o treinamento religioso do povo e sua conduta social, e sabiam que, sem liderança adequada, o povo rapidamente podia voltar a cair em torpor moral e ignorância espiritual. O Templo e o seu culto deveriam tornar-se centro de suas vidas e eles, por sua vez, prometeram manter o culto.

Ser-nos-ia fácil, em nosso ambiente, substituir a igreja local pelo Templo. Mas isso seria um erro teológico e levaria à confusão. O

Novo Testamento diz-nos que nossos corpos (não a igreja local) são o Templo do Espírito Santo (1 Coríntios 3:16-17; 16:19; 2 Coríntios 6:16). Os crentes, individualmente, estão sendo edificados juntos num templo do Senhor (Efésios 2:21-22; 4:15-16; 1 Pedro 2:5). Deus ainda deseja ser o centro de nossas vidas. Agora, porém, ele habita em nós. Em vez de uma adoração externa num santuário material, a adoração agora é interna. É a resposta do coração a Deus (ver João 4:21, 23-24). A igreja local ainda pode ser uma força poderosa para o bem na comunidade, mas não deve ser considerada a versão do Novo Testamento para o santuário do Antigo Testamento.

Mesmo com todas essas bênçãos e provisões, muitos de nós ainda nos preocupamos mais com as *coisas externas* da vida do que com as *realidades internas*. Todo o impacto da dimensão espiritual dos crentes serem templo de Deus parece intangível e difícil de compreender. Porém, quanto mais estudamos o ministério de habitação do Espírito de Deus, tanto melhor compreenderemos o privilégio do qual participam todos os crentes nascidos de novo.

Olhando retrospectivamente esta secção, é gratificante ver o curso tomado quando o povo responde à ação do Espírito de Deus em seu meio. Quando nós também nos entregamos à sua vontade, descobrimos que ele produz em nós a mesma espécie de obediência à Palavra, os mesmos altos padrões morais, a mesma preocupação pelas coisas do Senhor, e o mesmo desejo de cuidar do bem-estar material daqueles que nos dão assistência em lugar de Cristo!

CAPÍTULO 15

O Novo Começo

Neemias 11

Lembra-se da primeira vez em que você e seus amigos fizeram uma casinha numa árvore, ou converteram um barracão de fundo de quintal em "clube secreto"? Você tinha cerca de dez ou onze anos de idade, e estava confiante de que estava certo. E lembra das discussões que tinha—às vezes violentas, sempre em voz alta—quando elegeu o seu primeiro líder, estabeleceu as regras para sócios ("menina não entra") e formalizou os ritos de iniciação?

Naqueles dias, você e seus amigos demonstraram claramente a necessidade de uma organização formal. A eleição de um líder era admitida por todos como necessidade de uma *autoridade,* e essa eleição investiu-o de certo *poder.* Com aquela idade você teria rejeitado qualquer espécie de *controle;* no entanto, as regras sobre as quais vocês concordaram implicavam certas restrições, e o fato de vocês terem concordado sobre as regras mostrava *consentimento.* Então veio a delegação de *responsabilidades*—quem faria tais e tais tarefas. Tudo isso seguido de tardes idílicas em que você e seus amigos se deliciavam em sua autonomia temporária (você tinha de estar em casa até às cinco da tarde).

Naquela época—agora quase esquecida com o passar dos anos—você estabeleceu o fundamento de sua própria administração, ou "governo". De fato, as necessidades que vocês sentiam e procuraram resolver são da mesma espécie que toda a humanidade em todo lugar enfrenta. Nossos instintos sociais fazem-nos andar juntos, em grupos. Sempre que tentamos trabalhar juntos através de uma organização, surge uma forma de governo. Ao estabelecer a administração deve, necessariamente, haver o *consentimento* de todos os envolvidos, a aceitação de *controles,* a extensão e os limites do *poder,* e a outorga recíproca de *autoridade* com a aceitação de *responsabilidade.*

Mas as teorias de governo—sejam de igreja, indústria, clube ou grupo—entram em conflito. As ideologias são contraditórias. O que originalmente foi designado "para o bem comum" torna-se em fome e abuso de poder.

Com toda a confusão que nos cerca, é importante saber o que a Bíblia ensina a respeito do assunto. Quanto a isso, o capítulo 11 de

Neemias fala do estabelecimento de uma nova forma de sociedade. Tudo isso segue naturalmente a construção dos muros (Neemias 1-6) e a instrução espiritual do povo (8 a 10).

Inovação e Organização

O trabalho começado por Neemias quando fez o censo do povo (Neemias 7) agora pode continuar. A baixa população da capital é um grande problema. A cidade é vulnerável e pode facilmente ser tomada pelos inimigos. Os líderes do povo, é claro, moram em Jerusalém. Eles controlam o comércio e a indústria. Mas a maioria do povo vive nas cidades e nos vilarejos afastados.

Em caso de ataque, Jerusalém seria um lugar especialmente perigoso para se viver. Um fazendeiro que vivesse razoavelmente perto da cidade talvez tivesse seus campos saqueados e seu gado roubado, mas ele e a família poderiam, com toda probabilidade, escapar com vida apenas escondendo-se dos invasores. De modo semelhante, as pessoas que viviam em vilas por perto poderiam esconder-se nas montanhas tão logo chegasse um bando de assaltantes à vizinhança. Mas não era assim em Jerusalém. A capital era ponto focal de um ataque. Os que estivessem morando na cidade viam que era um posto de trabalho tanto quanto de perigo. As fortificações exigiam guarda constante e isto colocava responsabilidades adicionais sobre os cidadãos.

Ao planejar o repovoamento de Jerusalém, Neemias poderia ter exigido arbitrariamente que certas famílias vendessem suas fazendas ou seus lares e se mudassem para a cidade. Mas não era este o seu método. A decisão de como efetuar a renovação urbana vem do próprio povo. Alguns dos judeus, agora mais cônscios que nunca de sua herança espiritual, oferecem-se para mudar para a cidade. Esta é uma marca de patriotismo como também de abnegação.

O segundo passo para repovoar a cidade é uma ação pública. Deitaram "sortes para trazer um de dez, que habitasse na santa cidade de Jerusalém, e as nove partes permanecessem em outras cidades". Em vista do censo já feito (Neemias 7), parece que Neemias explicou aos líderes das diferentes cidades e vilas. Eles, por sua vez, devem ter conclamado reuniões comunitárias para discutir o melhor meio de suprir esta necessidade. O povo responde positivamente à essa solução e *eles* encontram um método de repovoar Jerusalém.

A dinâmica interna que está por trás desta decisão é de grande importância. Origina-se no orgulho que cada judeu sente agora que Jerusalém é uma vez mais uma cidade com defesas. O muro em volta da cidade dá um senso de identidade nacional. Com este desperta-

mento do espírito nacionalista, há nova consciência de sua relação com Deus. Eles são o povo da aliança e estão seguros perante ele. Falam de Jerusalém como "a cidade santa" e, lançando sortes, resolvem quem deverá mudar-se para lá. O lançar de sortes mostra sua submissão à vontade do Senhor (Provérbios 16:33).[1]

Na ausência de um rei em Judá, e com a regência de Deus sobre o seu povo através de um representante local (teocrático), prevalece uma forma de democracia. É estabelecida sobre um forte fundamento religioso. Como norma há justiça, eqüidade e igualdade. Como estrutura há uma distribuição de poder com o povo tendo parte nos afazeres da comunidade. Como comportamento há ausência de conflito. Tudo isso tem sua origem na relação do povo com o Senhor e com o seu desejo de fazer a vontade divina.

Modelo e Processo

Desta declaração geral do princípio pelo qual foi feita a renovação urbana de Jerusalém, Neemias nomeia as famílias que farão nova residência. O que poderá a princípio parecer mais uma lista tediosa de nomes, toma novo significado quando consideramos a estrutura política e a administração da cidade. Dois grupos diferentes são mencionados em Neemias 11:4-9. Representam duas tribos separadas. Judá é uma tribo grande, enquanto Benjamim é bem pequena. De fato, desde os tempos do reino dividido, Benjamim tinha sido incluída no reino do sul sob o título "Judá". É natural que sua identidade individual fosse apagada aos poucos. Além do mais, os filhos de Peres têm uma história longa e invejável (Números 26:21; 1 Crônicas 27:3). São admirados e respeitados, e acostumados a ter suas vontades feitas. Por outro lado, os de Benjamim são conhecidos por sua bravura selvagem e coragem na guerra (Gênesis 49:27; Juízes 3:15; 20:16; 1 Crônicas 8:40). Agora que sentem ressurgir o orgulho tribal, não vão gostar que outros lhes ditem os termos. Como então estas facções poderão trabalhar juntas quando cada uma está procurando estabelecer-se num novo ambiente? Como poderão eles ajustar-se uns aos outros?

Toda a questão da administração da cidade complica-se ainda mais pelo fato de que havia apenas algumas semanas Neemias tinha designado novos líderes sobre Jerusalém (Neemias 7:2). Hanani e Hananias quase não tiveram tempo de acomodar-se a seus novos cargos quando estes novatos começaram a chegar. Os novos residentes só podiam aumentar a tensão que estes homens já sentiam.

O versículo 9 do capítulo 11 explica como Neemias resolveu o problema dos novos residentes. Não se sabe se os líderes menciona-

dos foram designados pelo próprio Neemias ou escolhidos pelo povo. Já vimos que Neemias preferia uma forma mais democrática de eleição. Não importa o método pelo qual foram escolhidos, estes homens eram obviamente aceitáveis ao povo. Como Hanani foi colocado sobre a cidade, é provável que Joel seja responsável perante ele, e Judá deve ter sido diretamente subordinado a Hananias, o comandante das forças, ou da fortaleza.[2] De qualquer modo, dois princípios importantes são vistos. Primeiro, ao buscar a felicidade do povo, Neemias claramente baseia sua administração sobre a eqüidade e igualdade; segundo, existe representação adequada do povo através de seus representantes.

Como norma, estes dois grupos (e os indivíduos que os constituem) formam um novo sistema social. Seus líderes estão investidos de autoridade e são responsáveis pelo modo como se desincumbem de seus deveres. Eles avaliam o ânimo do povo e os representam aos seus superiores imediatos.

Estruturalmente, existe subordinação adequada, ou seja, uma cadeia de comando concisa, e uma clara distinção de função de trabalho. Cada homem tem jurisdição sobre seu próprio grupo e cada um é responsável perante seu superior imediato pelo bem-estar daqueles que se encontram sob seu controle. Existe também representação numa base suficientemente larga para que cada grupo sinta que sua voz está sendo ouvida.

Do ponto de vista comportamental, existe ausência das altercações usuais que acompanham uma mudança de famílias em grande escala. Não pode haver dúvida que a realidade de sua experiência religiosa fez com que o povo subordinasse seus próprios desejos pessoais e buscasse o bem dos outros. Voluntariamente deixam de lado suas diferenças pessoais e trabalham juntos para atingir a harmonia e um espírito de grupo certo.

Ritual, Rotina e Rebelião

Um exame posterior deste capítulo mostra que outros grupos escolhem vir a Jerusalém para morar na cidade. Entre estes estão os sacerdotes que servem no Templo (Neemias 11:10-14), os levitas encarregados do trabalho externo da Casa de Deus (11:15-18; 22-24) e os guardas dos portões e servos do templo (11:19-21). Estes grupos já têm seus líderes constituídos, e Neemias trabalha com eles sem escolher representantes de sua própria designação.

Mas deve-se observar que a inclusão destes grupos especializados poderia facilmente significar uma ameaça aos administradores da capital. Os sacerdotes, em virtude de sua posição como líderes

religiosos, já exercem grande influência sobre o povo. Não são especialmente dispostos, ou mesmo leais, ao novo governador. Na ausência de alguma preocupação maior, eles poderiam tender a prestar apenas obediência verbal a ele e seus líderes designados. Sabemos que alguns da família do sumo sacerdote estão mais interessados na economia e em sua prosperidade material do que nas questões espirituais. Estes poderiam facilmente tomar decisões contrárias aos princípios já estabelecidos e os firmados pelo governador (ver por exemplo, Neemias 7:3-4; 13:19-22). Poderiam pressionar a fim de causar agitação pública e gerariam insatisfação com a administração de Neemias.

É interessante notar que, apesar da relação especial de Israel com Deus, Neemias não faz sua administração baseada no sacerdócio. Entidades políticas e religiosas são mantidas separadamente. A herança espiritual de Israel forma a base do seu sistema de governo e regula seus padrões éticos, mas não são os sacerdotes que regem o povo! Neemias estabelece a diferença entre deveres religiosos e seculares, e é suficientemente sábio para usar esta divisão natural ao delegar responsabilidades e dividir a responsabilidade administrativa da cidade. De outro modo apenas atrapalharia o trabalho da consolidação.

O que dizer dos levitas, guardas e outros servos do Templo? São também descendentes de Arão, mas, em contraste com seus irmãos sacerdotes, são responsáveis pelo trabalho *externo* da Casa do Senhor. Sentem-se por isso inferiorizados? Isso levará a ressentimentos fervilhantes que acharão outros canais para se manifestar?

Tudo isso poderia facilitar um sentimento de ameaça a Neemias e seus subordinados, por parte dos recém-chegados.

No lugar de uma democracia secular, Neemias demonstra como uma forma de governo—estabelecida sobre sadios princípios bíblicos—pode e deve operar. As dificuldades que poderiam ter surgido facilmente são evitadas em razão do recente despertamento religioso do povo.

Fonte de Força

Finalmente, ao estabelecer sua nova administração, Neemias demonstra a força interior que deve necessariamente caracterizar todos os administradores bem-sucedidos. Sua confiança está no Senhor. Aqueles que poderiam ter sido uma ameaça à sua segurança não o são em razão de sua fé implícita e sua confiança naquele que o chamou para a obra.

A insegurança surge quando as pessoas, por uma razão ou outra

não conseguem sentir-se como parte de um grupo, sofrem de uma baixa avaliação de seu trabalho, ou não têm confiança em si mesmas. Os cristãos são particularmente vulneráveis a sofrer uma ou várias dessas características. Felizmente, para nós, Deus fez provisão adequada para nossas necessidades. O amor do Pai por nós é tal que ele enviou seu Filho Jesus ao mundo, para que, pela sua morte, pudéssemos ser membros de sua família (João 1:12-14). Como já dissemos, isto nos dá um sentimento de *pertencer*. Quando aceitamos o Senhor Jesus como Salvador, Deus o Pai nos adota como filhos e nos faz, não apenas herdeiros, mas também co-herdeiros com Cristo. Isto nos dá um sentido de *valor*. Na conversão o próprio Espírito Santo vem e habita em nós; com o seu poder operando em nossa vida, somos capacitados para toda tarefa. Isto nos faz *competentes*. E o senso de pertencer, o reconhecimento de nosso valor e o conhecimento da habitação do Espírito Santo nos dão a segurança de que necessitamos no nosso trabalho e nas nossas relações com as pessoas.

Embora Neemias não tivesse toda a compreensão de tudo o que Deus providenciou para nós, ele era interiormente seguro e estava confiante de que o Senhor o auxiliaria a vencer com segurança cada crise.

Administração Inovadora

O capítulo termina com uma recontagem das vilas e cidades que cercavam Jerusalém pertencentes às tribos de Judá e Benjamim. Para o leitor casual, parece mais uma lista de nomes que pode ser omitida. Mas a própria enumeração no final de um capítulo dedicado ao governo político do povo denota mais um princípio importante. A administração de Neemias não era convencional. Ele seguia uma administração de forma descentralizada. Cada cidade, cada vila, era responsável por seu próprio governo. Sua prática contrastava marcadamente com a política estabelecida na época, que enfatizava um forte governo central. Uma autoridade centralizada (como numa monarquia absolutista tal como a de Artaxerxes), numa ditadura, numa oligarquia ou junta militar, em que o poder se concentra numa minoria seleta e em que o controle e as críticas são mínimos, existe um clima propício a rixas e intrigas. Na administração de Neemias, o poder era gerado pelo público através da agregação de suas necessidades políticas. Estas necessidades se tornavam conhecidas aos oficiais designados, através de chefes eleitos por cada grupo. Embora isso possa parecer uma forma primitiva do sistema romano *vox populi, vox Dei* (a voz do povo é a voz de Deus), a administração de Neemias era diferente da romana em que em Judá havia uma forte consagração

aos princípios bíblicos. Construindo sobre um fundamento sólido, ético e religioso, Neemias fundou um estado democrático com autoridade descentralizada. Ele não teria conseguido tanto se Deus não tivesse interrompido sua tentativa anterior de consolidação com um despertamento espiritual entre o povo.

Um forte compromisso religioso é essencial se uma forma democrática de administração quiser obter sucesso. Sem valores espirituais adequados é difícil, se não impossível, guardar a idéia de obrigação e responsabilidade. O individualismo não poderá ser restringido por muito tempo pelo conceito de um chamado que incorpora boas obras e auto-restrição. Quando este controle enfraquece, a legislação toma o lugar das convicções espirituais e torna-se o fundamento da comunidade. E com maior legislação vem um aumento de burocracia com uma diminuição da eficiência e do valor pessoal.

Os princípios empregados por Neemias para governar o povo de Deus aplicam-se a companhias, grupos eclesiásticos, corpos profissionais, clubes, sindicatos, movimentos cooperativos, organizações de ensino e qualquer outra espécie de risco associado. Todos precisam de regulamentação democrática sadia, e os princípios básicos utilizados por Neemias valem a pena ser imitados.

É muito bom para nós (que vemos claramente, porque o vemos depois que aconteceu), concluirmos que até então Neemias foi extremamente bem-sucedido. Sob sua liderança capaz, houve um reavivamento do prestígio nacional. Um povo outrora pisado, agora pode erguer a cabeça e olhar de frente os seus vizinhos. Junto com isso há uma nova consciência espiritual. O povo está certo de sua posição diante de Deus. Está contente pela segurança de pertencer a ele. Com estes imensos ganhos, seria bastante natural um líder congratular-se pelo seu sucesso e acomodar-se a um período de administração relativamente calmo. Mas ainda falta uma coisa: a integração dos que se encontram em Jerusalém num grupo unido. Para que não desprezemos a importância disto, é bom lembrarmos que é neste ponto que falham tantas de nossas igrejas e organizações! As pessoas vêm à procura de calor humano e comunhão, um lugar a que pertencer e um senso de segurança. Porque falhamos em torná-las parte integrante daquilo que está ocorrendo, logo elas nos deixam, muitas vezes sentindo desilusão, desapontamento e piores com a experiência. No próximo capítulo veremos exatamente como os novatos são tratados, fazendo com que se sintam parte de toda a comunidade.

CAPÍTULO 16

Mudança da Maré

Neemias 12:1—13:3

Cada um de nós procura encontrar significado na vida. Precisamos de coesão e a buscamos. Nossa busca vem de um desejo de atingir um ideal. Isto nos leva com freqüência a várias crises, e estas crises ajudam-nos a progredir até à maturidade.

Nos círculos cristãos temos a tendência de enfatizar as crises de nossa experiência e dar pouco valor ao processo que as segue. Por exemplo, temos o jovem que vai a um acampamento cristão. Ele ouve a respeito das reivindicações de Cristo, e entrega a sua vida inteiramente ao Senhor. Sua busca de realidade, seus esforços de encontrar uma base de autoridade, e seu senso interior de valores, são todos mudados. Esta é a crise. Dá-lhe direção e propósito na vida. Mas agora vem o processo. Como resultado de sua experiência, ele tem a identidade buscada. A vida agora tem sentido. Ele começa a crescer em direção à maturidade espiritual.

O que trouxe essa mudança para sua vida? Foi o acampamento? Não. O acampamento foi incidental. A mensagem que ele ouviu e sua resposta a essa mensagem foi que causaram a transformação.

Em Neemias 12, os filhos de Israel se juntam para consagrar o muro de Jerusalém. Esta consagração marca não apenas o ponto máximo de seu trabalho, mas, como o acampamento de verão, é o ponto alto de sua experiência. Também dá o fundamento para o progresso futuro.

Faces de Autoridade

Nosso capítulo se inicia com mais uma lista de nomes. Mostra a preocupação de Neemias em manter as tradições autênticas do seu povo.[1] Ele volta até Zorobabel (noventa anos antes) e recorda a história das famílias sacerdotais e levíticas até o seu próprio tempo. Ao falar novamente destes nomes, faz menção especial dos sumos sacerdotes desde Jesua até Jadua.

A lista de Neemias tem dado lugar a acusações de erros no documento bíblico. Conforme o historiador judeu Josefo, Jadua viveu no tempo de Alexandre Magno e morreu em cerca de 330 a. C. Sendo assim, seria impossível Neemias conhecer a Jadua a não ser que sua administração fosse muito *depois* do que a Bíblia indica. Isto levou

alguns críticos da Bíblia a dizer que Neemias não podia ter sido governador de Judá antes de 404-359 a. C. Eles o fazem para que a administração de Neemias continue até o tempo em que Jadua começa seu ministério como sumo sacerdote. Mas tal idéia não é sustentada pelas evidências que temos. Primeiro, é contrária aos dados históricos encontrados no próprio relato de Neemias (Neemias 1:1; 2:1; 5:14; 13:6). O reinado de Artaxerxes foi fixado com grande exatidão, e o governo de Neemias pode ser datado com segurança em 444 a. C. Em segundo lugar, as evidências dos *Papyri Elephantine* (407 a. C.) datam o sumo sacerdócio do neto de Eliasibe na época em que os descendentes de Sambalá reinavam sobre a Samaria. Neemias não poderia ter servido em Jerusalém até o tempo de Jadua (359 a. C.) porque ele foi contemporâneo de Eliasibe e Sambalá. Sua administração foi simultânea com a de Eliasibe e bem antes de 407 a. C.

Outros críticos datam a administração de Neemias durante o reinado de Artaxerxes, mas dizem que o livro que traz o seu nome foi escrito muito após a sua morte. Eles tentam resolver os problemas cronológicos dizendo que o escritor ou compilador das "Memórias de Neemias" sabia de Jadua e assim estas lembranças não podiam ter vindo da pena de Neemias.

Em resposta a tais objeções devemos demonstrar que aqueles que procuram encontrar erros neste trecho confiam mais no testemunho de Josefo do que nas Escrituras. Mas a história de Josefo está longe de merecer confiança. Ele confunde informações e cronologia. No mesmo capítulo em que menciona Jadua e Alexandre Magno como contemporâneos, mostra que não é digno de confiança ao ligar Jadua com Sambalá e Manassés (ver Neemias 13:28). Na realidade, estas administrações estavam separadas por mais de cinqüenta anos! Por outro lado, podemos entender a inclusão de Jadua no relato de Neemias porque é possível que mais de um sumo sacerdote tenha tido este nome. Era comum aos judeus dar aos filhos o nome do pai ou avô. No período de tempo entre Eliasibe e Alexandre Magno, vários sacerdotes da família do sumo sacerdote poderiam ter o nome de Jadua; então, por que teríamos de escolher a razão menos plausível?

Os críticos que dizem que Neemias não poderia ter escrito suas "memórias" ignoram convenientemente os trechos em que o governador fala na primeira pessoa. Eles tentam fundamentar sua posição referindo-se a 12:22. Neste versículo é mencionado Dario, o persa. Os que dão uma data posterior para o livro concluem que deve ter sido Dario III (335-331 a. C.). Mas por que pular Dario II (423-404 a. C.)? Um cronista, desejando distinguir entre o primeiro Dario (o "Medo"

de Daniel 6) muito mais provavelmente se referiria a Dario II como "o Persa".[2]

Com base nos dados em mãos, não há evidência de que a administração de Neemias fosse de data posterior à de que a Bíblia atesta, nem podemos atribuir ao trabalho de um redator a composição final do livro.

Mestres dos Grandes

Ao examinarmos o texto, somos lembrados da importância daqueles que labutaram pelo Senhor antes de nós. Somos animados pelo seu exemplo nobre. Suas vidas devem motivar-nos a seguir o bem e buscar o que é justo (Filipenses 4:8).

Como sempre acontece, os sacerdotes são mencionados primeiro (Neemias 12:1-21). Esta lista é seguida por uma dos levitas e suas famílias (12:22-26). Este registro lembra-nos a importância e o poder da piedade na vida da nação. É possível que muitos do povo comum fossem ignorantes de sua herança espiritual.

Com respeito a isto, o Novo Testamento tem algumas coisas interessantes a dizer sobre nossa necessidade de ter interesse pessoal por aqueles sobre os quais temos a responsabilidade de liderança espiritual (Hebreus 13:7, 17). Somos admoestados a lembrar-nos dos mestres antigos da Igreja e não apenas imitar sua fé, como também sua disposição de sofrer pela causa de Cristo. Afinal de contas, é em grande parte devido às suas labutas que nós viemos a conhecer as novas do Evangelho. Felizmente, não é assim tão difícil para nós. Um estudo da história da Igreja e a leitura de biografias dos grandes homens do passado nos ajudarão a prezar nossa herança espiritual.[3] Nenhuma pessoa pode ler os escritos do falecido J. H. Merle D'Aubigné e ser a mesma depois.[4] Descobri que aprender mais de homens tais como Francis Asbury, John Brown, de Haddington, Robert Bruce, João Calvino, William Culbertson, V. Raymond Edman, Jonathan Edwards, Charles Hodgem, C. H. Spurgeon, João e Carlos Wesley, e George Whitefield, e a leitura de biografias missionárias têm feito muito para estimular minha própria fé.

Além do mais, a Escritura nos chama à obediência para com os responsáveis pelo bem-estar da Igreja. Aqueles que cuidam da Igreja têm uma tarefa muito séria. São *pastores* que um dia prestarão contas do seu serviço ao Supremo Pastor. Podemos facilitar a sua tarefa se cooperarmos com eles na obra do Senhor.

Modificando o Status Quo

O capítulo 12 também nos ensina que há diferentes espécies de

ministério. Dentre os sacerdotes em Israel só um podia ser o sumo sacerdote. Por causa de seu número, Davi dividiu os sacerdotes em turnos. Eles não ministravam todo o tempo. A alguns foram designadas tarefas comuns, enquanto outros tinham deveres de mais prestígio. Na diversificação do ministério, alguns trabalhavam dentro do Templo, enquanto outros trabalhavam fora. Os que trabalhavam fora eram também descendentes da tribo de Levi (Êxodo 6:25). Incluíam os guardas das portas, os cantores e os servos do templo. *Cada um, porém, era importante. Cada um contribuía para o trabalho do todo. E o resultado total era que Deus era glorificado.*

Em Efésios 4, o apóstolo Paulo nos diz que Cristo deu dons à sua Igreja. Alguns serviam aos crentes primitivos como apóstolos e profetas, outros como evangelistas, pastores e mestres. Todos contribuíam para a edificação do Corpo de Cristo.

Em outros de seus escritos Paulo menciona que cada crente recebeu algum dom espiritual (1 Coríntios 12:4-11). Nem todos têm o mesmo dom (1 Coríntios 12:12-30). O Espírito Santo outorga os seus dons de acordo com sua soberana vontade. Então ele opera em nós e nos capacita a usar os nossos dons para a edificação de outros e avanço da causa de Cristo. Ao desenvolver o tema, Paulo compara a diversidade de dons às partes do corpo. Nem todos têm a mesma função. Cada membro precisa dos outros membros para funcionar bem. Do mesmo modo alguns levitas cuidavam das portas; outros eram cantores, e outros recebiam os dízimos; assim também hoje temos modos diversos pelos quais as pessoas podem usar seus dons. Alguns membros de nossas igrejas são introdutores, visitam os doentes, cuidam das finanças. Outros ensinam na Escola Dominical, trabalham em comissões, cuidam dos prédios, ou cantam no coro. Todos são importantes. Todos devem trabalhar juntos para a maior glória de Deus.

A Importância da Lembrança

Depois de enfatizar a importância de os judeus saberem quem é que exerce a chefia sobre eles, e de incluir os diferentes grupos de pessoas que serviam no Templo no seu relato, Neemias chega agora à consagração do muro. Para esta ocasião solene, porém alegre, os sacerdotes e levitas se purificam. Ao fazê-lo estão-*se separando* para Deus. Esta purificação provavelmente inclui jejum e abstinência de relações sexuais.[5]

Não há nada de pecaminoso na comida ou no sexo.[6] Pela abstinência destes prazeres, os sacerdotes e levitas estão dizendo: "Senhor, tu és primeiro em minha vida." O ponto culminante da

purificação chega no final da semana quando eles fazem oferta pelos pecados.

O processo de purificação estende-se a todo o povo, aos portões e ao próprio muro. É provável que o povo lave suas roupas (Êxodo 19:10, 14) e se banhe (Números 8:5-8; 19:12, 19; Ezequiel 36:25). Os portões e o muro da cidade são ritualmente purificados com hissopo (2 Crônicas 29:5 em diante; Levítico 14:48-53). Tudo isso é feito para lembrar os israelitas de que eles e tudo quanto possuem pertencem ao Senhor de modo muito especial.

Quando tudo está pronto, Neemias divide o povo e seus líderes, os sacerdotes e os levitas, em dois grupos. Estes grupos formam dois imensos corais. Com Esdras à frente de um grupo e Neemias à frente do outro, andam pelas ruas, sobem os muros, circundam a cidade, e se encontram mais uma vez no Templo. Lá, em redor da área do Templo, estes coros cantam um antema responsivo. O coro é ouvido a grande distância. Também, naquele dia eles oferecem grandes sacrifícios,[7] e se regozijam porque Deus lhes deu grande alegria. Mesmo as mulheres e crianças se regozijam de modo que o som de seu júblio se ouve de longe (Neemias 12:43; ver também Isaías 60:18; Zacarias 4:10).

A consagração do muro é o clímax dos meses de dificuldade que o povo agüentou. Porém, é bem mais do que uma iniciação. Como num acampamento em que alguém pode entregar sua vida sem reservas a Cristo, a dedicação marca um novo começo. Como resultado, o povo recebe nova identidade. Andaram sobre os muros que eles próprios ajudaram a edificar. Esta experiência funde-os e dá-lhes um senso de missão cumprida. Ademais, toda a cerimônia serve para estabelecer sua confiança no Senhor. Ele os ajudou, mesmo havendo horas quando pensaram em desistir.

Durante meu tempo de faculdade, tive a oportunidade de ver de primeira mão o que acontece numa situação dessas. A escola que eu freqüentei pertencia à igreja Metodista, e como muitas instituições evangélicas tinha muita fé e poucos recursos. Nós estudantes queríamos muito uma piscina. Durante muitos meses, depois das aulas, passamos nossas tardes cavando no lugar marcado nos planos do arquiteto como futura "piscina". Não havia equipamento para a remoção de terra, exceto picaretas e pás. Toda a terra tinha de ser removida em carrinhos de mão. Depois de muitos meses de trabalho árduo as dimensões do buraco no chão correspondiam às de uma piscina para competições. Neste estágio a administração da faculdade interveio e fez um esforço especial para levantar fundos e completar o projeto. A camaradagem que sentimos quando vimos aquela piscina

encher-se de água e demos o nosso primeiro mergulho deve ter sido semelhante à elação sentida pelos judeus quando dedicaram o muro de Jerusalém. Nosso trabalho feito juntos, para o bem comum, teve o efeito de unir-nos. Este senso de unidade deu-nos novo senso de identidade (especialmente em competições com outras faculdades!). Nossa moral subiu tanto que parecíamos invencíveis aos outros.

No caso dos israelitas, a construção do muro restaurou o seu prestígio nacional. Sua sensibilidade espiritual despertada levou a uma renovação espiritual da espécie que perdura. O repovoamento da cidade de Jerusalém deu-lhes um senso de força como grupo. E agora, quando andam sobre os muros por eles construídos, cantando louvores a Deus e oferecendo ofertas de gratidão, recebem um novo senso de valor. O resultado é alegria dada por Deus!

Alegria é ausência de ansiedade. A alegria do Senhor é o segredo da nossa força (Neemias 8:10). Perdemos nossa alegria quando estamos ansiosos. Isto acontece freqüentemente quando nosso comportamento está em conflito com os nossos ideais. Muitos crentes vivem vidas sem alegria porque sua prática, nas situações desagradáveis da vida, não condiz com o que eles sabem Deus espera deles. Conseqüentemente, sofrem de frustração e enfrentam derrota afinal.

A solução para a falta de alegria é mais uma vez nos separarmos para Deus. Seja isto chamado de consagração, dedicação ou santificação, pouco importa. O que importa é que demos a ele primazia em nossa vida. Quando isto é feito, o resultado é que a realidade interior de nossa fé tomará o lugar do conformismo a um dado padrão externo. Dali, poderemos desenvolver verdadeira identidade espiritual e crescer até à maturidade.

O Segredo da Força

Com o ímpeto renovado, o povo de Judá toma providências para assegurar que os seus ministros sejam bem cuidados. Esta preocupação estende-se até aos cantores e guardas. Sabem que se não cuidarem de sustentar aqueles que contribuem para o seu bem-estar espiritual, sofrerão as conseqüências da sua negligência (Neemias 12:44-47). Além disso, à medida em que aprendem mais da vontade de Deus na sua Palavra (13:1-3), descobrem que os moabitas e amonitas deviam ser excluídos da assembléia de Deus (Deuteronômio 23:3-5; compare Neemias 2:19; 13:4). Eles agem em obediência à vontade revelada de Deus e os excomungam dentre eles.

O efeito de sua obediência pode ser entendido pelo uso repetitivo da palavra *eles* em toda a narrativa, lembrança de sua *unidade* sob Davi, e o uso da palavra "Israel" em 12:47 e 13:3. Antes a ênfase

estava nos "filhos de Benjamim" e "filhos de Judá". Mas isto agora é substituído pelo termo "Israel". Eles se submetem a uma *autoridade* comum (a Palavra de Deus), compartilham uma *alegria* comum, e têm uma *esperança* em comum para o futuro. Tudo isso regula o seu sistema de valores.

O ensino deste trecho é significativo para nós hoje. Quando estamos de bem com Deus, as demais coisas entram nos seus devidos lugares. Teremos prazer naqueles que nos ministram em lugar de Cristo (Neemias 12:44b) e consideraremos uma honra sustentá-los dignamente no seu trabalho. Também teremos respeito renovado pela Palavra de Deus. À medida em que nós nos apropriamos dela, veremos que sua mensagem transforma a nossa vida. Não apenas nos traz em contato íntimo com a realidade e dá significado para aqui e agora, mas também dará uma nova dimensão de alegria à nossa experiência.

Faz alguns anos tive o privilégio de visitar uma igreja rural. A congregação tinha feito um apelo à sua denominação para levantar fundos destinados a construir um templo. Visto que o seu pastor não era diplomado por um dos seminários "aprovados", seu pedido foi negado. Sem desanimar em razão dessa recusa, os membros resolveram construir, eles mesmos, sua igreja. Deram sacrificialmente e passaram seus fins de semana e suas férias colocando o alicerce. Finalmente, depois de muitos meses de trabalho, puderam começar a erguer as paredes. Um grande ânimo tomou conta deles quando as paredes chegaram à altura das janelas. Alguns do povo começaram a torcer para que estivesse acabado até o Natal. À medida em que o prédio ia progredindo, estes crentes desenvolviam maior união. Começaram a importar-se uns pelos outros, e por gestos de bondade, demonstrar um amor que nunca sonharam ser possível. Finalmente, num domingo inesquecível, tiveram seu culto de consagração do novo prédio. As paredes ainda não estavam pintadas, os bancos deixavam muito a desejar, mas sua alegria era imensa, quase inacreditável. Havia coesão neste grupo de crentes, tal como nunca experimentei em outro lugar qualquer. Seu amor pelo Senhor era tal, e seu amor uns pelos outros tão intenso que eles subordinavam seus desejos pessoais para o bem da comunidade. Eram exemplo vivo de Cristianismo em ação.

Como resultado de suas experiências, eles se tornaram em força dinâmica na comunidade. Pessoas de fora eram atraídas à igreja pela alegria pessoal dos membros. Queriam compartilhar o mesmo calor e a mesma comunhão. Vinham para descobrir por que estes cristãos eram tão diferentes de outros que conheciam, e encontraram um

amor mútuo que não se via em outro lugar (ver João 13:34-35; 15:12-13, 17; 1 João 3:11-23; 4:7-18). Não demorou muito, o amor genuíno destes crentes acabou com as barreiras que de fora pudessem ter às reivindicações de Cristo. Foram salvos e tornaram-se parte da mesma comunidade de crentes amorosos, prestimosos e regozijantes.

CAPÍTULO 17

O Problema da Preservação da Liberdade

Neemias 13:4-31

Ao concluir o seu estudo do livro de Neemias, Walter F. Adeney ressaltou que se as "memórias" de Neemias tivessem sido uma novela histórica em vez de um documento acurado de eventos, então ele teria fechado com o final do capítulo 12 ou com 13:3, dando um fecho de ouro para a história, com uma conclusão perfeita. Com um final desses, todos nós teríamos descansado, contentes pela experiência de um homem que resolveu felizmente todos os conflitos da vida.

Mas em vez dessa espécie de conclusão, temos aqui um apêndice. Este apêndice prova a sabedoria da observação de Thomas Jefferson: "O preço da liberdade é a eterna vigilância." Também enfatiza a necessidade contínua de bons líderes.

Pano de Fundo

Durante os restantes onze anos e meio de administração de Neemias, as coisas correram sem problemas. O partido da oposição em Jerusalém pouco pôde fazer para opor-se a um administrador tão capaz. Por fora eles se conformam com a aliança, e o povo vive vidas relativamente prósperas e tranqüilas. Porém, depois de mais de uma década como governador (444-432 a. C.), Neemias volta à corte de Artaxerxes. Permanece na Babilônia por doze anos. Durante a sua ausência, o partido da oposição—composto do sumo sacerdote e sua família, mais os cidadãos influentes da cidade—desprezam a política separatista de Neemias em favor de menos restrições, diálogo aberto com os samaritanos, e a remoção de influências inibidoras.

Em mais ou menos 420 a. C., Neemias é mais uma vez designado governador da Judéia. O fato de que ele tenha pedido permissão para voltar a Jerusalém pode indicar que ele tivesse algum conhecimento das condições em Judá. De qualquer modo, ele é enviado mais uma vez à província como representante do rei.

Quando chega, Neemias percebe que o Templo e o seu culto foram negligenciados (Neemias 13:11; compare 10:39). Ele procura a causa e descobre que está na *tolerância do mal.*

Durante sua administração anterior, e enquanto Neemias permaneceu em Jerusalém, Eliasibe se conteve. Mas quando Neemias foi para a Babilônia, o sumo sacerdote tomou ares de diplomata. Um dos seus primeiros passos foi fazer com que um membro de sua família casasse com alguém da família de Tobias. Então, como símbolo de boa vontade, ele tomou certas salas de depósito do Templo—câmaras sob sua supervisão direta—e as transformou em apartamento para Tobias. E Tobias é amonita (Neemias 2:19; Deuteronômio 23:4).

Podemos estar certos de que este passo não agradou ao povo comum. Eles teriam ainda lealdade a Neemias. Porém, mesmo se ultrajados pelo que Eliasibe estava fazendo, eles não tinham força para opor-se a ele. Afinal de contas, na "nova" administração, os líderes de Jerusalém tentavam ser conciliadores. Doze anos de reformas, eles achavam, eram o suficiente. Agora era hora, para os interesses de sua economia em expansão, de serem generosos para com seus inimigos. Portanto deixaram de lado a Lei de Deus e chamaram o mal por outro nome.

Mas Eliasibe não levou em conta outro crítico—Malaquias. Na ausência de Neemias, o profeta pregou contra essas práticas (Malaquias 2:1-9). Suas palavras foram dirigidas especialmente ao povo e foram desprezadas pelos sacerdotes. Não havia ninguém com força para se opor a Eliasibe.

Mas aquilo que começou como tolerância da presença de Tobias na área do templo teve efeitos de longo alcance sobre o povo. Visto como as câmaras tinham sido transformadas em aposentos para Tobias, o povo já não estava contribuindo para o Templo. Os Levitas, para manter suas famílias, tiveram de voltar às suas fazendas. Com a falta de treinamento espiritual, o povo ficou relaxado quanto à justiça prática. Os empreendimentos comerciais começaram a surgir no dia do Senhor, e o resultado inevitável foi um declínio moral.

Reforma Ousada

Quando Neemias voltou a Jerusalém, analisou o problema e tomou passos decisivos para corrigi-lo. Entrou no templo e jogou os móveis de Tobias para fora. Deu então instruções para que as salas fossem limpas e devolvidas ao propósito original. Tudo isso exige coragem—a coragem de um homem cujas convicções estão firmemente estabelecidas sobre a rocha das Escrituras. Significativamente, Eliasibe nada faz para se opor. Ele reconhece que em Neemias encontrou um opositor à altura.

O sucesso de Neemias pode ser atribuído ao fato de que ele age com decisão. Tivesse ele reunido os patriarcas da cidade, ou consulta-

do seus conselheiros, talvez tivesse perdido a causa. Em vez disso, considerando o ensino geral da Palavra de Deus, e permanecendo dentro do âmbito de sua autoridade, ele age resolutamente, com determinação.

Homens capazes como Neemias são muito necessários hoje. Tanto na igreja como fora dela temos há muito tolerado o mal. Por um lado existem doutrinas falsas e pseudopiedade que permite aos inimigos da verdade diminuir os pontos básicos da fé e controlar os currículos de nossas faculdades e nossos seminários; por outro lado, os velhos princípios de moral e integridade foram desprezados para dar lugar à política do conveniente e à crença de que os fins justificam os meios. Tais tendências, tanto nas esferas sagradas como nas seculares, precisam ser desafiadas por aqueles que aderem à piedade e praticam os seus princípios. Mas a causa do declínio espiritual tem de ser atacada na raiz, onde começou, na tolerância ao mal.

Enfrentando os Problemas

Tendo resolvido a primeira causa do declínio espiritual de Judá, Neemias agora procura retificar os erros que surgiram. Ele descobre que as porções para os Levitas não têm sido pagas. Durante sua ausência da cidade, Malaquias exortou o povo a trazer os dízimos para a casa de Deus (Malaquias 3:7-12). Mas o povo perdeu a confiança nos sacerdotes, e estava preocupado com suas próprias coisas. O resultado é que a Casa de Deus estava abandonada.

Quando Neemias verifica por que o culto do templo não está sendo realizado, ele contende com os oficiais da cidade. Afinal de contas, eles participam da responsabilidade de dirigir a capital e têm voz nos afazeres da cidade. O confronto de Neemias com eles deve ter despertado seu senso de responsabilidade. Eles passam a encorajar os judeus a trazer os dízimos e o próximo versículo mostra que o povo responde voluntariamente (compare Êxodo 30:34; Levítico 2:1-6; 6:15; 24:7; Deuteronômio 18:3). Sob a forte liderança de Neemias, os sacerdotes e levitas voltam a exercer suas funções anteriores; a estrela de Eliasibe cai, e jamais subirá outra vez. Ele é substituído por homens dignos de confiança selecionados de vários grupos (Neemias 13:13), incumbidos da responsabilidade de distribuir com justiça e eqüidade aos seus irmãos.

Participação no Mal

A tolerância ao mal em Jerusalém tem também efeito nocivo sobre as pessoas das cidades e dos vilarejos de Judá. Quando os Levitas foram forçados a deixar a cidade, a lassidão espiritual tomou conta.

Essa apatia gerou um espírito de indiferença; o Templo foi negligenciado e o sábado profanado.

Nos dias que se seguiram à sua volta a Jerusalém, Neemias vê alguns judeus da província pisando os lagares de vinho no sábado. Outros traziam sacos de trigo a Jerusalém de sorte a estar prontos para o mercado do dia seguinte. E homens de Tiro estavam fazendo feiras livres neste dia santo.

A guarda do sábado sempre tem sido uma pedra de tropeço no comércio entre judeus piedosos e seus vizinhos gentios. A tentação de comerciar com as pessoas das nações que os cercavam sempre estava presente. A fidelidade ao sábado como dia do Senhor era marca especial de espiritualidade, particularmente numa época de lassidão espiritual.

Ao lidar com a situação, Neemias demonstra uma vez mais sua coragem. Ele chega aos nobres da cidade[1], que têm maior interesse na economia que qualquer outro, e "contende" com eles. "Que mal é este que fazeis, profanando o dia de sábado? Acaso não fizeram vossos pais assim, e não trouxe o nosso Deus todo este mal sobre nós e sobre esta cidade? E *vós* ainda trazeis ira maior sobre Israel, profanando o sábado."

Ao falar-lhes desta maneira, Neemias explica o por quê de sua reprimenda, e os desafia pela falha em exercer corretamente a responsabilidade. Ele demonstra, também, por meio do precedente histórico, as tristes conseqüências de sua falha em dirigir o povo nos caminhos da justiça (ver Jeremias 17:19-27; Ezequiel 20:12-24).

Parece que os nobres são apáticos. Não estão dispostos a agir com decisão. Portanto, Neemias intervém. Ordena que se fechem os portões da cidade antes do sábado e instrui os seus servos para que não se tragam mercadorias para a cidade. Uma ou duas vezes os mercadores passam a noite fora da cidade. Alguns escritores acreditam que o barulho que fizeram trouxe o aviso de Neemias no versículo 21. Outros acham que os judeus possam ter saído da cidade para comerciar com os tírios (compare Levítico 23:32; Amós 8:5). Seja qual for a razão, Neemias ameaçou os mercadores com prisão se tais coisas se repetissem. Elas não se repetem! Estão apavorados por um homem de convicções tão fortes.

Finalmente, para garantir a santidade do Sábado, Neemias instrui os Levitas a dedicar-se à tarefa de preservá-lo. É um dever sagrado. Eles devem guardar os portões e evitar que alguém—judeu ou tírio—comercie no sábado.

Mas por que restringir assim a liberdade dos judeus? E se era tão importante que *eles* guardassem o sábado, por que *nós* hoje não o guardamos?

O sábado era um dia de descanso. Tão-cedo como Gênesis 2:2, simbolizava a cessação de trabalho. No Israel antigo, o sétimo dia da semana, o sábado, foi separado como "santo" (Êxodo 16:23-29; 20:10-11; 31:17). Era expressamente proibido trabalhar (Êxodo 35:3; Números 15:32). A guarda do sábado era um sinal entre um Deus que guarda alianças e o seu povo (Ezequiel 20:12, 20). Toda a história do sábado judeu foi um exemplo para nós, dramatizando o descanso espiritual no qual entramos quando cessamos as nossas labutas pela santidade e descansamos na provisão que Deus fez por nós em Cristo (Hebreus 4:4). A razão pela qual havia um exercício legalista do sábado nos tempos do Antigo Testamento era com o fim de preservar intacto o "tipo" que Deus deu a nós[2].

Infelizmente, a tolerância do mal leva à frouxidão espiritual, e frouxidão espiritual abre caminho para a indiferença doutrinária, e quando isso ocorre, tornamo-nos ignorantes da provisão que Deus nos fez. Nossa sensibilidade às realidades espirituais desvanece, e não temos mais base racional para manter nenhuma aparência de consagração a Deus. A degeneração moral torna-se então o resultado inevitável.

Voz da Sirena

O ato final de reforma de Neemias está na área do casamento misto. Em suas andanças, Neemias descobre que os judeus têm-se casado com mulheres asdoditas, amonitas e moabitas (ver Êxodo 34:15-16; Deuteronômio 7:1-4). Aparentemente, é a velha história das coisas proibidas serem mais atraentes do que as regulamentadas para o seu bem (compare Josué 23:12-13; Malaquias 2:11-12).

As conseqüências de tais casamentos são demonstradas pelo que Neemias encontrou. Havia corrupção no lar. As mães criavam os filhos conforme seus próprios costumes pagãos, e a ignorância espiritual prevalecia.

O contraste entre o tipo de lar que Deus quer que tenhamos e o tipo que existe freqüentemente quando se encontra impiedade, foi descrito por Arthur T. Pierson em seu livro, *The Bible and the Spiritual Life* (A Bíblia e a Vida Espiritual), num contraste que ele faz entre os históricos de duas famílias: a família de Jonathan Edwards e a família de Max Jukes.

Jonathan Edwards nasceu num lar piedoso. Seu pai foi pregador, e antes dele, o pai de sua mãe. Seus descendentes eram dedicados à Palavra de Deus e seguiram princípios de honestidade e integridade. Mais de quatrocentos deles estão enumerados, incluindo presidentes de universidades, professores, ministros do evangelho, missionários,

teólogos, advogados e juízes, e autores de renome.

Uma pesquisa cuidadosa da família criminosa de Max Jukes mostra uma longa linha de prostituição, embriaguez, imbecilidade e insanidade. Traçaram um total de mil e duzentos descendentes desta família prolífera. Um grande número se destruiu fisicamente. Alguns eram mendigos profissionais, outros criminosos condenados, ou assassinos. De todos os mil e duzentos, apenas vinte aprenderam uma profissão, e destes, metade aprendeu-a na disciplina da prisão.

A influência de um lar piedoso pode ser demonstrada ao examinarmos os lares de pessoas tais como F. B. Meyer, W. Graham Scroggie, James Hudson Taylor, João e Carlos Wesley, e muitos outros. Não existe substituto para um lar piedoso (1 Timóteo 4:8)!

Ao corrigir esta triste situação, Neemias contende com os que casaram com mulheres das nações vizinhas. Ele espanca alguns deles e lhes arranca os cabelos, dizendo: "Não dareis mais vossas filhas e seus filhos, e não tomareis mais suas filhas, nem para vossos filhos, nem para vós mesmos. Não pecou nisto Salomão, rei de Israel? Todavia entre muitas nações não havia rei semelhante a ele, e ele era amado de seu Deus, e Deus o constituiu rei sobre todo o Israel. Não obstante isso as mulheres estrangeiras o fizeram cair em pecado. Dar-vos-íamos nós ouvidos, para fazermos todo este grande mal, prevaricando contra o nosso Deus, casando com mulheres estrangeiras?"

É interessante que Neemias citasse a condenação da história. Ele aponta para o homem mais sábio de todos os tempos e pergunta: "Vocês esperam melhor resultado do que ele?"

O casamento entre um crente e um incrédulo não apenas abre caminho para a corrupção dentro do lar, como também corrói a própria base do casamento. O casamento é considerado um pacto entre duas pessoas e Deus (Provérbios 2:17; Ezequiel 16:8; Malaquias 2:14). O lar deve ser a base da sociedade, a estrutura sobre a qual uma nação se constrói. Qualquer desvio deste ideal só pode ter efeito destruidor em todos os envolvidos.

Ao fazer estas reformas, mais uma vez Neemias percebe que terá de confrontar a casa do sumo sacerdote Eliasibe. Durante a sua ausência, na Babilônia, o neto de Eliasibe tinha-se casado com a filha de Sambalá. Regulamentos especiais governavam o casamento dos sacerdotes, especialmente daquele que um dia poderia ser o sumo sacerdote (ver Levítico 21:6-8, 13-14; Deuteronômio 23:8-11). Neemias cuida deste transgressor da lei repreendendo-o e afugentando-o de sua presença. A tradição diz que o nome deste homem era Manassés, e que quando afugentado da presença de Neemias, ele foi ao seu

sogro na Samaria e iniciou um sistema rival de adoração no monte Gerisim[3].

Terminada a reforma, Neemias mais uma vez se acomoda a um período de relativa tranqüilidade em sua administração. Na liderança que ele dá ao povo, une integridade à habilidade. Ele não tem medo de agir, e seus atos são governados pelo conhecimento das Escrituras e submissão a elas.

Fazendo Mudanças

Examinando o material que já estudamos, não podemos deixar de comparar este capítulo com a assinatura da aliança no capítulo 10. Ali o povo jurou manter a Casa de Deus, prover para o sacerdócio, guardar o sábado e abster-se do casamento com incrédulos. Durante a primeira administração de Neemias, estas regras eram obedecidas. Mas tão logo ele foi para a Babilônia, começou o declínio espiritual.

Comparando a situação da época de Neemias com a nossa própria, vemos um paralelo marcante. Nós também temos necessidade de líderes capazes! Neemias dá aos nossos líderes um exemplo para ser seguido. Ele estava dedicado à prática da verdade. Isto lhe dava uma compreensão clara da diferença entre o certo e o errado (Hebreus 5:13-14). Também lhe dava a capacidade de agir com decisão; quando ele agia, era com coragem baseada em certeza.

Em segundo lugar, Neemias sempre começava trabalhando através dos líderes existentes (ver Neemias 13:11, 17, 25). Quando a liderança era inadequada, ele tomava medidas para substituí-la por pessoas dignas de confiança (13:13). Quando enfrentava apatia moral e indiferença espiritual, ele exercia ira santa.

Temos a tendência de considerar como pecaminosa toda a ira. Mas o Senhor Jesus ficou irado (Mateus 21:12; Marcos 3:5; João 2:15-17), todavia sem pecar (Hebreus 4:15). Grandes líderes que mudaram os destinos nacionais e espirituais têm sido também homens que podiam ficar irados com as injustiças sociais e morais existentes em seus dias.

Contudo, pode-se abusar da ira. É muito fácil desculparmos nossa fraqueza de caráter chamando nossa falta de domínio-próprio de "ira santa". O apóstolo Paulo sabia muito bem que podemos cair em pecado pela nossa ira (Efésios 4:26-27). A ira santa, porém, está isenta de egoísmo. Quando Neemias contendeu com aqueles que falharam em seus deveres, ou violaram a Lei de Deus, sua conduta não era a de um homem enraivecido. Em vez disso, como demonstrou H. E. Ryle, ele agiu como "oficial público no fiel cumprimento de seus deveres". Ele sabia que situações diferentes exigiam atitudes diferentes. Algumas pessoas atenderão mediante uma reprimenda em palavras.

Outras precisam de algo mais físico a fim de poder reconhecer a gravidade da situação. Quando Neemias afugentou o neto do sumo sacerdote, ele estava realmente tratando a um apóstata da maneira que sua conduta merecia.

A Ligação Importante

Mas o que dizer das orações de Neemias (Neemias 13:14, 22b, 31)? São o último recurso de um velho abatido? É só isso que um justo, que consagrou toda sua vida ao bem do próximo, pode esperar?

Erramos muito se seguirmos os comentaristas modernos que avaliam as orações de Neemias à luz de nosso próprio desânimo. Qualquer pessoa que teve capacidade para realizar reformas tão vigorosas e arriscar-se a contrariar não apenas ao sumo sacerdote como também sua família e os oficiais e nobres de Judá, não é vítima muito provável do desalento.

O desânimo poderia ser o resultado se os seus esforços fossem na sua maioria improdutivos, ou se as circunstâncias levassem Neemias a acreditar que tinha fracassado em viver conforme o seu ideal. Mas não era este o caso de Neemias. Em busca apenas da aprovação divina, ele foi guardado de tentar atingir o inatingível.

Parece haver uma explicação muito melhor para estas orações. Neemias viveu toda a sua vida na presença do Senhor. Ele estava cônscio do olhar de Deus sobre ele, e fazia tudo com vistas a receber a aprovação de Deus (compare com Efésios 1:9-14).

Poderemos entender melhor a situação se reconhecermos que Neemias já estava no final de sua jornada terrena. Quanto tempo ele continuou como governador, não sabemos ao certo. Suas orações evidenciam que ele sabia não possuir mais o vigor físico de outrora. Por isso ora para que Deus tenha misericórdia dele e o fortaleça. Além do mais, ele está olhando além do cenário temporal, para aquilo que o esperava. Daí ele orar: "Lembra-te de mim, Deus meu, para o meu bem." Como o apóstolo Paulo, ele trabalhou incessantemente com vistas à aprovação de Deus (Filipenses 3:12-16), e desejava apenas que sua obra sobre a terra pudesse dar a espécie de galardões que durassem por toda a eternidade.

Quando Tudo For Dito e Feito

Finalmente, analisando a vida e o ministério de Neemias, vemos apontar para o fato de que todos precisamos de liderança capaz. Sem ela, somos como ovelhas sem pastor. Na ausência de líderes piedosos, o declínio moral e espiritual toma conta, resultando na destruição de nossa herança nacional e espiritual. A liberdade política

está baseada na liberdade espiritual. Quando a liberdade espiritual é sacrificada através da tolerância ao mal, resulta inevitavelmente em opressão e derrocada dos padrões morais.

Para nos contrapormos a essas tendências, precisamos voltar à Palavra de Deus (ver Neemias 8). Então, mediante uma submissão a ela, e confissão de nossas faltas e incapacidades, podemos começar a andar pelo caminho da obediência, da justiça e da verdadeira santidade. Por intermédio de um espírito de genuína renovação, virá a liberdade espiritual, social e nacional.

CAPÍTULO 18

Perfil de um Líder

Ao recordar o material contido nestes capítulos, será de ajuda se expandirmos nosso resumo, outrora tríplice. Dando a cada capítulo um título, e agrupando certos capítulos (ou seja, 4 a 6 e 8 a 10), veremos claramente os principais movimentos do livro.

UMA SÍNTESE DE NEEMIAS												
CONSTRUÇÃO DOS MUROS							INSTRUÇÃO DO POVO			CONSOLIDAÇÃO DA OBRA		
			OPOSIÇÃO AO TRABALHO									
TRISTEZA E INTERCESSÃO DE NEEMIAS	**PREPARO** EXPEDIÇÃO DE RECONHECIMENTO, EXORTAÇÃO	**RECONSTRUÇÃO** COMEÇO DO TRABALHO	**OPOSIÇÃO** OPOSIÇÃO DOS DE FORA	OPOSIÇÃO DOS DE DENTRO	**COMPLETAÇÃO** — RENOVADA OPOSIÇÃO, MAS TERMINADA A TAREFA	MEDIDAS E REGULAMENTOS DE SEGURANÇA	**REAVIVAMENTO DO POVO:** LEITURA DO LIVRO DA LEI E FESTA DOS TABERNÁCULOS	CONFISSÃO PÚBLICA DE PECADO	**RENOVAÇÃO DA ALIANÇA:** CONSAGRAÇÃO DO POVO	REPOVOAMENTO DE JERUSALÉM	CONSAGRAÇÃO DOS MUROS	**REFORMA DE ABUSOS:** DÍZIMOS, CASAMENTOS MISTOS, SÁBADO
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13

Em nossa recapitulação, concentrar-nos-emos nas características pessoais do líder eficaz, e nos princípios básicos da boa liderança. Estas duas facetas constituem a *dinâmica da liderança eficaz,* e Neemias oferece um exemplo importante de ambas.

Características Pessoais de um Líder Eficaz

Primeiro, um líder eficaz tem de ser um homem íntegro. Tem de possuir caráter reto e integridade de princípios morais. Ele tem de conhecer e defender o que é justo—mesmo em face da desaprovação popular. Só então é que ele terá a força interior que inspira outros a segui-lo com confiança.

Mas como se desenvolve a integridade? Neemias mostra-nos que vem de um compromisso com a Palavra de Deus. As orações de Neemias (ver Neemias 1:5-11, etc.) estão permeadas de citações das Escrituras. Sua vida e suas reformas demonstram que ele ordenava sua conduta de conformidade com a vontade revelada de Deus (5:9-12, 14-19; 10:1, 32-39; 13:4-28). E ele esperava que seus subordinados seguissem os mesmos princípios de honestidade e integridade.

Proveniente de um compromisso básico de viver sob a autoridade da Palavra de Deus está a *convicção*.

A convicção tem como fundamento nossa fé em Deus, e a fé forma a base de nossa confiança em nós mesmos, a coragem com que enfrentamos a oposição, e nossa dedicação à tarefa que temos à mão. Sem essa espécie de convicção, não pode haver realização que perdure.

As convicções de Neemias podem ser vistas em sua confiança de que Deus responderia a sua oração (Neemias 1:11), em sua segurança ao responder aos seus adversários (2:19-20), na coragem e determinação com a qual enfrentou a oposição (4:1-23; 6:1-14) e na sua persistência quando os obreiros resolveram desistir do trabalho (4:10-11).

Um correlato lógico da convicção é a *lealdade*—lealdade ao Senhor, lealdade aos nossos superiores, e lealdade àqueles de nossas congregações ou nossos lugares de trabalho que olham para nós em busca de direção e liderança. Sem a lealdade, caímos vítimas do comprometimento e nos caracterizamos pela indecisão quando deveríamos agir com decisão. Quando isso ocorre, os membros de nossa igreja, ou nossos subordinados, ficam confusos e o resultado final é a debilitação de nossa liderança.

A lealdade de Neemias ao Senhor era inquestionável. E sua lealdade a Artaxerxes não era menos real (Neemias 2:3). Era o que dava a *única* base certa em época de crise (2:1-8). Sem lealdade comprovada para garantir suas palavras, sua causa teria sido perdida. O rei não teria confiança nele e talvez Neemias nunca pudesse ter voltado à posição de influência na corte.

Com a lealdade vem a *estabilidade*. A estabilidade é mais que demonstração de confiabilidade sob pressão. Inclui disposição de aceitar responsabilidade, tomar a iniciativa, e perseverar numa tarefa até que ela seja completada. O perdedor é aquele que encontra oposição e não tem coragem para prosseguir. Então ele fabrica uma "razão" para sua falha e fica eternamente destinado à mediocridade. Um líder, por outro lado, é aquele que tem a capacidade de dominar as circunstâncias que o cercam.

Em contraste com o perdedor, temos o exemplo de Neemias. Ele aceitou uma nova responsabilidade (Neemias 2:6b) e começou uma tarefa julgada por muitos como impossível. Ele mostrou-se digno de confiança sob pressão (4 a 6) e viu todo o projeto chegar à conclusão bem-sucedida.

Além disso, o líder que coloca Deus em primeiro lugar em sua vida e é leal ao seu empregador terá, é mais que provável, verdadeiro *interesse pelos outros*. Seu altruísmo fará com que ele trate dignamente aqueles que trabalham com ele. Ele procurará a melhoria pessoal de cada um, e colocará o bem-estar dos seus empregados acima do seu próprio. Eles, por sua vez, responderão com trabalho qualitativa e quantitativamente melhor.

Neemias interessava-se pelos judeus (Neemias 1:4-11; 5:1-5; 13:18). Ele se identificava com o povo. O povo achava-o acessível. Como resultado, a dinâmica de sua personalidade inspirava as pessoas. Ele não as dominava como os outros governadores tinham feito. E eles atendiam à sua liderança perseverando no trabalho.

Um líder cuja dedicação à tarefa em mãos é equilibrada por um interesse genuíno pelos outros, é capaz de ver o projeto no seu todo—a obra e os obreiros—com *discernimento* próprio. Esta perspectiva é vital se as decisões devem ser justas e eqüitativas; ele só poderá agir com decisão se tiver tal discernimento certo. É claro que o discernimento inclui conhecimento dos fatos, consciência daquilo que precisa ser feito e desenvolvimento de um plano de ação destinado a atingir os resultados desejados.

Neemias era um homem de grande discernimento. Ele sabia o que precisava ser feito (Neemias 2:5) e aumentou seu conhecimento com dados colhidos de primeira mão (2:12-15). Ele não lidava apenas com conceitos, mas tinha a capacidade de vencer detalhes também. Então, com base na sua avaliação dos homens e dos recursos, ele estabeleceu um alvo (2:17). O estabelecimento de um objetivo definido automaticamente colocou em ordem as suas prioridades.

Quando temos um compromisso básico para com o Senhor, somos leais aos nossos superiores, e tratamos os nossos subordinados como gente em vez de tratá-los como objetos, será relativamente simples motivar os outros. A *motivação* está ligada ao entusiasmo. Nossa dedicação à tarefa que assumimos nos tornará entusiasmados com o que estivermos fazendo. Dar-nos-á um senso de direção. Isto torna fácil a motivação.

Neemias não teve dificuldades em motivar as pessoas (Neemias 2:17-18). Ele as desafiou com a necessidade, encorajou-as com os benefícios que teriam com a reconstrução do muro, e deu-lhes prova

de que Deus estava com a obra. O resultado foi uma resposta de entusiasmo!

Finalmente, há o *tato*—a capacidade de lidar com os outros sem ofender. O tato inclui dizer e fazer a coisa certa, do modo certo, na hora certa e no lugar certo. Inclui conhecimento profundo da natureza humana e preocupação genuína pelos sentimentos dos outros.

Certa ocasião, pediram que eu fosse consultor de uma biblioteca que seria construída no campus de uma universidade no centro-oeste dos Estados Unidos. Na entrevista inicial, achei tão simpático o arquiteto, que eu estava convencido de que seria um prazer trabalhar com ele. Com o passar do tempo, porém, descobri que quando em reunião, e seus pontos de vista entravam em conflito com os do bibliotecário da faculdade, ele dizia invariavelmente: "Bem, senhores, eu concordo em princípio com os senhores", mas não tinha a mínima intenção de colocar em prática as coisas que parecia ter como princípios. Seus modos agradáveis eram usados para enganar as pessoas, fazendo-as pensar que ele concordava com elas. *Seu tato não estava fundamentado sobre a verdade.* O resultado foi um confronto inevitável. . . com todas as coisas desagradáveis que o acompanham!

Neemias podia ter tato (Neemias 2:5-8), mas esse tato baseava-se em sua integridade pessoal e sua sensibilidade para com os sentimentos dos outros. Com convicções definidas formando a base de sua filosofia de vida, ele achava o melhor método para lidar com cada situação. O resultado foi uma união discreta de verdade e graça. Na decisão tomada e nas ações feitas, não havia engano ou falso comprometimento.

Aqueles de nós que desejamos melhorar nossas habilidades como líderes temos a Neemias como exemplo. Podemos examinar suas fontes de vida, imitar sua integridade, aprender de suas convicções, desenvolver o mesmo senso de lealdade, compreender a dinâmica básica da motivação, e exercitar o mesmo tato. À medida em que desenvolvemos estas características pessoais, cresceremos como líderes.

Princípios Básicos da Liderança Sadia

Ao definir os princípios básicos da boa liderança, um presidente nacional de uma grande companhia disse: "Ao escolher um executivo capaz, procuro primeiramente capacidade intelectual. Acho que isto vem acima de qualquer outra coisa. Em seguida procuro uma espécie de estatura de liderança. Espero que o homem pareça um líder e tenha capacidade de chamar atenção por sua presença e pela força de

sua personalidade. Então, espero que isto seja equilibrado pela humildade. Não há nada pior do que alguém de grande poder intelectual que seja, ao mesmo tempo, arrogante." Mas será que isto basta? O falecido presidente Eisenhower expôs a falácia de se ter uma idéia inadequada do que implica a liderança. "Uma qualidade comum aos líderes é sua disposição de trabalhar duramente, preparar-se, e conhecer seu campo de atividade profundamente. Já ouvi dizer de algumas pessoas: 'Ah, ele vencerá pela sua personalidade.' Pode ser que ele 'passe' por algum tempo, mas se ele tiver apenas uma personalidade cativante, chegará o dia em que ele estará desempregado."

Vejamos se podemos analisar os princípios básicos da sã liderança. Enquanto muitas instituições cristãs escolhem seus líderes com base em aparência ou personalidade, qualificações acadêmicas ou ligações, existem outros critérios que merecem consideração.

No caso de Neemias, vemos que ele tinha *conhecimento.* Ele obteve de Hanani tantas informações quantas possível (Neemias 1:2; 8:8). Pode ser até que tenha visitado algum projeto de construção enquanto ainda em Susã, a fim de observar o progresso de alguma edificação.[1] Certamente ele sabia o de que precisava antes que o rei perguntasse por suas necessidades (2:8), e aumentou seus conhecimentos (2:12-15).

Conhecimento profundo da tarefa é requisito básico para o líder competente. Mas há também a necessidade de conhecermos a nós mesmos. Precisamos fazer sempre uma auto-avaliação, conhecer bem nossas forças como também nossos pontos fracos, e procurar sempre melhorar a nós mesmos. No momento em que paramos de aprender, paramos de crescer. Quando isto ocorre, não podemos mais tomar a iniciativa, perdemos nossa autoconfiança e nossos subordinados logo o percebem. O resultado inevitável é que antes de passar muito tempo, nossa administração é tachada de "incompetente". Tenho conhecimento de executivos de firmas, superintendentes de missões e pastores de quem isto era tragicamente a verdade.

Embora seja indispensável que tenhamos conhecimento profundo de nós mesmos, para uma sã liderança, também é necessário que tenhamos profundo conhecimento daqueles com quem trabalhamos. Devemos conhecer nossos empregados e preocupar-nos com o seu bem-estar. Num editorial não assinado do jornal *Supervisory Management* o escritor disse: "Uma função básica do bom líder é inspirar as pessoas a se esforçarem ao máximo. O homem que se concentra apenas em detalhes, em cifras ou em questões técnicas, pode tornar-se um perito, mas não um líder. Os peritos sabem o que deve ser

feito; os líderes sabem o que deve ser feito e *como fazer com que as pessoas o façam.*"

Neemias tinha interesse naqueles que trabalhavam com ele (Neemias 3; 5:1-13). Ele dava atenção aos detalhes (ver Neemias 8:10-12), mas sabia também como edificar e manter o seu *moral.*

Muitos "especialistas em tarefas" acham fácil levantar o ânimo de seus empregados, mas difícil mantê-lo. Não têm muito sucesso em desenvolver um bom espírito de grupo—unidade de propósito, lealdade a, orgulho em, e entusiasmo por sua igreja, ou seu departamento, e o seu trabalho—e como resultado, há desânimo. O moral correto pode ser levantado apenas quando sabemos o que "liga" os nossos empregados. Quando sabemos como motivá-los, podemos entusiasmá-los com nossa dinâmica pessoal, encorajá-los com a tarefa que precisa ser feita, e desafiá-los com a satisfação de um trabalho realizado.

Também importante para manter o moral é a disseminação correta das informações. As pessoas querem saber o que se passa a seu redor, e a parte que irão desempenhar nos planos da administração. Querem saber também como a administração vê o grupo, se o seu trabalho é apreciado. O mesmo ocorre com as pessoas individualmente. Gerentes sábios terão estas coisas em mente, assegurando que os canais de comunicação sejam mantidos abertos, fazendo com que os trabalhadores sejam motivados a darem o melhor que têm, e dando alguma indicação do apreço que a administração tem por seus esforços.

Líder sábio, Neemias elogiou a quem merecia louvor (Neemias 3:20, 27, 30). Ele tornou conhecidas as suas decisões através dos subordinados (13:9, 14, 21, 22, etc.). A comunicação era feita por canais regularmente constituídos e claramente reconhecidos.

Enquanto igrejas pequenas ou pequenas companhias não precisem de esquemas complicados, as grandes igrejas ou firmas precisam. Os empregados bem informados servirão melhor quando souberem o que está ocorrendo ao seu redor. Eles têm uma visão compreensiva do todo, e sabem a parte que desempenham nesse todo. Poderão então identificar-se com os objetivos de sua igreja, missão ou companhia, e saber por que certas questões recebem prioridade. Também conhecerão o modo pelo qual alguns alvos serão atingidos. Com esta compreensão, o indivíduo será capaz de estabelecer sua identidade pessoal e ajustar o seu comportamento a fim de atingir os objetivos da corporação. Em nossas igrejas ou em nossas profissões, como nos esportes, é necessário que a pessoa subordine seus desejos e suas ambições pessoais aos interesses do seu "time". Os objetivos

são alcançados quando todos os envolvidos lutam juntos. Com o sucesso vem o orgulho de se ter cumprido o dever e a manutenção do espírito de grupo.

Neemias desenvolveu um bom espírito de grupo de modo admirável. Ele uniu mais de quarenta grupos diferentes em uma unidade (Neemias 3). Eles trabalharam juntos, em cooperação, cada grupo se complementando ou suplementando as forças e fraquezas dos outros grupos. Neemias pôde supervisionar estes grupos sem dar a idéia de que estava "policiando" os trabalhadores. Seu interesse bondoso para com eles fez com que fosse fácil trabalhar para ele. Quando o trabalho terminou, eles se regozijaram por aquilo que *eles* tinham realizado (Neemias 12:27-43). Eles sentiam ser parte integrante daquilo que ocorrera.

Espera-se de todos os líderes que estabeleçam *alvos*. O progresso em atingir esses alvos deve ser firme e persistente. Ao construir o muro de Jerusalém, Neemias começou com uma situação caótica (Neemias 2:17). Enquanto o trabalho progredia, ele avaliava o progresso (4:6; 6:1). Ele mantinha contato bem de perto com os diferentes grupos. Evidências de sua capacidade contínua em motivar os construtores podem ser vistas no fato de que *o povo se dispôs a trabalhar*. Quando os portões foram colocados, ele pôde documentar o término do primeiro objetivo com sucesso (6:15). Então ele prosseguiu em direção ao segundo alvo—objetivo que já tomava forma em sua mente—a consolidação do trabalho.

Em última análise, um líder tem de *dar o exemplo*. Isto exige dedicação, força, coragem, justiça, honestidade, paciência e persistência. Mais uma vez, Neemias se encontra à frente, dando o exemplo (Neemias 4:23; 5:14-18). Ele não era ávido por possessões (6:6-7; 7:2), nem estava ansioso por ter prestígio e uma corte esplêndida. Ele deu exemplo de piedade (8:9-10; 10:1; 12:31 em diante; 13:4-29) aos outros, para que o seguissem nisso.

Com tais qualidades, não é de surpreender que Neemias fosse um líder eficaz. Suas "memórias" explicam-nos a dinâmica do sucesso! Deus as incluiu, por sua graça, no cânone da Escritura Sagrada, a fim de que pudéssemos ter um modelo para seguir.

Notas

Introdução

[1]Bernard Ramm, *Protestant Biblical Interpretation* (Grand Rapids: Baker, 1970) pp. 30-31.

[2]A Bíblia relata três deportações sucessivas. Estas ocorreram em 605, 597 e 586 a. C.

Capítulo 1

[1]Alan Redpath, *Victorious Christian Service* (Westwood, N.J.: Revell, 1958), p. 23.

[2]Salmo 106:23

[3]A palavra hebraica *YHWH, Yahweh,* geralmente é traduzida Senhor na maioria das versões. Difere de outros nomes de Deus em que é empregada especialmente dele quanto à sua *relação de aliança* com Israel.

[4]O pensamento de Neemias devia estar saturado da Palavra de Deus porque ele cita trechos tais como: Deuteronômio 4:25-31; 5:10; 7:9, 21; 9:29; 30:1-5; Levítico 26:27-45; 1 Reis 8:29; 2 Crônicas 6:20, 36-40; 7:15; Salmo 130:2.

[5]Viscount Montgomery, *The Path to Leadership* (Londres: Collins, 1961), p. 10.

Capítulo 3

[1]George Rawlinson, *Ezra and Nehemiah: Their Lives and Times* (London: Nisbet, 1890) p. 94.

[2]Este fato é comprovado pelos papiros de Zenon e pelos restos do palácio e dos túmulos encontrados em "Araq el Emir", na Jordânia.

[3]Todo o conceito de temor, medo, será discutido no capítulo 8.

Capítulo 4

[1]Os únicos "viajantes" eram os que moravam fora da cidade (ver Neemias 4:12).

[2]Neemias 4—6 fala de uma série de crises que surgiram enquanto a reconstrução dos muros estava em andamento.

[3]Mesulão, filho de Berequias, fazia os seus reparos "em frente de sua cela"—uma pequena casa de um cômodo. Não era solteiro, pois em Neemias 6:18 vemos que ele tinha uma filha em idade de casar. É provável que ele morasse fora da cidade e deixava a esposa no seu lar quando os negócios o levavam para a cidade.

Capítulo 5

[1]Citado por Lester R. Brittel, *Management by Exception* (New York: McGraw-Hill, 1964), p. 65.

[2]Sambalá ridiculariza os judeus perante o "exército da Samaria"—

os militares locais compostos dos homens influentes da cidade e os residentes da província.

[3]A maioria dos autores crê que aqui Sambalá se refira à oferta de sacrifícios no início da obra. Esta idéia é sustentada pela antiga literatura pagã e tem como base a idéia de que se sacrifícios suficientes são feitos, as divindades invocadas auxiliarão os construtores e farão prosperar seus esforços. Neemias, porém, tinha começado o trabalho no muro. Quase metade de sua altura estava erguida. Parece mais provável, portanto, que aqui Sambalá se refira ao oferecimento de sacrifícios no término do programa de construção. Isto se encaixa com a próxima pergunta: "Será que são capazes de terminar dentro de um dia?", que deixa subentendido que sua "fraqueza" os impediria de cumprir o que tinham resolvido.

[4]Este é um exemplo de oração imprecatória—a invocação do mal sobre outra pessoa.

[5]Exemplos de imprecações podem ser achados no *Ancient Near Eastern Texts* de J. B. Pritchard (Princeton: Princeton University Press, 1959); e D. J. Wiseman, *The Vassal Treaties of Esarhaddon* (London: British School of Archeology in Iraq, 1958).

[6]C. F. Keil, *The Books of Ezra, Nehemiah and Esther* (Grand Rapids: Eerdmans, s.d.), p. 201.

[7]*The Path to Leadership*, p. 11.

Capítulo 6

[1]O texto do versículo 8 apresenta algumas dificuldades. Geralmente se traduz "causar confusão" [fazer maldade] nela (na cidade). Esta idéia não é gramatical e sugestão melhor seria traduzir o trecho como se segue: "Causar confusão *a mim*" (menosprezar a liderança de Neemias). Isto oferece uma solução plausível a um problema de interpretação que de outra forma seria difícil.

[2]O texto hebraico é pitoresco. Lê-se literalmente "um curativo foi feito" nos muros da cidade.

[3]Um exemplo de um objeto de medo impróprio encontra-se em Números 13:21-29. Os filhos de Israel temiam o que poderiam encontrar em Canaã. O objeto de medo certo deveria ter sido o Senhor (Números 13:30—14:25, 36-37). Certamente Neemias estava familiarizado com este e outros incidentes na história de seu povo.

[4]Iminência—o poder de tomar controle de nossas vidas.

[5]A capacidade que Neemias teve de reordenar suas prioridades será revista no próximo capítulo.

Capítulo 7

[1]Conforme o versículo 11, juros eram cobrados pelos agiotas à taxa

de 1% ao mês, ou 12% ao ano. Naqueles tempos isso era taxa excessivamente alta!

[2]O profeta Ageu descreve a condição do povo de Judá antes do tempo de Esdras e Neemias. Seu materialismo separava-os do Senhor. Como resultado, ele começou a frustrar as expectativas que eles tinham (Ageu 1:4-6, 9-11; 2:16-19). Eles semeavam muito mas colhiam pouco. Tentavam gozar a vida mas nunca pareciam ser realmente felizes. O dinheiro que ganhavam parecia ir para bolsos furados (isto é, nunca podiam economizar e planejar para o futuro. Alguma coisa sempre consumia os seus ganhos). Se a condição descrita por Ageu continuou por algum tempo, a situação dos que se encontravam em Judá poderia facilmente enquadrar-se na descrição dada em Neemias 5:2-6.

[3]A palavra *contender* (Neemias 5:7) denota um conflito de opinião como também de método de abordagem.

Capítulo 8

[1]Sistemas doutrinários diversos têm exagerado ou o *temor* ou o *amor* de Deus. Erros que surgem em volta desses ensinamentos afetam a felicidade, o senso de bem-estar e a capacidade de responder à graça de Deus. O exagero do *temor* (medo) de Deus resulta em legalismo, (ou seja, uma série de regras ou código moral), que se torna padrão. Quando temos regras impostas pelo homem (um objeto errado de temor), temos algo parecido com o estabelecimento de uma divindade falsa como o que se encontra no culto ritual ou nas crenças supersticiosas das religiões pagãs. A mesma coisa ocorre quando há ênfase exagerada no *amor* de Deus. Aqueles que enfatizam o amor de Deus mas se esquecem de seus outros atributos, fazem um "deus" para si mesmos que tolera suas práticas erradas e não os pune pelos pecados (Romanos 1:18-32). Isto leva à licenciosidade e se assemelha ao culto sensual de muitas religiões pagãs. Ambos os sistemas se encontram em movimentos modernos em que a ênfase está ou no credo (dogma) da igreja ou seita, ou onde a ênfase está sobre a "liberdade" e há redefinição de princípios éticos como no caso do liberalismo teológico. Em nossas igrejas conservadoras, nas quais ainda há forte ênfase evangélica e a conduta é "regulamentada", as pessoas freqüentemente são licenciosas em suas fantasias. Somente quando se coloca a Deus na posição suprema como Senhor é que podemos gozar perfeita liberdade.

[2]Outros trechos que falam deste tema são Romanos 8:15; Efésios 3:12; 6:5-6; Atos 9:21; Colossenses 3:2; 2 Coríntios 7:1 e Filipenses 2:12.

[3]Estas verdades importantes recebem uma explicação mais comple-

ta nos *Commentaries on the New Testament* de Charles Eerdman (Philadelphia: Westminster Press, 1916-36). Volumes separados existem da epístola aos Romanos e Primeira Epístola aos Coríntios.

Capítulo 9

[1](New York: Harper, 1964), p. 24.

[2]O hebraico contém o plural de *kaphar* e pode referir-se a um dos vilarejos da Planície de Ono. Por outro lado, *kepharim* pode ser o nome de um lugar (ver Esdras 2:25 "Quefira").

[3]Situada em direção da Filístia, onde os asdoditas, aliados de Sambalá, estão localizados.

[4]O livro de Maurice Wagner, *Put it all Together: Developing Inner Security* (1974) merece leitura cuidadosa!

Capítulo 10

[1]A *prudência,* diz Montgomery, é "o hábito de referir todas as questões à direção divina. Sobre esta virtude se ligará a sabedoria, a imparcialidade e o tato" . *Justiça,* diz ele, inclui "o hábito de dar a cada um, inclusive a Deus e ao próprio homem, o que é devido. Ligados a isto estão os deveres da religião, da obediência e da gratidão— também a integridade e boa vontade para com o próximo". A *temperança,* tão necessária em todas as formas de liderança, inclui "autocontrole, para o mais alto desenvolvimento da natureza do homem, e também para fins pessoais e socais. Ligadas a isto estão a pureza, a humildade e a paciência". Finalmente, ele descreve a *fortaleza* como "o espírito que resiste, perdura, e triunfa sobre as dificuldades e as tentações da vida. Ligados a isto estão a coragem moral, o trabalho proveitoso e a autodisciplina". Ver *The Path to Leadership,* p. 13.

[2]Creio que nenhum sistema ético, por melhor que seja fundamentado ou tenha intenções boas, poderá suportar as pressões externas a não ser que seja formado e moldado pela Palavra de Deus.

[3]Compare Neemias 10:8; 12:42. Semaías certamente ocupava lugar de destaque na comunidade e tinha a confiança de Neemias. Um homem de menos importância não teria sido escolhido para a tarefa de ameaçar o governador. Semaías aparentemente fingiu ser profeta. Esta não seria a primeira vez em que um sacerdote, fingindo possuir o dom da profecia, tinha-se vendido ao inimigo e mentido a fim de ter lucros financeiros (ver 1 Reis 22:22).

[4]Isto é, "para salvar sua vida".

[5]Compare o Salmo 15:1-5; 26:1-3; 28:7; Provérbios 11:3, 4; Isaías 33:15-16; Ezequiel 18:5-9.

[6]É interessante notar que Neemias nunca diz mais do que realmen-

te aconteceu. Em 6:1 seus inimigos falavam do muro como se já estivesse completado. Neemias sabia, porém, que os portões não tinham sido colocados. A seu ver, a tarefa não estava acabada. Só quando tudo tinha sido terminado é que ele escreve sobre o sucesso final da obra (6:15).

Capítulo 11

[1]Os guardas dos portões e cantores eram Levitas (Esdras 2:40-42, 70; 7:24; 10:23-24; Neemias 7:43-45, 73; 10:28; etc.). Os sacerdotes e levitas formavam metade da população de Jerusalém (ver Neemias 11:6-19; 1 Crônicas 9:9-22). A responsabildade de guardar o templo e sua área tinha sido tarefa tradicionalmente designada a eles (1 Crônicas 9:17-22; 26:12-19).

[2]C. F. Keil em *The Books of Ezra, Nehemiah and Esther* demonstra a surpreendente exatidão destas listas. John J. Davis, em *Biblical Numerology* (1968) discorre sobre as dificuldades enfrentadas por aqueles que tentam reconciliar estes documentos antigos. A lista de Neemias 7, embora feita muitos anos antes de Neemias ser designado governador, dá evidências de ter sido compilada *depois* que o povo chegou à "terra além do rio". Reflete mudanças que a lista de Zorobabel não poderia conter.

[3]Neste capítulo, refere-se a Neemias como o *tirshathah*, título persa que traz consigo a idéia de poder e dignidade, indicativo da extensão do domínio do governador (ver Neemias 7:65, 70; 8:9). É evidente que estes versículos foram anotados por outra pessoa, pois quando Neemias fala de si mesmo, usa o termo *pechah* (Neemias 5:14, etc.). O fato de outra pessoa (possivelmente Malaquias) ter escrito estes versículos (e capítulos 8—10) não significa que sejam de menos valor ou não sejam inspirados. O Espírito Santo superintendeu a sua composição e dirigiu Neemias na inclusão deles em suas "memórias".

Capítulo 12

[1]*Christianity Today* (1965), p. 817. Usado com permissão.

[2]Existe um paralelo interessante a estes eventos nos começos da história dos Estados Unidos. A importância da Palavra de Deus nas vidas das pessoas foi ousadamente afirmada por Thomas Jefferson. Ele declarou: "A Bíblia é a pedra fundamental da liberdade." Andrew Jackson disse: "A Bíblia é a rocha sobre a qual nossa República se assenta." A importância de princípios bíblicos são para o estabelecimento de qualquer sistema de governo foi ressaltada por A. Mervyn Davis em *Foundation of American Freedom* (1955).

[3]Duas festas e um jejum eram guardados em Jerusalém durante o mês de Tisri. No primeiro dia do mês havia a festa das trombetas

(Levítico 23:23-25; Números 29:1-6). Dez dias mais tarde esta festa era seguida de um jejum—o Dia de Expiação (Levítico 16:29 em diante; 23:7; 25:9). Depois disso vinha a festa de uma semana inteira, Festa dos Tabernáculos (Levítico 23:24, 39, 41).

[4]Entre os sacerdotes está um cujo nome é Urias (Neemias 8:4; ver 3:4, 21). Urias é também mencionado em Esdras 8:33. O aparecimento de seu nome em ambos os livros é de significado histórico. Certa escola de críticos da Bíblia tem dito que o livro de Esdras vem *depois* de Neemias e deve ser datado em cerca de 398 a. C. Mas o ponto interessante quanto a Urias é que ele era pai e ativo no tempo de Neemias, e seria pouco provável que continuasse vigoroso até o suposto tempo da chegada de Esdras em Jerusalém se isso tivesse realmente ocorrido 50 anos mais tarde. É preferível dar a data da chegada de Esdras em Jerusalém em 458 a. C., treze anos *antes* do tempo de Neemias. Como tantas vezes acontece, a própria cronologia da Bíblia é mais digna de confiança e razoável do que a cronologia superimposta de seus críticos.

[5]Compare Neemias 10:30 e Êxodo 34:16; Neemias 10:31 e Levítico 25:2-7; Neemias 10:35-39 e Levítico 27:30; Números 15:20-21; 18:11-32.

[6]"E os ouvidos de todo o povo são para a palavra" é tradução literal do texto hebraico. A Lei que Esdras leu foi escrita em hebraico, enquanto o povo falava aramaico. É certo que há grande semelhança entre as duas línguas semíticas. Mas alguns do povo certamente nunca conseguiram dominar o hebraico. Esdras, portanto, tem levitas estacionados em pontos estratégicos para "explicar a Lei ao povo". Isto é feito traduzindo aquilo que Esdras está lendo e explicando (fazendo exposição) o seu significado. O fato de que o povo está "em pé nos seus lugares" indica que estão divididos em grupos. Isto facilita muito o ensino da Palavra.

[7]Nos capítulos 8-10, Neemias toma "um lugar secundário" e deixa as questões quase totalmente nas mãos dos sacerdotes.

[8]O povo vem a Esdras para ser instruído nas "palavras da lei". Querem *compreender* como ela se relaciona com suas vidas. A palavra hebraica *l'haskil* significa "dar consideração inteligente a" (ver Salmo 101:2; Daniel 9:13). A mente tem de ser iluminada antes que a vontade possa corresponder.

[9]A festa dos tabernáculos olhava *para trás*, para o tempo do Êxodo e lembrava aos judeus a peregrinação de seus pais no deserto. Olhava também *para o futuro*, para o seu estabelecimento na terra sob o Messias prometido. Para um resumo conciso do significado profético das festas de Israel, ver o livro do autor, *Searching for Identity* (1975), pp. 48-49. Os judeus do tempo de Neemias guardavam esta festa em

escala maior do que tinha sido feito desde os dias de Josué, quase mil anos antes.

[10]Os israelitas havia muito sofriam sob mãos opressoras dos de Samaria. Mesmo agora são numericamente inferiores a seus inimigos. Sua necessidade de unidade—espiritual e nacional—é óbvia. Horace Greenly ressaltou: "É impossível escravizar mental ou socialmente um povo que lê a Bíblia."

Capítulo 13

[1]A festa dos tabernáculos durava dos dias 15 a 22 de Tisri. O dia especial de penitência descrito em Neemias 9 não foi marcado para o dia 23 do mês (que restava como transição entre júbilo e tristeza), mas era celebrado no dia 24. A festa dos tabernáculos simbolizava a bênção de Israel no Milênio sob seu Messias. Era tempo de alegria. A condição presente do povo estava bem longe da alegria dos eventos celebrados na festa. Quando se encontravam no dia 24 de Tisri, era para guardar um jejum.

[2]O pacto abraâmico prometeu a Abraão e seus descendentes uma terra, Canaã; uma semente, Isaque, através de quem viria o Messias; e bênção pessoal, nacional e universal. Abraão morreu sem ter recebido tudo o que Deus lhe prometeu (Hebreus 11:39-40). No milênio, porém, após a ressurreição dos mortos justos (Daniel 12:2-3), ele e os demais santos do Antigo Testamento receberão cumprimento total de tudo o que Deus prometeu dar-lhes.

[3]A bênção sobre Israel como nação era sob condição de que eles obedecessem, conforme Êxodo 19:5; 23:22; Levítico 26:3-43; Deuteronômio 7:9, 12-15; 11:26-28; 15:4-5; 28:1-14; Salmo 103:17, etc.

[4]Vê-se o repúdio da aliança por Israel no versículo 18. Não só deram o primeiro passo para a idolatria, como também não mais se referiam à divindade que adoravam como *Yahweh* (Senhor). A palavra usada neste versículo é *Elohim*, "Deus", e seu emprego implica um afastamento de sua relação especial de aliança.

[5]Os conteúdos da aliança serão assunto de nosso próximo capítulo. Nossa preocupação no capítulo 9 de Neemias está em aprender as lições históricas.

Capítulo 14

[1]É significativo que a Septuaginta (tradução das Escrituras Hebraicas para o grego) não emprega a palavra *suntheke* (um pacto ou uma aliança entre iguais) quando traduz este trecho, mas sim a palavra *diatheke*, termo usado para indicar uma obrigação unilateral.

[2]Documentos legais eram normalmente reconhecidos por um escriba e testemunhas, com o secretário de um oficial importante

tendo assinado em segundo lugar. Ver J. B. Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts* (1959) pp. 219-223.

[3]Por outro lado, se Esdras assinasse pela casa de Seraías, então Eliasibe, o sumo sacerdote, estaria entre aqueles que se recusaram a assinar o pacto (compare Neemias 10:2-8 e 12:1-7). *Os que seguem o "e" em 12:6 não assinaram o pacto.*

[4]Sua própria história tem demonstrado a loucura do casamento misto. Ver Êxodo 23:32-33; 34:12-16; Deuteronômio 7:3; Josué 23:12-13; Juízes 3:6-8; 1 Reis 11:4; Esdras 9:2).

[5]O sábado, Êxodo 20:8-11; Deuteronômio 5:12-15; anos sabáticos, Êxodo 23:10-11; compare Levítico 25:2-7; Deuteronômio 15:1-18; o cancelamento de todas as dívidas, Êxodo 21:7; 22:25-27; Levítico 25:39-40; Deuteronômio 15:10-13. Ver R. DeVaux, *Ancient Israel* (1961), pp. 475-482.

[6]As Escrituras do Antigo Testamento estão permeadas de trechos relacionados aos diferentes itens mencionados nestes versículos. Ver Êxodo 25:30; 39:38-42; Levítico 4:1-5; 6:12 em diante; 23; 24:5-9; 25:2-7; Números 15:22-29; 28:3-29: 9; etc. Ver também R. DeVaux, *Ancient Israel* (1961), pp. 322-330, 387-405.

Capítulo 15

[1]Em Israel, o lançar de sortes era um meio pelo qual o povo determinava a vontade de Deus (Números 26: 55-56; Josué 7:16, 18; 1 Samuel 10:19-21; 1 Crônicas 24:5; 25:8). Outras civilizações antigas também empregavam esse método (por exemplo, na Grécia, para determinar entre dois candidatos para cargo público) mas nenhum com a garantia da aprovação divina.

[2]Neemias 11:9 não é apenas difícil de traduzir, como também é difícil de interpretar. Se Joel representava apenas os benjamitas, quem representava o povo de Judá? Se Judá, filho de Senua, era segundo em comando na cidade, quem era o primeiro comandante? A frase "segundo em comando" poderia significar "estava sobre o segundo quarto" da cidade (ver 2 Reis 22:14). Parece preferível, portanto, interpretar este trecho à luz de 7:1-4. Feito isto, resulta, uma *divisão adequada de responsabilidade,* como também *subordinação correta de autoridade.*

Capítulo 16

[1]A inclusão da palavra *"e"* no versículo 6 é significativa. Quando comparamos este trecho com Neemias 10, parece que os nomes que seguem "e" representam os das famílias do sumo sacerdote que *não* assinaram a aliança.

[2]Para uma discussão mais detalhada do problema, ver *Survey of the*

Old Testament Introduction, de Gleason L. Archer, (1974) pp. 410-416.

[3]Uma das melhores histórias da Igreja em um só volume que podemos encontrar atualmente é de Earle E. Cairne, *Christianity Through the Centuries* (1954).

[4]D'Aubigné era teólogo evangélico francês e alcançou justificável fama por seus livros *História da Reforma na Europa* e *História da Reforma na Inglaterra*. Material extraído de sua *História da Reforma no Século Dezesseis* foi incorporado ao popular *Life and Times of Martin Luther* (Vida e época de Martinho Lutero).

[5]Ver Gênesis 25:2 em diante; Números 8:21 em diante; 1 Crônicas 15:14; 2 Crônicas 29:15; 35:6; Esdras 6:20; Neemias 13:22; Malaquias 3:3.

[6]Em 1 Coríntios 7:1-5 o apóstolo Paulo oferece direção semelhante quanto ao modo de agir com essa espécie de conduta. Ele enfatiza o fato de que crentes devem *parar de privar* um ao outro de seus direitos conjugais, exceto por mútuo consentimento por um período limitado de tempo a fim de se devotarem à oração. Deverão juntar-se novamente para que Satanás não os tente por falta de autocontrole. Sexo é idéia de Deus. É parte integrante de todo relacionamento conjugal. O abster-se do sexo deverá ser, portanto, por consentimento mútuo e somente com o propósito de devotar-nos sem reservas à oração. A abstinência deve ser apenas por tempo limitado.

[7]Provavelmente ofertas de gratidão.

Capítulo 17

[1]É válido fazer a pergunta: O que aconteceu com Hanani durante a ausência de Neemias? Das possíveis respostas, duas são dignas de consideração. (1) Ele pode ter sido removido do cargo por Eliasibe ou por aqueles ligados ao sumo sacerdote logo que Neemias foi para a Babilônia. Também pode ser uma comunicação de Hanani que trouxe Neemias de volta a Jerusalém. Ou (2) ele pode ter morrido nos doze anos de intervalo. Não há menção de Esdras em Neemias 13 e é provável que Esdras também tenha passado para o seu galardão eterno.

[2]Os interessados em investigar mais o tema devem ler *The Land of Life and Rest* do Dr. W. Graham Scroggie (London: Pickering and Inglis, s.d.) e o artigo do Dr. Merrill F. Unger sobre o sábado ("sabbath") no *Unger's Bible Dictionary*.

[3]Era a este lugar de adoração que a mulher samaritana se referia quando disse ao Senhor Jesus: "Nossos pais adoravam neste monte" (João 4:20). Ver H. A. Ironside, *Lectures in the Book of Acts* (New York,

Loizeaux Bros., 1943), pp. 176-185; e Josefo, *História dos Hebreus,* XI:8.2, 4.

Capítulo 18

[1]O palácio de Susã foi construído por Dario I, mas aumentado e embelezado por outros reis mais tarde. É muito provável que Neemias tenha observado este ou outro prédio sendo erigido ou modificado. De qualquer modo, ele teve amplas oportunidades de aprender dos grandes construtores da Babilônia algumas técnicas que o auxiliariam na reconstrução do muro de Jerusalém.

Cyril J. Barber

Neemias

e a dinâmica da liderança eficaz

Neemias pode ajudar você a ter êxito em seu trabalho!

O Autor Cyril Barber diz:
"Do livro de Neemias aprendi
como planejar meu trabalho. . .
organizar o meu tempo e os meus recursos. . .
integrar minhas tarefas no funcionamento total da companhia. . .
motivar a outros. . .
avaliar os resultados. . .
a importância de estabelecer alvos realistas. . .
o que fazer antes de atingir os meus objetivos."

No livro de Neemias, Deus proporcionou diretrizes sobre:
Como solucionar problemas da média administração. . .
Como lidar com a oposição. . .
O que fazer ao assumir um novo cargo. . .
Como proceder em situações delicadas. . .
A importância e o valor prático das convicções religiosas na administração eficaz.

*Em tudo isso, e muito mais,
Neemias pode ajudar você!*

ISBN 85-7367-335-4